

O "PRÉ-CERÂMICO" DO BRASIL CENTRAL E NORDESTE

Enquanto os sítios pré-cerâmicos (ou sem cerâmica) estudados nos estados meridionais são, sobretudo, ocorrências a céu aberto, as pesquisas no Brasil central e Nordeste privilegiaram os abrigos, muito numerosos e intensamente aproveitados pelos homens pré-históricos nessa região. Dessa forma e em razão das boas condições de preservação dos vestígios orgânicos nesses locais, dispõe-se de maiores informações sobre os restos ósseos humanos, vestígios alimentares e instrumentos de osso. Bem mais numerosos, ricos e variados que aqueles do sul do Brasil, os conjuntos rupestres dessa região fornecem algum acesso ao imaginário e às relações entre grupos vizinhos. Em compensação, os abrigos são mais ligados a aspectos ritualísticos que à vida cotidiana. As recentes pesquisas de contrato, realizadas essencialmente em zonas abertas, permitem reequilibrar esse quadro.

Para esse período, abrangeremos, no estudo do Brasil "Central e Nordeste" algumas regiões limítrofes da hileia amazônica – por exemplo, a região de Palmas, no estado do Tocantins.

Não foram definidas tradições regionais a partir das indústrias líticas para o Brasil central e Nordeste, apenas foi proposta uma tradição generalizada com valor cronológico (*Itaparica*), que corresponde ao início do Holoceno. Isso não significa que as indústrias do Holoceno pleno sejam homogêneas, pelo contrário, aparecem à primeira vista grandes diferenças de uma região para outra. Elas podem, no entanto, ser enganosas, pois refletem também a utilização de matérias-primas locais de qualidades extremamente díspares: sílex e silexites, quartzo de filão e monocristalino, arenitos arcoseanos, arenitos silicificados e quartzitos, etc. Independentemente do seu saber técnico herdado, os lascadores tinham que adaptar seu trabalho às peculiaridades dessas rochas e, também, às dimensões dos materiais (blocos, nódulos, cristais e seixos) disponíveis.

Como dissemos anteriormente, a presença ou ausência de pontas líticas não parece ser um critério aproveitável para definir conjuntos tecnológicos ou étnicos, pois, nos raros sítios onde aparecem, são sempre pouco numerosas. Por exemplo, para milhares de peças líticas coletadas em cada um de vários sítios da Serra do Cipó, de Lagoa Santa, do Vale do Rio Peruaçu, de Buritizeiro, etc., onde realizamos escavações de grandes superfícies, encontramos apenas meia dúzia de exemplares – embora resíduos da sua fabricação pudessem ser reconhecidos, inclusive em sítios onde não achamos pontas (tal como a Lapa do Dragão, em Montalvânia). Esses objetos não eram facilmente abandonados nos abrigos, nem nos poucos sítios abertos escavados, a não ser que eles se quebrassem durante sua fabricação ou reforma. Mesmo nos sepultamentos, são pontas ósseas, e não líticas, que pudemos encontrar.

O instrumental ósseo e conchífero, por sua vez, apresenta as mesmas características em toda a região. Quanto às manifestações rupestres, foram agrupadas em vários conjuntos (também chamados "tradições", alguns dos quais subdivididos em subtradições, estilos, fácies e complexos) que os arqueólogos tentam, com dificuldade, correlacionar com os vestígios enterrados.



Considerando a dificuldade de construir um panorama sintético e unificado do Brasil central, apresentaremos os conhecimentos de forma regionalizada. Veremos sucessivamente o centro do estado de Minas Gerais, o norte do mesmo estado e o sul do estado de Goiás, o Triângulo mineiro e o Médio Tocantins.

O centro do estado de Minas Gerais

Examinaremos aqui o *carste* de Lagoa Santa e a serra quartzítica do Espinhaço, situada ao norte do carste e que se estende em direção à Bahia. Enquanto a região de Lagoa Santa foi estudada desde o século XIX por P. W. Lund e pelas sucessivas missões (americano-brasileira, franco-brasileira e pelo projeto "Origem e microevolução do Homem na América", da USP) interessadas em buscar vestígios das populações americanas mais antigas, a região quartzítica foi abordada apenas no final do século XX (Serra do Cipó, Montes Claros) e início do século XXI (Alto Jequitinhonha – região de Diamantina e Jequitaiá) por equipes que reuniam pesquisadores da UFMG e da Missão Francesa. Chama-se carste o tipo de relevo observado em regiões calcárias. Nelas se desenvolvem feições naturais originais, tais como *dolinas* (depressões fechadas formadas por dissolução), *poljes* (planícies formadas pela coalescência de dolinas), lagoas (nas depressões fechadas), abrigos e grutas de grande extensão. A drenagem é frequentemente subterrânea, pois as águas se infiltram no calcário poroso e fraturado.

Dividiremos o período pré-cerâmico da região em três grandes momentos: o Holoceno antigo (ca. 10.000/8.000 BP), médio (ca. 8.000/4.000) e recente.

Pleistoceno terminal e Holoceno antigo (entre 11.500 e 8.000/7.500 BP)

Vimos, no capítulo 6, que raros são os indícios de presença humana anteriores a 10.500 BP. A partir dessa data, os abrigos dessa região apresentam fartos vestígios datados entre 10.500 e 7.500 BP (em sua grande maioria, entre 9.500 e 8.000 BP). Entre eles destacam-se Cerca Grande VI (escavado por W. Hurt e O. Blasi); Lapa Vermelha IV; Santana do Riacho (A. Laming-Emperaire, A. Prous); Lapa do Santo e das Boleiras (W. A. Neves); Lapa Pequena (A. Bryan e P. Junqueira; L. Bueno e A. Isnardis) e Lapa Pintada (L. Bueno e A. Isnardis) de Montes Claros; Bibocas II de Jequitaiá (M. J. Rodet) e Lapas do Caboclo e do Boi, em Diamantina (A. Isnardis). Ainda não publicadas, as pesquisas nas Lapas do Niactor (escavações de A. Araújo) e do Fogão (realizadas sob a direção de R. Kipnis, da Scientia) devem trazer também importantes informações sobre a transição entre o Pleistoceno e o Holoceno.

Embora os abrigos certamente não fossem os principais locais ocupados pelas populações, foram intensamente frequentados nessa época e são eles que fornecem a quase totalidade das informações de que dispomos sobre os antigos moradores. Nesses abrigos, os vestígios são encontrados em sedimentos pulverulentos cinzentos. Ricos em carvão, parecem ter origem antrópica. Alternam-se, por vezes (Boleiras), com lentes de argila de descarbonatação que poderiam indicar episódios de relativo abandono.

Nesse período antigo, observam-se, nesses locais, tanto sepultamentos quanto restos de fabricação de pedra e de osso, assim como alguns restos de subsistência. As pesquisas recentes mostram, no entanto, que esse fenômeno generalizado não deve esconder diferenças entre as populações de cada região, que são visíveis através tanto das indústrias quanto dos rituais funerários.

As indústrias líticas e de osso (figs. 37 e 38)

A região focalizada é o primeiro produtor mundial de monocristais de quartzo. Assim, não é de se estranhar que mais de 80% dos vestígios líticos lascados encontrados sejam dessa matéria-prima – mesmo que tivesse de ser trazida de alguns quilômetros, como ocorre em Lagoa Santa. Plaquetas de quartzito, provenientes da

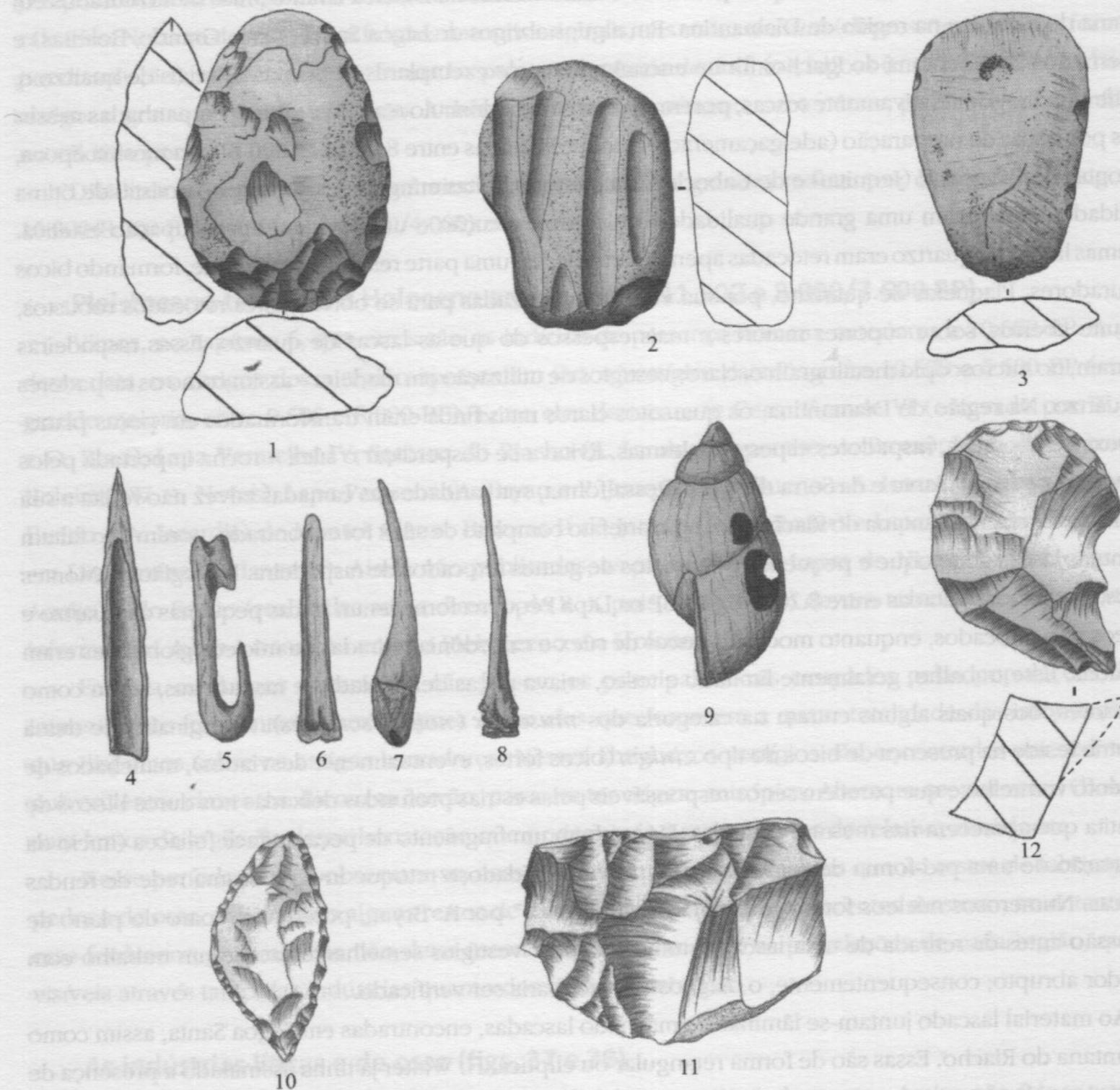
Serra do Espinhaço, eram também trazidas para Lagoa Santa. Perto de Diamantina, os quartzitos de grão fino foram intensivamente lascados. Sílex e calcedônia, raros na maior parte do centro de Minas Gerais, só foram aproveitados de forma significativa nos abrigos de Montes Claros, onde dividem o primeiro lugar com o quartzo. A grande maioria dos vestígios líticos é, portanto, formada por lascas de quartzo. Enquanto nos abrigos de Cerca Grande e de Santana do Riacho verificamos a predominância da debitage bipolar de cristais pequenos ou de quartzo leitoso, F. Pugliese teria encontrado, nas Lapas do Santo e das Boleiras, uma grande maioria de lascas retiradas por percussão direta. O tamanho das lascas de debitage parece ligado às dimensões dos cristais disponíveis nas redondezas, ou à proximidade das jazidas: geralmente menores de dois centímetros na Lapa de Boleiras, um pouco maiores na Lapa do Santo (Lagoa Santa), cerca de três centímetros em Santana do Riacho (Serra do Cipó, uma parte meridional do Espinhaço), enquanto em Diamantina o sítio do Garimpo apresenta muitas lascas com cerca de cinco centímetros. De modo geral, as lascas maiores de dois centímetros parecem ter sido selecionadas para utilização, seja diretamente (nas Lapas do Santo e de Boleiras), seja retocadas em forma de raspadores – bastante toscos em Cerca Grande, mas muito curados em Santana do Riacho e na região de Diamantina. Em alguns abrigos de Lagoa Santa (Cerca Grande, Boleiras) e na Serra do Cipó (Santana do Riacho) foram encontrados raros exemplares de pontas bifaciais de quartzo e, até, de sílex; são relativamente toscas, porém apresentam pedúnculo e aletas e vêm acompanhadas nesses sítios por lascas de preparação (adelgaçamento e retoque) datadas entre 8.000 e 10.000 BP. Na mesma época, as pontas de Bibocas II (Jequitai) e do Caboclo (Diamantina), feitas em grandes suportes de cristal de ótima qualidade, evidenciam uma grande qualidade técnica de execução e uma evidente preocupação estética. Algumas lascas de quartzo eram retocadas apenas para adaptar uma parte restrita do seu gume, formando bicos ou furadores. Plaquetas de quartzito, por sua vez, eram utilizadas para se obter gumes retocados robustos, bastante abertos, sobre suportes maiores e mais espessos do que as lascas de quartzo. Essas raspadeiras mostram, no microscópio metalográfico, claros vestígios de utilização em madeira – assim como os raspadores de quartzo. Na região de Diamantina, os quartzitos claros mais finos eram transformados em peças plano-convexas elaboradas, raspadores espessos e lesmas. Evitava-se desperdiçar o sílex – rocha importada pelos moradores de Lagoa Santa e da Serra do Cipó. Dessa forma, sua raridade nas camadas talvez não reflita a sua real importância. Em Santana do Riacho, nenhum artefato completo de sílex foi encontrado, porém não faltam diminutas lascas de retoque e pequenos fragmentos de gumes retocados de raspadeira. Na região de Montes Claros, as camadas datadas entre 8.200 e 7.600 BP na Lapa Pequena forneceram lascas pequenas de quartzo e núcleos não retocados, enquanto modestas lascas de sílex e calcedônia retiradas de núcleos globulares eram retocadas. Esse trabalho, geralmente limitado e tosco, criava peças denticuladas e raspadeiras, assim como raspadores, dos quais alguns entram na categoria dos *museaux* (*noised scrapers*). A originalidade dessa indústria reside na presença de bicos do tipo *zinken* (bicos fortes, eventualmente desviados), manchados de pigmento vermelho e que parecem ser os responsáveis pelas estrias profundas deixadas nos duros blocos de hematita que aparecem nas mesmas camadas. Há também um fragmento de peça uniface foliácea (início da preparação de uma pré-forma de ponta?), mostrando um cuidadoso retoque invasor e uma rede de fendas térmicas. Numerosos núcleos foram considerados “utilizados” por A. Bryan, porém o preparo do plano de percussão antes da retirada de uma lasca costuma provocar vestígios semelhantes ao de um trabalho com raspador abrupto; conseqüentemente, o diagnóstico precisaria ser verificado.

Ao material lascado juntam-se lâminas de machado lascadas, encontradas em Lagoa Santa, assim como em Santana do Riacho. Essas são de forma retangular ou elíptica. H. Walter já tinha assinalado a presença de lâminas lascadas com apenas o gume polido nos níveis pré-cerâmicos de Lagoa Santa, mas deve-se considerar a possibilidade de tratar-se de peças em curso de fabricação, ainda incompletamente polidas (fig. 37 -1). Esses machados semipolidos mais longevos da região, geralmente feitos de hematita (Cipó) ou de rochas

básicas (Lagoa Santa), são, juntamente com uma peça da Serra da Capivara, os mais antigos indicadores de polimento de instrumentos líticos no Brasil, se não na América.

Nos níveis do Holoceno antigo são encontrados também numerosos batedores e bigornas feitos com seixos de rochas ultrabásicas e de gnaiss (Boleiras, Santana), que abundam nos rios que drenam a periferia da região de Lagoa Santa. Na Lapa Pequena de Montes Claros, as bigornas foram feitas com blocos maciços de calcário. Em vez de depressões cupuliformes, mostram pequenas superfícies circulares polidas, quase planas, brilhantes e oleosas, de até dois centímetros de diâmetro. Obtivemos o mesmo resultado usando blocos de calcário para quebrar coquinhos; o óleo, que não era visível no final da utilização intensa, apareceu após meses de enterramento das peças.

Figura 37 - Pré-cerâmico de Lagoa Santa



1, 3- lâminas de machado; 2- polidor manual; 4, 7 e 8- furadores (4 osso, 7 e 8 chifre de veado); 5- anzol de osso; 6- espátula de osso metapodial; 9- plaina de conch
10- raspadeira dupla; 11 núcleo; (10 - 12, cristal de quartzo)

1 e 2- Abrigo Mãe Rosa; 3- Lapa Vermelha IV; 5- Lapa do Urubu; 4, 6, 7 e 8- abrigos diversos; 9- abrigo de Euclipto; 10 a 12- abrigos diversos

Também existem restos de pigmento vermelho (bloquinhos e pó de hematita), sem que se tenha, no entanto, elementos suficientes para relacioná-los a pinturas rupestres; veremos que eram fartamente utilizados durante os ritos funerários.

A indústria de osso inclui espátulas feitas de osso metapodial de cervídeo, pontas feitas a partir de diáfises seccionadas longitudinalmente, obtendo-se um corte transversal em forma de "U". Algumas pontas pequenas de Santana foram também feitas com osso de mamíferos menores. Uma ponta retocada de lascas de instrumento ósseo encontrada em Cerca Grande pertenceu provavelmente a um furador, assim como uma peça de Santana, que apresenta um desgaste típico de trabalho giratório. Vários furadores ou sovelas foram achados na Lapa das Boleiras. Anzóis curvos de osso, datados entre 9.500 e 8.500 BP, foram encontrados em Santana do Riacho e Boleiras. Esses objetos estão entre os mais antigos exemplares de anzol curvo conhecidos no mundo.

Subsistência

Os vestígios vegetais de subsistência são pouco variados. Em Santana, são essencialmente coquinhos de licuri (*Syagrus coronata*) queimados e caroços de pequi (*Caryocar brasiliense*).

Os restos de fauna, excluindo pequenos animais (roedores e lagartos) que vivem nos abrigos, evidenciam a captura de cervídeos (esses, sobretudo numerosos na Lapa do Santo, segundo F. Pugliese) e de tatus. Peixes e aves são bastante raros em ambos os sítios. Nota-se a ausência de restos de porco-do-mato e de anta, presas altamente apreciadas pelos indígenas históricos, mas que dificilmente aparecem nos restos alimentares e na arte rupestre do período holocênico do Brasil central, como se houvesse alguma proibição em relação a esses animais. Para R. Kipnis, o predomínio de animais menores nos restos ósseos, assim como o desgaste dentário (inclusive cáries) que caracteriza os esqueletos da população "de Lagoa Santa", confirmariam um sistema de subsistência típico de forrageiros. É preciso, no entanto, lembrar-se que, encontrados em abrigos, muitas vezes em contexto funerário, esses restos podem não ser em absoluto representativos da dieta cotidiana.

Os ritos funerários

A recorrente utilização dos abrigos de Lagoa Santa e da Serra do Cipó com fins sepulcrais nesse período faz com que se tenha uma ideia razoável dos rituais funerários nessa região.

"Luzia", cujos ossos carregados têm sido encontrados em nível arqueológico datado em cerca de 11.000 BP, não tinha sido sepultada: deve ter morrido acidentalmente no abrigo. Em compensação, numerosos enterramentos foram realizados em abrigos, entre 11.000 e 8.000 BP. Restos humanos tinham sido datados dessa época em Cerca Grande, Santana do Riacho e Caieras já na segunda metade do século XX. O programa de datação direto de esqueletos coletados desde o século XIX, realizado pela equipe da USP, verificou a mesma antiguidade para Boleiras (datados a partir de 9.640 BP), Lapa do Braga (9.780 BP), Lapa do Santo (a partir de 8.800 BP), Carrancas, Amoreira, Lagoa Funda, Escrivania 3, Baú 2 e Lapa Mortuária de Confins (desde pelo menos 8.800 BP, com uma datação questionada de 11.990 BP). A datação de 12.976 BP obtida para os ossos do sepultamento 5A de Santana do Riacho, por sua vez, é certamente inadequada, pois a posição estratigráfica indica uma antiguidade inferior a 9.000 BP.

Nem todos os abrigos, no entanto, foram utilizados; e, mesmo nos sítios usados para finalidades funerárias, certos espaços podiam ser reservados aos mortos, enquanto outros o eram para os vivos. Isso ocorre em Santana do Riacho, onde o abrigo superior forma uma absidíola ocupada então em seu centro por uma grande laje abatida, ao redor da qual se concentram os sepultamentos. Quase não há outros vestígios de ocupação nos níveis contemporâneos, fora das covas; trata-se, portanto de um verdadeiro cemitério. A parte abrigada meridional, por sua vez, separada do cemitério por duas rampas e por um pequeno patamar intermediário, apresenta uma grande densidade de restos de ocupação (fig. 39).

Tanto em Cerca Grande quanto em Santana do Riacho, a forma mais comum de sepultamento é primária, com o corpo fletido depositado em fossa, uma das mãos frequentemente apoiada na parte frontal da cabeça. Em Santana, o fundo da fossa podia ser uma camada de pedras dispostas, ou um leito de cinzas e carvões. A fossa era preenchida por sedimento pulverulento (proveniente da escavação da cova), misturado com uma grande quantidade de pigmento em pó vermelho ou marrom, colorindo violentamente as covas e impregnando por vezes os ossos do esqueleto – sobretudo no caso de sepultamentos infantis. As cinzas e carvões eram provenientes de fogueiras acesas durante a cerimônia. Eram jogados ainda quentes, afetando por vezes os ossos da face ou das mãos e trincando os dentes. Ao redor e em cima dos corpos eram dispostos pequenos blocos de tamanho decimétrico. Uma pedra podia servir de “almofada”. Ainda em Santana, alguns dos corpos mais tardios – não datados, mas que parecem ainda pertencer a esse período – estavam embrulhados em uma rede de cordas trançadas, forrada com entrecasca. No mesmo sítio, caroços carbonizados de pequi e conchas de *Strophocheilidae* acompanhavam os sepultamentos de estação úmida. Fora alguns colares feitos de pequenas sementes de *Cyperaceae* perfuradas (*Scleria sp.*), foram achados poucos artefatos (algumas pontas ósseas e lascas de quartzo – essas, frequentemente manchadas de pigmento amarelo) junto aos esqueletos. Mesmo assim, poderiam ser provenientes do sedimento no qual as covas tinham sido cavadas, embora esse fosse quase estéril. Encontram-se quase sempre nas covas placas dérmicas de tatu (seja do gênero *Euphractus*, seja *Dasybus*), que poderiam sinalizar a utilização de cestos feitos com a casca desses animais.

Na Lapa do Santo, A. Strauss descreve uma situação bem diferente, com a presença de outros dois modos de sepultamento.

No início do período (8.800/8.200 BP), predominam os depósitos dos ossos pós-cranianos, ordenados em “fardo”, cada um com os restos de um indivíduo adulto, acompanhados pelo crânio de um jovem; ou o contrário (ossos de um jovem com o crânio de um adulto). Os corpos eram decapitados e os ossos longos desarticulados e recortados (muitas vezes, as epífises tinham sido separadas das diáfises) quando os ossos eram ainda relativamente frescos. Parece ter havido uma vontade de expressar uma dualidade fundamental na cosmogonia. Um fenômeno talvez equivalente seja documentado em outra estrutura funerária, na qual o corpo era ainda articulado, mas as mãos, cortadas fora, tinham sido dispostas em posições simétricas de cada lado do crânio – uma delas virada para cima e a outra, para baixo. A mesma oposição se encontra no tratamento dado aos dentes de alguns indivíduos: vários deles tiveram todos os dentes da mandíbula retirados *post mortem* dos seus alvéolos, enquanto o mesmo tratamento tinha sido aplicado aos maxilares superiores de outros indivíduos. Esse curioso tratamento dos mortos opondo a parte direita à esquerda ou a superior à inferior parece ter sido reservado a pessoas de sexo masculino.

No extremo final do período, os frequentadores da Lapa do Santo modificaram seu ritual: passaram a concentrar os ossos de um único indivíduo em uma pequena cova circular de cerca de 30 centímetros de diâmetro apenas. No ato da sepultura, os membros tinham sido descarnados e desarticulados, mas ainda devia haver tendões, pois pequenos conjuntos de vértebras e ossos de extremidades ainda se encontram articulados. Um único sepultamento de Santana, também datado do final do Holoceno antigo, apresenta as mesmas características. Tínhamos interpretado essa estrutura como o resultado do reenterramento de ossos de um antigo sepultamento, perturbado pela escavação de uma nova cova. Contudo, o exemplo da Lapa do Santo mostra tratar-se, possivelmente, de um ritual específico semelhante àquele desse sítio. Outro exemplo desses depósitos em pequena fossa circular foi observado na Lapa das Boleiras; lá, o crânio repousava sobre os demais restos ósseos, pintados de vermelho.

Muitos ossos longos encontrados na Lapa das Boleiras e na Lapa Mortuária de Confins apresentam marcas de incisões, provavelmente resultantes do descarnamento, assim como cortes chanfrados deixados

pela retirada das epífises. Infelizmente, Padberg-Drenkpohl não descreveu as estruturas funerárias desse último sítio. Apenas podemos supor, pelos ossos recortados, que os corpos eram também manipulados antes do enterro. Uma epífise recortada foi também encontrada na Lapa Pequena de Montes Claros.

Não sabemos se essas informações abrangem a totalidade das formas de rituais funerários da época no centro de Minas Gerais, já que, provavelmente, parte dos mortos não era enterrada nos abrigos, caso contrário, a densidade de sepultamentos nos locais escavados teria que ser ainda maior, mesmo levando em consideração os sítios não escavados. Apenas podemos dizer que, nesse período, os abrigos sob rocha fazem parte dos locais adequados para deixar certos mortos. Os restos conhecidos da população dita “de Lagoa Santa” (esqueletos de cerca de trezentos indivíduos) parecem oferecer uma amostra representativa da população, não havendo discriminação de sexo ou idade nos sepultamentos. Em Santana do Riacho, ambos os sexos estão igualmente representados, havendo um terço de crianças pequenas, e quase nenhum adolescente. As mulheres morriam um pouco mais cedo do que os homens, antes de trinta anos.

A maioria desses abrigos utilizados para finalidades funerárias não apresenta grafismos rupestres: nenhum desenho foi encontrado em Cerca Grande 5 e 6, nem na Lapa Mortuária de Confins. Em Boleiras e na Lapa do Santo existem raríssimas gravuras, provavelmente recentes – pelo menos na Lapa das Boleiras. A única exceção notável parece ser Santana do Riacho, mas, nesse sítio, as poucas figuras datadas são bem posteriores ao Holoceno antigo, embora tenham sido encontrados pigmentos de couraça ferruginosa e vários instrumentos de sílex manchados de vermelho no patamar inferior – longe dos sepultamentos dessa época. A única figura datada é uma gravura antropomorfa filiforme e itifálica recoberta por sedimentos datados em cerca de 9.000 anos na Lapa do Santo. Assim sendo, a conhecida “arte rupestre” de Lagoa Santa, caso parte dela tenha sido realizada nesse período, estava certamente desvinculada dos enterramentos.

Mas teriam sido efetivamente realizadas pinturas ou gravuras rupestres em outros momentos da vida social? Há indício de que algumas pinturas dos abrigos de Cerca Grande 2 e de Sucupira tenham sido executadas durante uma fase climática árida. No entanto, essa tanto pode corresponder ao final do Pleistoceno quanto à oscilação seca do Holoceno médio. Na Lapa Pequena de Montes Claros, uma pequena plaqueta de calcário trabalhada evidencia incisões regulares profundas por volta de 8.000 BP. As pinturas aí enterradas mais profundas (um alinhamento de bastonetes) poderiam ser dessa época, contudo sua datação mínima é apenas de cerca de 7.000 BP. De novo, a única figura datada é aquela da Lapa do Santo.

O Holoceno médio (entre 8/7.000 e 5/4.500 BP)

Na região de Lagoa Santa, os vestígios de atividade humana tornam-se raros e episódicos para esse período. De fato, o mesmo fenômeno pode ser também observado nos abrigos de outras regiões do Brasil central – seja do Alto Jequitinhonha, da região de Montes Claros, do Vale do Rio Peruaçu, em Minas, ou até no sul de Goiás. A. Araújo e W. Neves correlacionam esse fenômeno à ocorrência de uma fase climática seca no Brasil central. Com efeito, uma oscilação desse tipo, reconhecida inicialmente nos sedimentos da Lapa Vermelha IV por volta de 7.000 BP, é também documentada pela grande quantidade de carvões que se acumulam então na Lagoa dos Olhos, e que P. de Oliveira atribui a incêndios naturais favorecidos pelo ressecamento. Por sua vez, o registro polínico da lagoa de Lagoa Santa, estudado por G. Parisi, sugere que, por volta de 5.000 BP, as formações vegetais eram bem abertas, com poucas árvores. Assim sendo, A. Araújo levantou a hipótese de que as populações humanas poderiam ter abandonado o Brasil central. Essa opinião parece, no entanto, exagerada. É, de fato, possível que o nível freático tenha baixado com a diminuição de pluviosidade e que as lagoas da região cárstica tenham secado. Certamente, os rios principais do Brasil central não secaram, da mesma forma que ocorre atualmente com os médios e grandes rios do semiárido nordestino nas estações secas, períodos em que os mesmos são alimentados

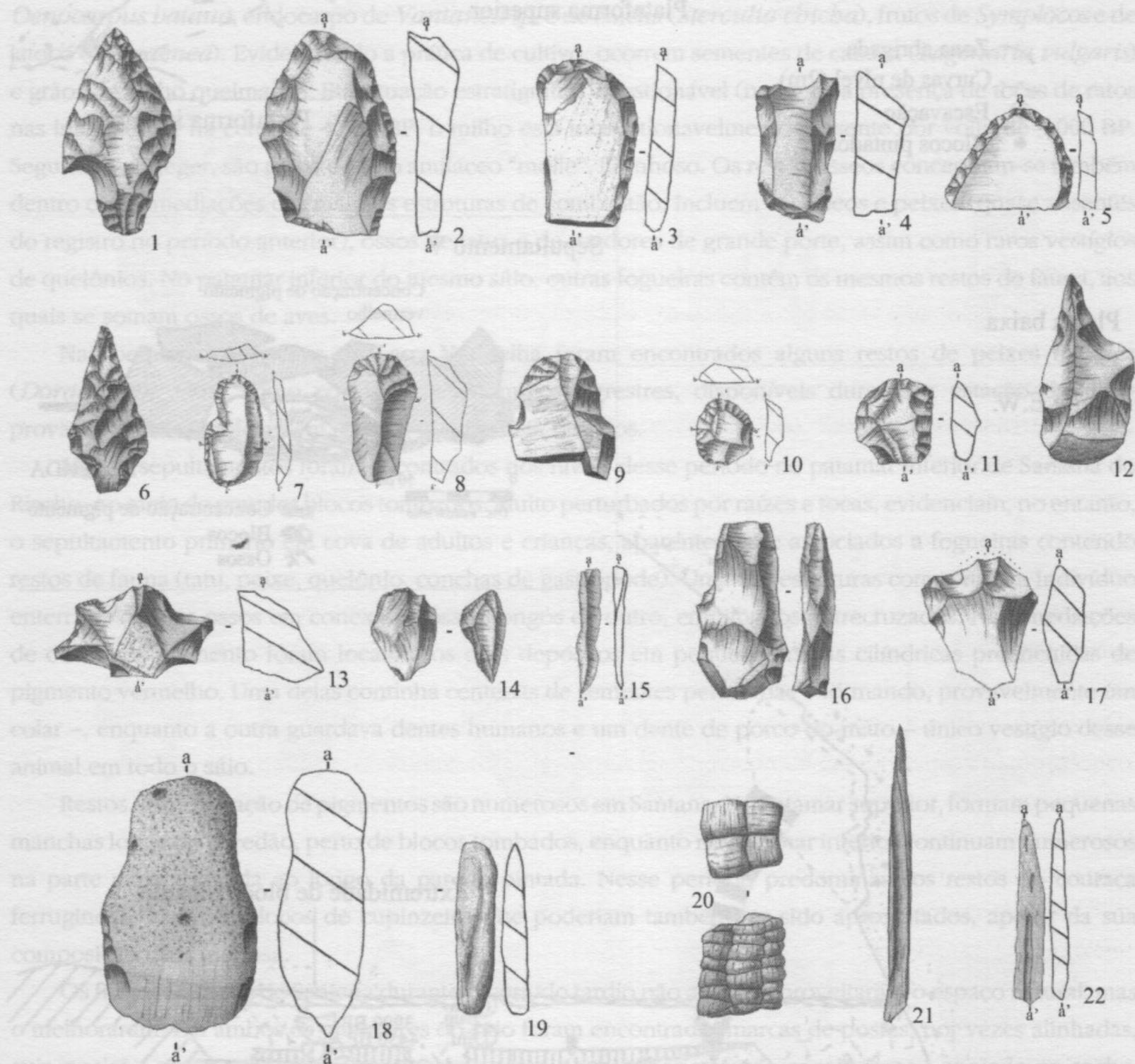
pelos recursos hídricos contidos nos poros e fraturas das rochas por eles drenados. Em Santana do Riacho, a presença humana é caracterizada ao longo do Holoceno médio. Mesmo na Lapa Vermelha IV, no meio do carste, escavamos cerca de 200 pequenas fogueiras, cada uma delas acompanhada por poucos vestígios instrumentais ou alimentares – inclusive alguns peixes. Ao que parece, o abrigo servia regularmente de pouso noturno para pequenos grupos de pessoas que transitavam na região. Veremos mais adiante que o Vale do Rio São Francisco nunca deixou de ser povoado. O que ocorre, com certeza, é uma mudança de utilização dos abrigos – que não recebem mais sepultamentos, a não ser casuais, mas parecem ter sido decorados intensamente nesse período.

Os poucos vestígios que ainda aparecem em certos abrigos comportam quase que exclusivamente lascas de quartzo utilizadas brutas. Rareiam as peças retocadas características do período anterior, embora elas ainda possam ser encontradas no início do período: encontramos em Santana um local de treinamento para aprendiz de lascador, onde os vestígios evidenciam a dificuldade que os principiantes têm para conseguir adelgaçar as peças (cerca de 7.000 BP). Também localizamos nesse sítio uma peça plano-convexa (lesma de sílex) em nível datado de 6.500 BP. Esses objetos, no entanto, desaparecem completamente por volta de 6.000 BP, assim como a procura de matérias exógenas – seja que os lascadores tenham perdido interesse em fabricar instrumentos “formais” (de fato, a escolha de gumes adequados no meio dos produtos de debitagem sobre bigorna proporcionam gumes tão eficientes quanto aqueles obtidos através do retoque), seja que o retoque e uso de peças trabalhadas fossem realizados exclusivamente a céu aberto. Além desse raro material lítico, a partir de 7.600 BP desenvolve-se no Brasil central a utilização da concha de grandes gastrópodes terrestres da família *Strophocheilidae* (sobretudo, de indivíduos do gênero *Megalobulimus*, cuja concha pode ultrapassar 10 centímetros de comprimento), transformada em plainas muito eficientes para descascar e regularizar varas de madeira. Abriam-se por lascamento uma ou várias perfurações, ovais ou circulares, ou uma série de perfurações alongadas (fig. 37 -9), criando assim um gume interno sobre o qual se esfregava a peça a ser trabalhada. A parte intacta poderia também ser usada como polidor para madeira (uma utilização ainda não comprovada nas peças arqueológicas), pois instrumentos semelhantes são atestados entre os índios Xikrin, Bororo e Guayaki. Frisamos que as perfurações que produzem as plainas são bem diferentes daquelas que resultam de acidentes naturais, e que a extração da lesma não se faz perfurando a concha, como verificamos experimentalmente. Apenas no sítio de Lapa Vermelha IV encontramos cerca de 60 conchas assim perfuradas pelo homem. Alguns desses instrumentos foram externamente coloridos de vermelho – particularmente no abrigo vizinho São José de Confins. Conchas de bivalves lacustres tiveram uma extremidade (borda anterior ou posterior) lascada, proporcionando um gume em forma de goiva. Essas mesmas plainas e goivas encontram-se também na Lapa Pequena de Montes Claros, em níveis datados do início dessa mesma época.

A indústria óssea encontrada em vários sítios inclui adornos (dentes humanos e de cervídeos perfurados), furadores e retocadores (?) de chifre de veado, espátulas de osso metapodial de veado (parte ativa polida na porção distal da diáfise, sendo a epífise proximal conservada quase intacta, utilizada para prensão) (fig. 37, 7-8). Uma peça desse tipo, não datada (coleção H. V. Walter), apresenta uma perfuração feita por rotação na parte proximal, como se fosse transportada como pingente. Bolas de argila modeladas pelo homem foram encontradas na Lapa Pequena de Montes Claros. Na Lapa Vermelha IV, há, no paredão, vestígios de pintura enterrados sob o sedimento do Holoceno médio. Um alinhamento de bastonetes foi pintado entre 10.000 e 7.000 BP. Várias figuras filiformes (um cartucho e uma representação de animal em perfil absoluto) são anteriores a cerca de 4.000 BP. Nos abrigos de Santana do Riacho e Sucupira, é muito provável que as figuras zoomorfas do estilo mais antigo da tradição *Planalto* (ver capítulo sobre arte rupestre, mais adiante) remontem a esse período. Pinturas de estilos mais recentes são datadas em cerca de 4.000 anos.

Uma grande quantidade de pigmentos foi encontrada no fundo do abrigo inferior de Santana do Riacho, ao pé das paredes pintadas; nessa época são, sobretudo, plaquetas de filito ferruginoso e nódulos de dióxido de manganês (pirolusita) trazidos das redondezas. Também foi registrada a presença de grafita, cuja jazida mais próxima dista dezenas de quilômetros.

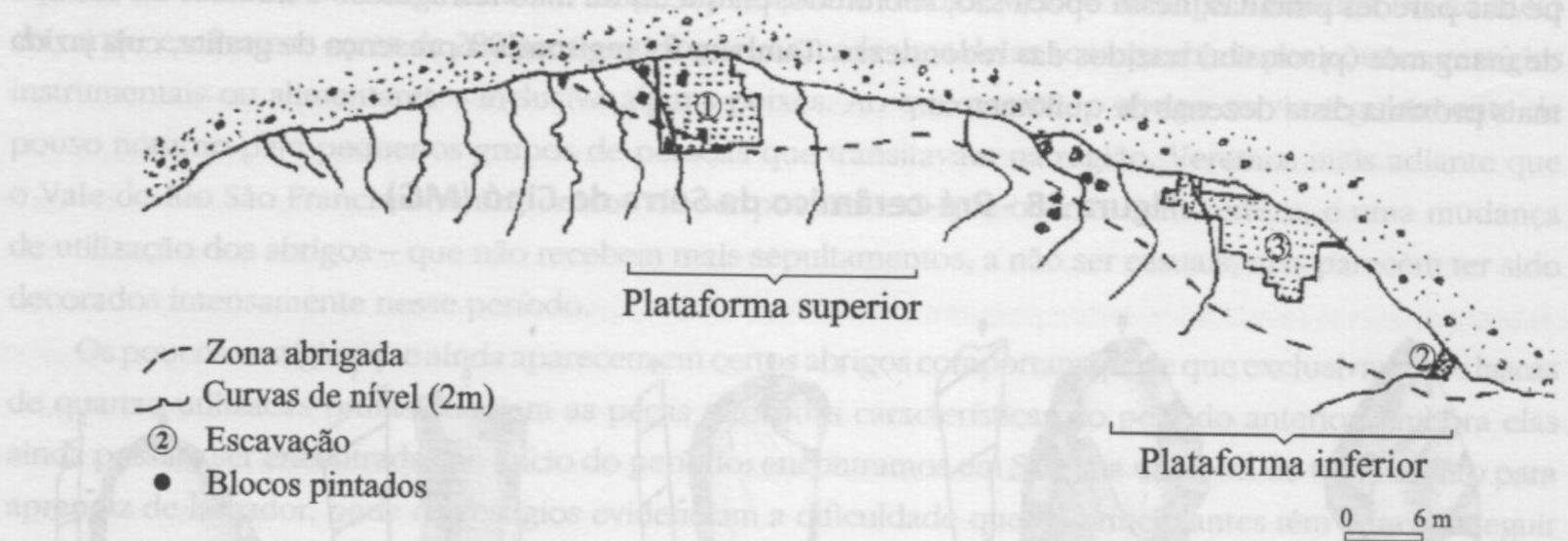
Figura 38 - Pré-cerâmico da Serra do Cipó (MG)



- 1 - ponta bifacial, sílex preto; 2 a 5 - raspadeiras, quartzito; 6 - ponta bifacial; 7 a 10 - raspadores; 11 - raspadeira; 12 - furador; 13 - núcleo; 14 - nucleiforme (bipolar); 15 - laminula; 16 - pseudoburil; 17 - peça com marca de uso; 18 - lâmina de machado (sílexito); 19 - cinzel (sillimanita); 20 - foliolo trançado; 21 - furador de osso; 22 - ponta de osso.

1 - Lapinha de Jaboticabeiras; 6 - Lapa do Eucalipto; outros: Grande Abrigo de Santana do Riacho.

Figura 39 - Grande abrigo de Santana do Riacho (MG)



Planta baixa

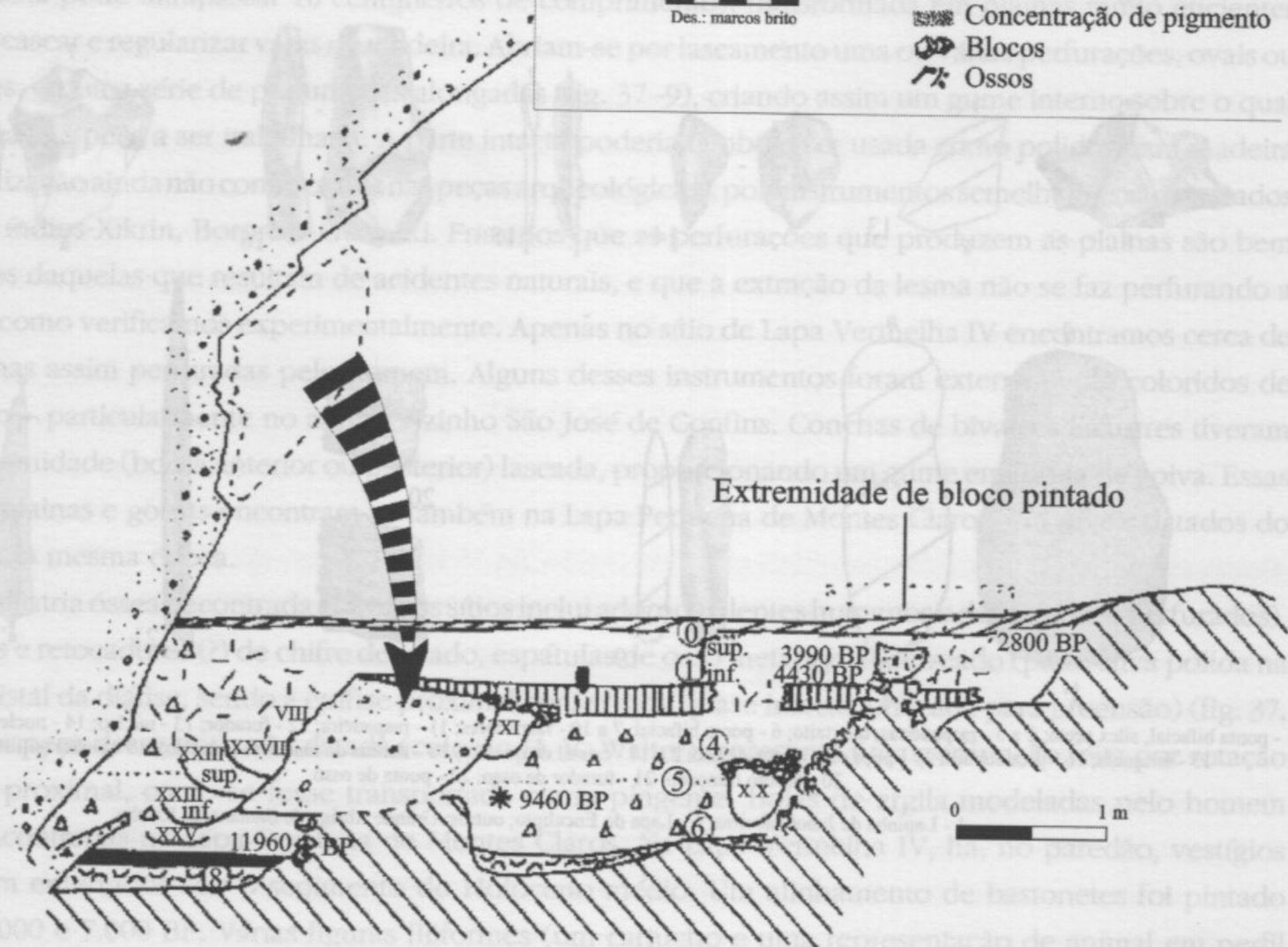
Corte E.W.

Sepultamento V



LEGENDA

- ▨ Concentração de pigmento
- ⊕ Blocos
- ⚡ Ossos



Legenda

- ④ Camada
- ⊕ Zona remexida
- ▨ Zona não escavada
- Marca de poste
- ⊕ Conglomerado
- △ Sedimento com pedregulho
- XI Sepultamento nº XI
- ▨ Blocos pintados
- ⋯ Lente arenosa

O período pré-cerâmico recente (ca. 5.000 até 2.500 BP)

Os vestígios enterrados dessa época continuam raros em Lagoa Santa, onde, no entanto, há indícios de passagem na Lapa Vermelha IV e de ocupações intermitentes em Boleiras e na Lapa do Santo. O mesmo ocorre na Lapa Pequena de Montes Claros (fig. 46) e nos abrigos de Diamantina (fig. 40). Pelo contrário, os níveis dessa época são bem representados em Santana do Riacho, na Serra do Cipó. Nesse abrigo, numerosas estruturas de combustão foram achadas no patamar superior do sítio. Contêm vestígios vegetais queimados, entre os quais predominam coquinhos de *Astrocaryum*; também ocorrem coquinhos de *Oenocarpus bataua*, endocarpo de *Vantanea sp.* e de chicha (*Sterculia chicha*), frutos de *Symplocos* e de jatobá (*Hymaenea*). Evidenciando a prática de cultivo, ocorrem sementes de cabaça (*Lagenaria vulgaris*) e grãos de milho queimados. Em situação estratigráfica questionável (notamos a presença de tocas de ratos nas imediações) há cerca de 4.500 BP, o milho está inquestionavelmente presente por volta de 3.000 BP. Segundo F. Brieger, são grãos do tipo amiláceo “molle”, farinhoso. Os restos ósseos concentram-se também dentro e nas imediações das maiores estruturas de combustão. Incluem cervídeos e peixes (quase ausentes do registro no período anterior), ossos de tatus e de roedores de grande porte, assim como raros vestígios de quelônios. No patamar inferior do mesmo sítio, outras fogueiras contêm os mesmos restos de fauna, aos quais se somam ossos de aves.

Nas pequenas fogueiras da Lapa Vermelha foram encontrados alguns restos de peixes maiores (*Doradidae*), assim como conchas de caramujos terrestres, disponíveis durante a estação úmida – provavelmente completassem o jantar de viajantes isolados.

Alguns sepultamentos foram encontrados nos níveis desse período no patamar inferior de Santana do Riacho, no meio de grandes blocos tombados. Muito perturbados por raízes e tocas, evidenciam, no entanto, o sepultamento primário em cova de adultos e crianças, aparentemente associados a fogueiras contendo restos de fauna (tatu, peixe, quelônio, conchas de gastrópode). Uma das estruturas comporta um indivíduo enterrado com os ossos em conexão e ossos longos de outro, empilhados entrecruzados. Nas imediações de outro sepultamento foram localizados dois depósitos em pequenas covas cilíndricas preenchidas de pigmento vermelho. Uma delas continha centenas de sementes perfuradas – formando, provavelmente um colar –, enquanto a outra guardava dentes humanos e um dente de porco-do-mato – único vestígio desse animal em todo o sítio.

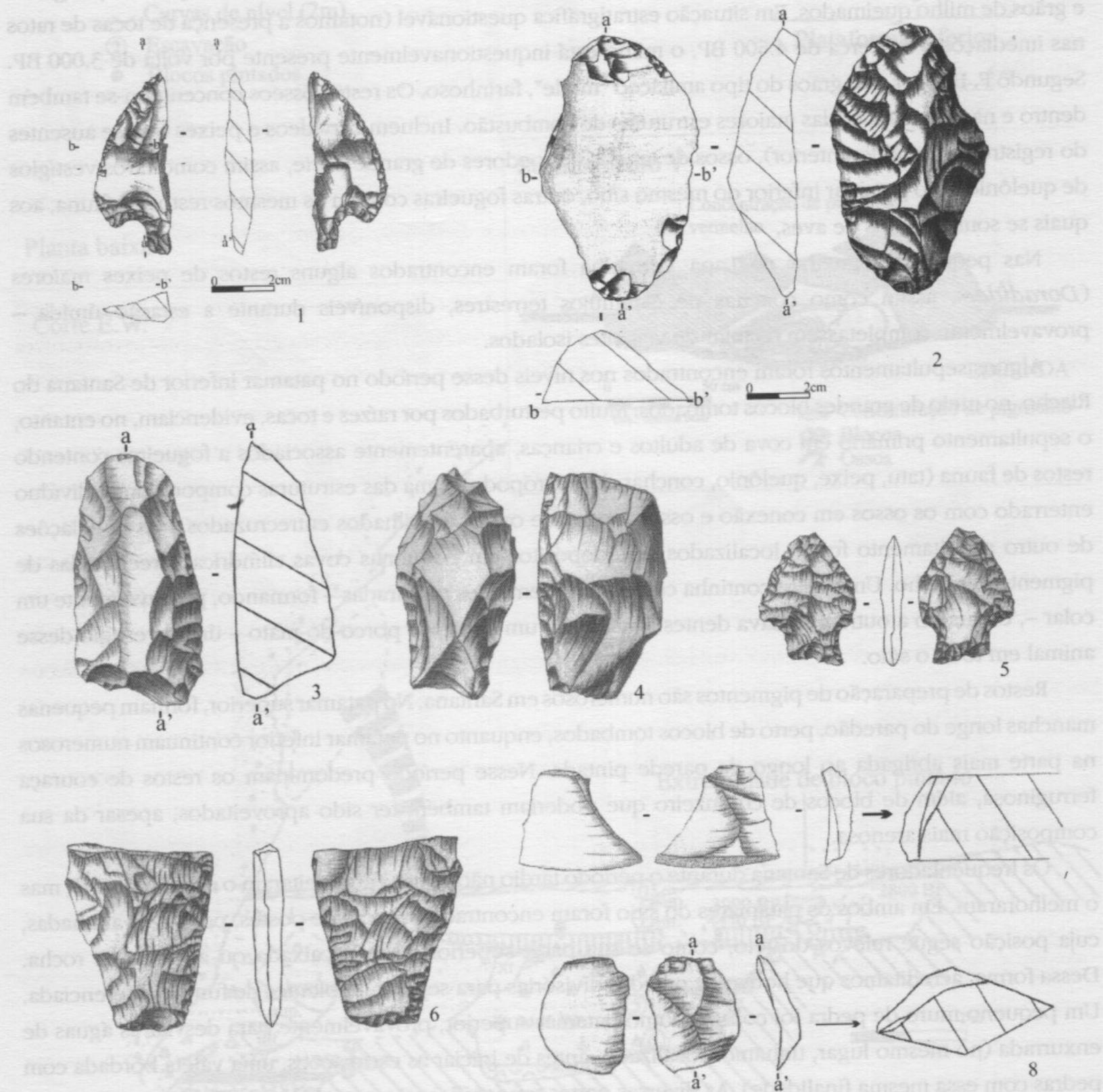
Restos de preparação de pigmentos são numerosos em Santana. No patamar superior, formam pequenas manchas longe do paredão, perto de blocos tombados, enquanto no patamar inferior continuam numerosos na parte mais abrigada ao longo da parede pintada. Nesse período predominam os restos de couraça ferruginosa, além de blocos de cupinzeiro que poderiam também ter sido aproveitados, apesar da sua composição mais arenosa.

Os frequentadores de Santana durante o período tardio não apenas aproveitaram o espaço natural, mas o melhoraram. Em ambos os patamares do sítio foram encontradas marcas de postes, por vezes alinhadas, cuja posição segue relevos do teto, como se sua parte superior fosse encaixada ou apoiada na rocha. Dessa forma, acreditamos que houvesse paredes divisórias para separar ambientes de função diferenciada. Um pequeno muro de pedra foi construído no patamar superior, provavelmente para desviar as águas de enxurrada (no mesmo lugar, tínhamos localizado, antes de iniciar as escavações, uma valeta bordada com pedras com essa mesma finalidade). As diversas partes topográficas tiveram destinos diferentes e a própria especialização das fogueiras mostra uma estruturação do espaço interno nos sítios.

Registrou-se em Santana uma grande quantidade de pigmentos; além daqueles preparados formando bloquinhos aglomerados macios, acham-se detritos da sua preparação – na forma de amontoados de elementos de granulação grosseira, ainda coloridos, porém não mais cromóforos – ao longo da parede do abrigo

inferior. As lascas de gume manchado são numerosas, assim como uma mão de pilão de pedra e moedores utilizados na preparação de pigmentos tanto amarelos (goethita) quanto vermelhos (hematita). Um bloco caído do teto, pintado a seguir e finalmente recoberto por sedimentos, permite confirmar a execução de pinturas em Santana entre 4.400 e 3.900 BP. As análises químicas de pigmentos encontrados nas escavações e nas paredes não permitiram encontrar nenhum vestígio de aglutinantes orgânicos. As figuras do estilo regional tardio da tradição *Planalto* devem ter sido executadas nesse período.

Figura 40 - Pré-cerâmico das regiões de Diamantina e Jequitai



1 - ponta quebrada; 2 - plano-convexo (1 e 2: quartzo hialino, abrigo Bibocas II); 3 - peça plano-convexa; 4 - peça plano-convexa e/ou núcleo (3 e 4: Curral de Pedras, quartzito); (1 a 4: Jequitai). 5 - ponta quartzo hialino; 6 - fragmento de biface, Garimpo do Turco; 7 - lasca de façonnagem em instrumento sob plaqueta de quartzito; 8 - lasca de adelgaçamento de instrumento bifacial; (6 a 8: Lapa do Caboclo, 7 e 8: quartzito, 5 a 8: Diamantina)

A indústria lítica continua formada por lascas de quartzo extraídas sobre bigorna. São eventualmente regularizadas para se obter um bico ou ajustar um gume para raspar ou cortar. Ainda há indícios da produção de pontas. Mais ao sul do estado de Minas Gerais, em Andrelândia (Zona da Mata), uma pequena sondagem em abrigo pintado granítico evidenciou também a continuidade de produção de pontas pedunculadas. Nesse local, onde a debitagem fornecia apenas lascas diminutas de quartzo e de sílexito, a formatação das pontas era feita por retoque marginal unifacial.

Com a exceção de uma única peça em sílexito encontrada em Santana, que apresenta um sulco para encabamento, as lâminas de machado e de cinzel desse período são totalmente polidas e picoteadas. Apresentam uma forma aproximadamente retangular e são frequentemente confeccionadas de matérias alógenas como a sillimanita e a hematita. Há também pratos de esteatita, pilões e trituradores polidos ou picoteados; esses foram utilizados principalmente para moer pigmentos sobre paletas de pedra. Quebra-cocos e batedores aumentam em porcentagem, sobretudo no final do período, nos sítios datados. A indústria óssea não comporta mais as espátulas do período anterior. Em compensação, aparecem ou reaparecem vários tipos de tubos de osso, agulhas (sendo algumas com perfuração, como na Lapa Vermelha IV). Na cova do sepultamento isolado de uma mulher idosa (sep. IX) de Santana, datado em 3.950 BP e posterior ao conjunto funerário do Holoceno antigo, foi encontrado um trançado de palha (fig. 38 -20).

Vimos que os vestígios de habitat ao longo do Holoceno foram principalmente encontrados em abrigos próximos de lagoas ou riachos, tanto nas formações calcárias (onde as grutas profundas foram desprezadas) quanto na base das encostas quartzíticas da Serra do Espinhaço. Nas regiões cársticas, o território disponível para cada grupo deve ter mudado em função das oscilações secas e úmidas, pois houve períodos durante os quais o rebaixamento do nível freático pode ter provocado falta de água, enquanto durante os episódios mais úmidos as lagoas talvez tenham ocupado um espaço maior do que as terras emersas nas dolinas e nos *poljes*, deixando pouco espaço para ocupação nos terraços. A. Araújo pensa até que teria havido um longo período de seca no Brasil central a partir de 7.500 BP, o que explicaria a raridade dos sítios. Os estudos palinológicos realizados na região, no entanto, não confortam essa hipótese. De qualquer forma, encontramos, em 1979, indícios de pisos de ocupação pré-cerâmica no sopé da Serra do Cipó, mas que não foram escavados de forma extensa. Apenas um deles foi datado em 4.670 ± 130 BP. Sondagens realizadas por A. Araújo ao redor da lagoa do Sumidouro evidenciaram a presença de lascas de quartzo esparsas na periferia da praia lacustre, entre 0,4 e 2 metros de profundidade. Numa das sondagens (S.4), vestígios líticos foram encontrados imediatamente acima de um nível datado em 5.800 BP (não calibrado). São possivelmente restos deixados por pessoas que apenas passavam à procura de água, moluscos ou peixes. Mesmo assim, indicam que havia uma população na região, cujos locais de residência ainda não foram encontrados.

As indústrias do Alto Jequitinhonha (região de Diamantina)

Essa região de altitude, solos pobres e numerosos afloramentos quartzíticos proporcionou aos homens pré-históricos um grande número de abrigos pequenos, que podiam oferecer proteção para reduzidos grupos de pessoas durante breves períodos de estadia, da mesma forma que acolhem, na atualidade, os garimpeiros que neles vêm descansar, almoçar e descorticar os cristais de quartzo que coletam para vender às siderúrgicas ou indústrias de eletrônica. Com efeito, a região proporciona uma grande quantidade de cristais de quartzo – muitos dos quais de tamanho e qualidade incomuns. Dessa forma, deve ter sido uma fonte de matéria-prima lítica para populações dos arredores. Plaquetas de quartzito branco e de grão muito fino podiam ser também retiradas de algumas paredes rochosas. Essas plaquetas eram retocadas perifericamente e transformadas em robustas peças plano-convexas com dorso geralmente plano e gumes abruptos. As belas e grandes lascas

de quartzo hialino, por sua vez, eram transformadas em raspadores unguiformes delicadamente retocados e em pontas de projétil bifaciais. O refúgio de fabricação desses instrumentos caracteriza os níveis inferiores de ocupação dos abrigos, datados em até 10.000 anos. A parte escavada do sítio a céu aberto Garimpo do Turco corresponde a um local onde, ao que parece, pessoas inexperientes treinavam o retoque bifacial de lascas de cristal. V. Linke e A. Isnardis notam certa especialização dos espaços em função da posição topográfica dos abrigos e da composição dos paredões. Os abrigos abertos na base das vertentes, em ambiente de campo e cuja parede não oferece quartzito de boa qualidade, apresentam em seu sedimento, sobretudo, uma indústria de quartzo incluindo instrumentos pequenos e bem trabalhados, assim como muitas lascas de retoque. Há também alguns núcleos e plaquetas toscamente trabalhadas de quartzito local, não instrumentos formais e bem elaborados feitos com essa matéria-prima.

Por sua vez, os abrigos de baixa vertente que apresentam afloramento de quartzito fino não apresentam quase artefatos de quartzo. A indústria é composta por instrumentos plano-convexos de quartzito bem regularizados, acompanhados por grande variedade de instrumentos de mesma matéria retocados de forma diversificada. Os vestígios líticos encontrados no único sítio escavado situado a meia encosta, em ambiente rupestre, correspondem essencialmente a lascas de façongem e retoque de peças plano-convexas.

As prospecções permitiram localizar mais de 100 abrigos decorados por pinturas realizadas numa extensão de apenas 40 km². A maioria delas – e as mais destacadas visualmente – pertencem à tradição *Planalto*, a mesma que predominou na região cárstica de Lagoa Santa e na Serra do Cipó ao longo do Holoceno: cervídeos, peixes e tatus formam o essencial das representações. Um pouco mais ao norte de Diamantina, perto de Itamarandiba, a erosão pluvial revelou uma esplêndida lâmina bifacial de sílex medindo 26,5 centímetros de comprimento e com espessura de apenas de 0,9 centímetro. Tinha sido depositada na serra, em região de abrigos com registros rupestres. Considerando que se trata de um artefato que requer excepcional perícia para ser fabricado e que sua pouca espessura o tornava muito frágil, é improvável que fosse destinado a ser efetivamente utilizado. O fato de ele estar intacto sugere que tenha sido abandonado num esconderijo, e não perdido durante uma caçada. O local da ocorrência deve ser pesquisado em breve por uma equipe da UFMG.

A ocupação no limite entre o Alto e o Médio São Francisco: o sítio de Buritizeiro

Vimos, no capítulo anterior, que as poucas escavações, realizadas por E. Koole nos abrigos cársticos do alto curso do rio São Francisco, mostram a presença de níveis arqueológicos datados entre 9.500 e 3.100 BP que parecem caracterizar uma ocupação *Umbu*. Essa impressão de que esse território estava sob influência das “culturas” holocênicas meridionais é reforçada pela raridade de painéis rupestres e sua pobreza em grafismos. Mais a jusante, o médio trecho do São Francisco inicia-se na altura da cidade de Pirapora, com as últimas corredeiras do rio em território mineiro, poucas dezenas a montante da sua confluência com os rios das Velhas (cujas águas passaram por Lagoa Santa) e Jequitaiá (que desce da Serra do Espinhaço, servindo de corredor de comunicação com o Alto Jequitinhonha). Nesses últimos anos iniciaram-se pesquisas na cidade de Buritizeiro, na altura das corredeiras, e no município de Jequitaiá. Embora o estágio ainda inicial das pesquisas não permita detalhar o sistema de ocupação da região, os dois primeiros sítios escavados já fornecem importantes informações sobre a pré-história regional. Sobretudo, um deles, o sítio da Caixa d'Água de Buritizeiro, evidencia a importância da ocupação das margens do rio ao longo do Holoceno. Esse sítio, cuja ocupação parece ter-se estendido ao longo de centenas de metros paralelamente ao rio, tem uma situação privilegiada. Instalado em superfície plana levantada por uma falha geológica na margem esquerda

do rio São Francisco, domina em cerca de 10 metros o curso do rio na altura das últimas corredeiras. As águas impetuosas correm por estreitas passagens entre os blocos rochosos de arcósio, nas quais é fácil instalar armadilhas e capturar peixes grandes e pequenos durante o ano inteiro, embora o período da piracema seja mais particularmente piscoso. Do outro lado do rio, as margens devem ter sido também frequentadas pelos pescadores pré-históricos, mas as instalações do porto de Pirapora destruíram os prováveis sítios, assim como uma grande cachoeira que podia ainda ser vista até meados do século XX. Depressões fusiformes alisadas na superfície dos arcósios (calibradores?, amoladores?), com eixos maiores de 20 a 40 centímetros de comprimento, podem ser observadas desse lado do rio em um bloco métrico deslocado de sua posição original por máquinas. Recentemente, U. Penha encontrou outras depressões de mesma origem em um afloramento no leito do rio.

A ocupação inicial do sítio de Buritizeiro (10.550 BP/ ca. 7.000 BP)

Os primeiros moradores do sítio (camada IIIb) instalaram-se num ambiente mais seco do que o atual. A análise palinológica de uma jazida próxima do sítio indica que as veredas – caracterizadas pelos buritizeiros que deram seu nome ao local – ainda não se tinham instalado. Dessa época, os únicos vestígios arqueológicos são de indústria lítica. Procuravam-se lascas de quartzito com talão cortical ou liso, retiradas de núcleos piramidais. Fabricavam também instrumentos robustos – raspadeiras e peças plano-convexas – sobre espessas lascas corticais de seixos de quartzito encontradas a pouca distância do sítio. Trouxeram pontas com pedúnculo e aletas de calcedônia e sílex já prontas. Contudo, poderiam ter sido fabricadas nas imediações, pois U. Penha encontrou seixos dessas matérias no leito do rio durante prospecções realizadas durante a estiagem. Somente nessa ocupação antiga verifica-se a fabricação de instrumentos retocados de quartzo (entre os quais, um raspador), trazido da Serra do Espinhaço. Sobretudo, foram encontradas três lâminas de machado polidas e picoteadas em rocha básica – duas das quais, encontradas em contato com a base de concreções ferruginosas, devem ter cerca de 10.500 anos. Essa ocupação inicial corresponde aos níveis mais antigos do abrigo Bibocas II, distante 60 quilômetros a nordeste. Nesse local, escavado por J. Rodet, a camada inferior de ocupação – também datada de cerca de 10.500 BP – proporcionou uma bela indústria em cristal de rocha local, com o qual se fabricavam pontas bifaciais, e também instrumentos elaborados a partir do quartzito proveniente do paredão.

Os níveis imediatamente superiores de Buritizeiro (camada IIIa, entre 9.000 e 7.000 BP) apresentam uma indústria menos elaborada, onde predomina a debitage de fatias em seixos de quartzito local. Blocos e fragmentos de arenito friável eram trazidos da região bem a montante do São Francisco, para servir de polidor, embora se aproveitasse o arcósio local como calibrador.

O cemitério de Buritizeiro (6.100/5.000 BP)

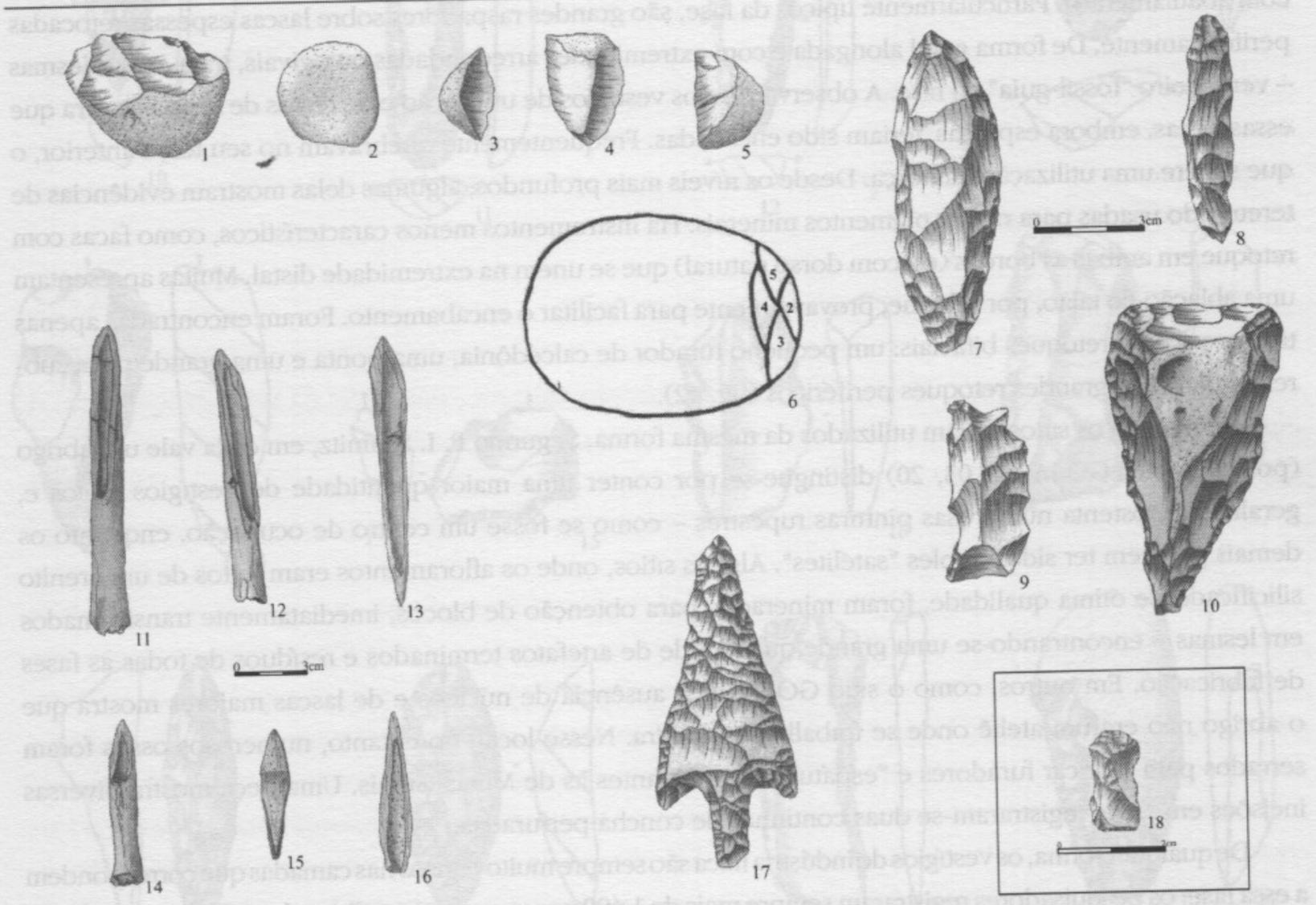
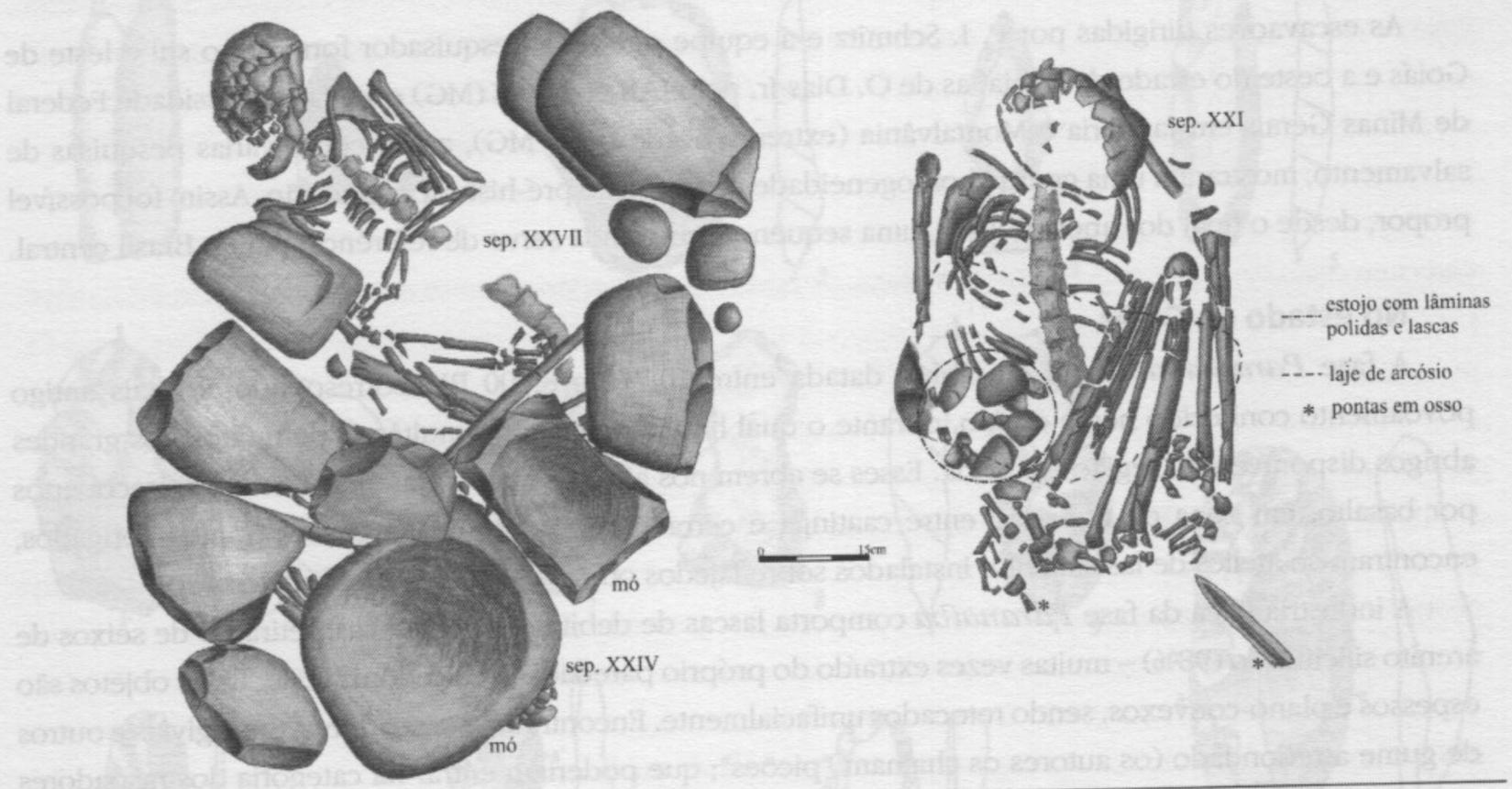
As análises polínicas indicam que as veredas começam a se desenvolver na região por volta de 6.000 BP, trazendo os buritizais, um novo atrativo para a ocupação do local. A parte preservada do sítio foi ocupada, nessa época, por um cemitério – no espaço de sepultamentos, praticamente nenhum vestígio foi encontrado fora das covas, que se sobrepõem em vários níveis de enterramento ao longo de um milênio. Escavamos 44 esqueletos completos, além de conjuntos perturbados. A riqueza em ossos humanos enriqueceu o solo em fósforo e zinco. A necrópole parece ter ocupado uma área de mais de 100 x 50 metros. Os corpos foram enterrados em covas rasas, ainda articulados; a posição é geralmente fletida, com as mãos cobrindo a face. Os esqueletos são de adultos ou de adolescentes. Poucos ossos de crianças foram encontrados, sempre queimados e desconectos, sugerindo que essas teriam sido enterradas em local distinto, ou segundo um ritual diferente daquele reservado aos adultos. Cada esqueleto foi parcialmente recoberto por uma laje

medindo entre 30 e mais de 60 centímetros de comprimento, de arenito arcossiano. Essa rocha forma o embasamento local (abaixo do nível arqueológico mais antigo), além de estar exposta na escarpa da falha situada na margem esquerda do rio e aflorar como lajedo e como matacões em seu leito. Algumas dessas lajes foram aproveitadas sem modificações, mas outras foram regularizadas por lascamento, picoteamento e polimento. Como foram encontradas dispostas horizontalmente na caixa torácica, é pouco provável que fossem visíveis depois da fossa ter sido preenchida – a não ser que tenham tombado. Várias tiveram sua extremidade lascada para formar uma ponta e poderiam ter sido utilizadas para cavar as fossas. Parece não ter havido sinal superficial das estruturas funerárias, pelo menos em matéria durável, pois alguns corpos mais antigos foram parcialmente perturbados quando se escavaram as fossas mais recentes. Quando isso ocorria, os ossos antigos eram cuidadosamente empilhados e enterrados de novo, a pouca distância. Em poucas covas, nota-se uma presença, sempre discreta, de pigmentos ferruginosos. Cerca da metade dos esqueletos é acompanhada por blocos de arcósio utilizados como bigornas ou com depressão picoteada para uso como mó (as análises de amido mostraram tratar-se de instrumentos destinados a processar vegetais). Há pouquíssimos instrumentos de pedra lascada associados aos esqueletos (a maioria dos objetos líticos poderia ser originária de ocupações anteriores, perturbadas pela escavação das fossas). Ao contrário, artefatos de osso acompanhavam praticamente todos os mortos. Alguns são pontas losangulares que armavam provavelmente projéteis; costumam aparecer em conjuntos de peças paralelas, que deviam estar encabadas – setas guardadas em uma aljava. Outras pontas de osso menores ou pontas grandes sobre suporte natural tubular acompanham também certos corpos. Alguns mortos traziam consigo um estojo (provavelmente uma cabaça ou uma sacola) no qual se encontram lâminas de machado retangulares polidas, pontas de ossos sobre suporte tubular, lascas de sílex e quartzo (matérias raramente encontradas no resto do sítio, nos níveis dessa época). Ocorrem também canino de porco-do-mato e esporões de peixe (mandi). Embora o estojo tenha desaparecido, os artefatos se mantêm compactados dentro do espaço original. Pretende-se verificar mais adiante se mulheres e homens levariam consigo instrumentos distintos (por exemplo: armas com eles, instrumentos de processamento com elas). Contrastando com essas estruturas, restos de um corpo humano carbonizado foram abandonados, espalhados entre os sepultamentos.

Os fitólitos encontrados nos níveis datados entre 5.000 e 6.000 BP indicam a predominância, nas imediações, de espécies arbóreas, com uma grande presença de plantas da família do bambu. No entanto, é possível que essas estivessem presentes na forma de material de construção, de hastes ou cabos para instrumentos. Infelizmente, os grãos de pólen não se preservaram, de forma que não há como saber a vegetação dominante no conjunto da região. Um dos resultados mais importantes da pesquisa foi ter-se encontrado grande abundância de amido compatível com milho nas mós de pedra dessa época, mostrando que esse cereal já estaria provavelmente sendo cultivado e transformado em farinha. Fora do cemitério havia muitas lascas de fatiagem de seixo de quartzito, assim como lascas de arenito arcossiano local, que eram debitadas no sítio e cujos gumes eram utilizados brutos. A esses artefatos somam-se quantidades reduzidas de peças feitas em calcedônia e sílex: pontas bifaciais, lesmas de fino acabamento e microrraspadores sobre lasca alongada, assim como lascas provenientes da reforma desses objetos – os quais parecem ter sido trazidos prontos para o sítio.

Infelizmente, os níveis superiores do sítio foram perturbados, não sendo possível, portanto, caracterizar com segurança as ocupações posteriores ao cemitério. Segundo informações de moradores antigos, os degraus naturais de arenito arcossiano que descem do sítio para o rio São Francisco apresentavam desenhos em vermelho, antes de serem explorados como material de construção. Talvez fossem painéis pintados da tradição *Planalto*, que se desenvolveu na mesma época do cemitério de Buritizeiro e cujos desenhos são bem representados em abrigos da região de Jequitaiá, poucas dezenas de quilômetros a nordeste.

Figura 41 - Sítio Caixa d'Água de Buritizeiro (MG)



1 - núcleo de fatiagem de seixo; 2 - lasca inicial; 3 e 5 - gomos (laterais); 4 - lasca central; 6 - esquema de fatiagem; 7 e 8 - plano-convexos em diferentes estágios de vida; 9 - plano-convexo denticulada; 10 - raspadeira espessa dupla convergente; 11 a 16 - pontas de osso (11, 12 e 14 - tubulares, 13 e 16 - em meia cana e 15 - achatada); 17 - ponta bifacial; 18 - microrraspador (calcedônia).

O norte mineiro, o noroeste da Bahia, o Goiás meridional e o Médio Tocantins

As escavações dirigidas por P. I. Schmitz e a equipe que esse pesquisador formou no sul e leste de Goiás e a oeste do estado da Bahia, as de O. Dias Jr. pelo IAB em Unaí (MG) e as da Universidade Federal de Minas Gerais em Januária e Montalvânia (extremo nordeste de MG), assim como várias pesquisas de salvamento, mostraram uma grande homogeneidade na evolução pré-histórica da região. Assim foi possível propor, desde o final dos anos de 1970, uma sequência que ainda serve de referência para o Brasil central.

No estado de Goiás

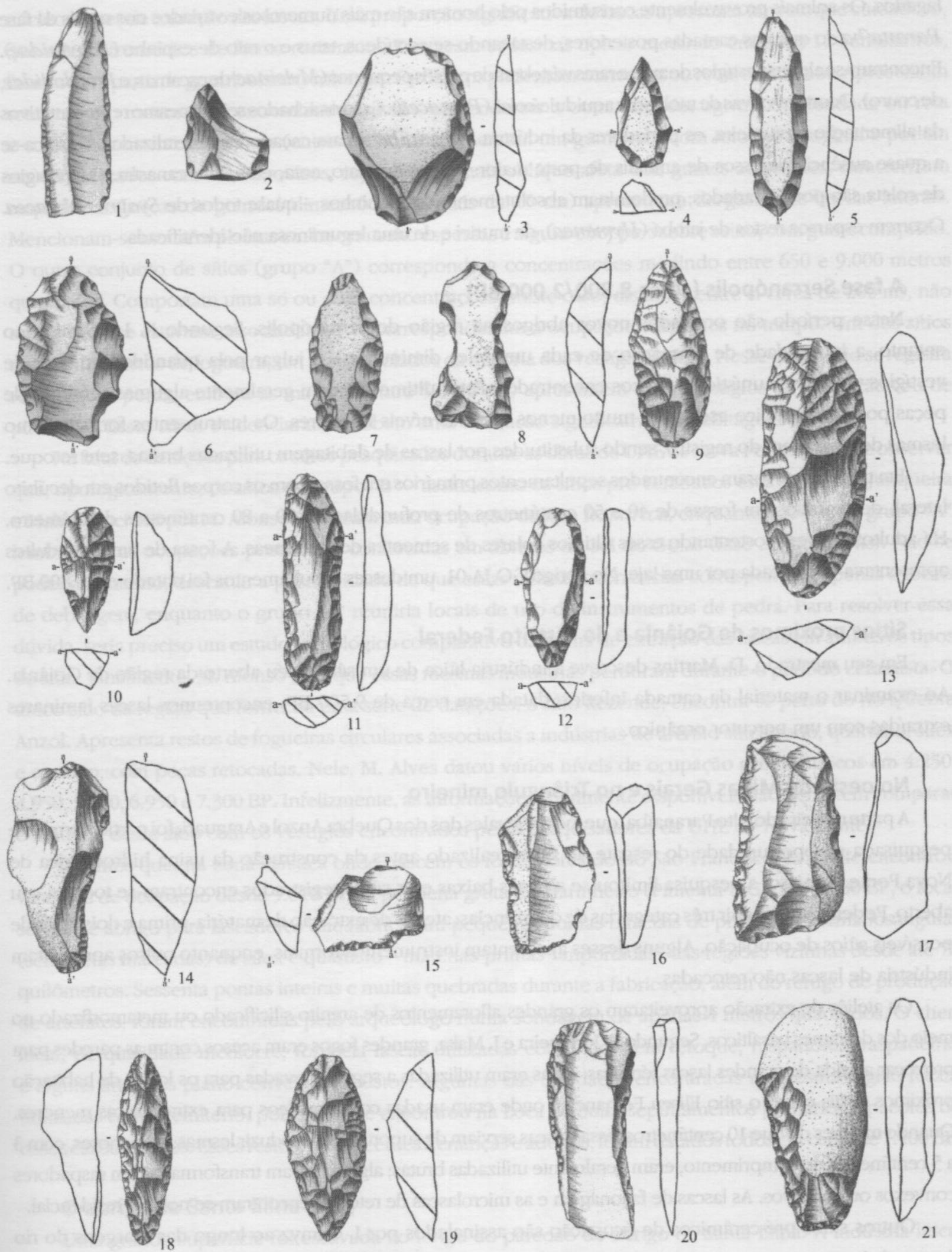
A fase *Paranaíba* do sul de Goiás: datada entre 10.740 e 8.900 BP, corresponde ao mais antigo povoamento conhecido nesse estado, durante o qual houve ocupação simultânea de muitos dos grandes abrigos disponíveis na região estudada. Esses se abrem nos afloramentos de arenito silicificado recobertos por basalto, em zona de transição entre caatinga e cerrado. Na proximidade desses pontos abrigados, encontram-se ateliês de lascamento, instalados sobre lajedos ou no flanco de ravinas de erosão.

A indústria lítica da fase *Paranaíba* comporta lascas de debitagem, pequenas, retiradas de seixos de arenito silicificado (98%) – muitas vezes extraído do próprio paredão – e calcedônia (2%). Esses objetos são espessos e plano-convexos, sendo retocados unifacialmente. Encontram-se raspadores, uns ogivais e outros de gume arredondado (os autores os chamam “picões”; que poderiam entrar na categoria dos raspadores com abaulamento). Particularmente típicos da fase, são grandes raspadores sobre lascas espessas retocadas perifericamente. De forma geral alongada e com extremidades arredondadas ou ogivais, trata-se das lesmas – verdadeiro “fóssil-guia” da fase. A observação dos vestígios de utilização e de restos de resina mostra que essas peças, embora espessas, teriam sido encabadas. Frequentemente quebravam no seu terço anterior, o que sugere uma utilização em força. Desde os níveis mais profundos, algumas delas mostram evidências de terem sido usadas para raspar pigmentos minerais. Há instrumentos menos característicos, como facas com retoque em ambas as bordas (ou com dorso natural) que se unem na extremidade distal. Muitas apresentam uma ablação do talão, por retoque, provavelmente para facilitar o encabamento. Foram encontradas apenas três peças com retoques bifaciais: um pequeno furador de calcedônia, uma ponta e uma grande peça sub-retangular com grandes retoques periféricos (fig. 42).

Nem todos os sítios seriam utilizados da mesma forma. Segundo P. I. Schmitz, em cada vale um abrigo (por exemplo, GO.JA 01, 03, 20) distingue-se por conter uma maior quantidade de vestígios líticos e, geralmente, ostenta numerosas pinturas rupestres – como se fosse um centro de ocupação, enquanto os demais parecem ter sido simples “satélites”. Alguns sítios, onde os afloramentos eram feitos de um arenito silicificado de ótima qualidade, foram minerados para obtenção de blocos, imediatamente transformados em lesmas – encontrando-se uma grande quantidade de artefatos terminados e resíduos de todas as fases de fabricação. Em outros, como o sítio GO.JA.01, a ausência de núcleos e de lascas maiores mostra que o abrigo não era um ateliê onde se trabalharia a pedra. Nesse local, no entanto, numerosos ossos foram serrados para fabricar furadores e “espátulas” semelhantes às de Minas Gerais. Uma peça mostra diversas incisões em “X” e registraram-se duas continhas de concha perfuradas.

De qualquer forma, os vestígios de indústria lítica são sempre muito densos nas camadas que correspondem a essa fase: os pesquisadores registraram sempre mais de 1.400 peças por metro cúbico de sedimento escavado – o sítio GO.JA.03 proporcionou uma média de mais de 13.000 vestígios lascados por metro cúbico! Apesar da grande quantidade de sondagens abertas nos sítios, nenhum sepultamento foi encontrado nesses níveis antigos, sugerindo que os abrigos não eram vistos como locais adequados para receber os mortos.

Figura 42 - Pré-cerâmico de Goiás e do oeste mineiro



1 a 5 - Fase Parnaíba - GO (Schmitz, Barbosa e Wust 1976); 6 a 9 - Bacia do rio Paranã - GO (Souza, Ferraz & Souza 1977);
 10 a 13 - Serranópolis GO (Schmitz et al., 2004); 13 a 17 - Nova Ponte MG peças do Grupo A (Igor Chmyz et al., 1995);
 18 a 21 - Nova Ponte MG peças do Grupo B (Igor Chmyz et al., 1995)

A maior parte dos restos faunísticos é formada por ossos de vertebrados de pequeno porte, especialmente lagartos. Os animais provavelmente consumidos pelo homem são mais numerosos e variados nos níveis da fase *Paranaíba* do que nas camadas posteriores, destacando-se cervídeos, tatus e o rato-de-espinho (*Echymidae*). Encontram-se alguns vestígios de aves e raras vértebras de peixes pequenos (*Myleinae*, de escamas, e *Pimelodidae*, de couro). Ocorrem valvas de moluscos aquidulcícolas (*Pomacea*). Caso os achados sejam mesmo representativos da alimentação costumeira, os portadores da indústria *Paranaíba* seriam caçadores generalizados. Destaca-se a quase ausência de ossos de animais de porte maior: porcos-do-mato, anta, ema, tatu-canastra. Os vestígios de coleta são pouco variados; predominam absolutamente os coquinhos – quase todos de *Syagrus oleracea*. Ocorrem esparsos restos de jatobá (*Hymeneae*), de murici e de uma leguminosa não identificada.

A fase Serranópolis (cerca 8.800/2.000 BP)

Nesse período são ocupados novos abrigos na região de Serranópolis. Segundo P. I. Schmitz, no entanto, a intensidade de ocupação de cada um deles diminuiria – a julgar pela quantidade menor de vestígios vegetais, faunísticos e líticos encontrados. Estes últimos somam geralmente algumas centenas de peças por metro cúbico escavado, muito menos que nos níveis inferiores. Os instrumentos formais como lesmas desaparecem do registro, sendo substituídos por lascas de debitage utilizadas brutas, sem retoque.

Em três abrigos foram encontrados sepultamentos primários em fossa, com os corpos fletidos em decúbito lateral, depositados em fossas de 40 a 50 centímetros de profundidade e 60 a 80 centímetros de diâmetro. Há adultos e jovens, ostentando esses últimos colares de sementes de gramíneas. A fossa de um dos adultos apresentava-se marcada por uma laje. No abrigo GO.JA.01, um desses sepultamentos foi datado em 8.800 BP.

Sítios próximos de Goiânia e do Distrito Federal

Em seu mestrado, D. Martins descreve a indústria lítica de um sítio a céu aberto da região de Goiânia. Ao examinar o material da camada inferior, datada em cerca de 9.500 BP, encontramos lascas laminares extraídas com um percutor orgânico.

No oeste de Minas Gerais e no Triângulo mineiro

A parte mineira do Alto Paranaíba, que inclui os vales dos rios Quebra Anzol e Araguari, foi particularmente pesquisada na oportunidade do resgate de sítios realizado antes da construção da usina hidroelétrica de Nova Ponte. Por isso, a pesquisa limitou-se a zonas baixas e os sítios registrados encontram-se todos a céu aberto. Podemos distinguir três categorias de ocorrências: ateliês de extração de matéria-prima e dois tipos de possíveis sítios de ocupação. Alguns desses apresentam instrumentos formais, enquanto outros apresentam indústria de lascas não retocadas.

Os ateliês de extração aproveitaram os grandes afloramentos de arenito silicificado ou metamorfozido no meio dos derrames basálticos. Segundo P. Junqueira e I. Malta, grandes fogos eram acesos contra as paredes para provocar a saída de grandes lascas térmicas. Essas eram utilizadas a seguir e levadas para os locais de habitação próximos – tais como o sítio Eliseu Fernandes, onde eram usadas como núcleos para extrair lascas menores. Quando maiores do que 10 centímetros, essas lascas serviam de suporte para produzir lesmas; as menores, com 3 a 5 centímetros de comprimento, eram geralmente utilizadas brutas; algumas eram transformadas em raspadores convexos ou côncavos. As lascas de façongem e as microlascas de retoque encontram-se no sítio residencial.

Outros sítios pré-cerâmicos de ocupação são assinalados por I. Chmyz ao longo das margens do rio Araguari. Apresentam as mesmas indústrias sobre arenito silicificado, com utilização secundária do quartzo, do quartzito e do sílex. Esse pesquisador os divide em dois grupos. Um deles (grupo “B”) comporta sítios marcados por uma concentração de material lítico, em extensões que variam entre 2.500 e 11.300 metros

quadrados. Neles, as técnicas de lascamento são apuradas, com preparação do plano de percussão dos núcleos antes da extração das lascas. Uma proporção significativa de lascas apresenta um retoque cuidadoso, que cria instrumentos de forma recorrente. Destacam-se lesmas típicas medindo entre 9 e 12 centímetros, fabricadas a partir de grandes lascas robustas. Os flancos podem ser convexos ou retos e paralelos. Apresentam sempre pelo menos uma extremidade ogival – podendo ser a outra também ogival, arredondada ou reta e curta. Instrumentos menores (entre 6 e 9 cm) apresentam um gume reto com retoque marginal e podem ser considerados como facas; outros, cujo retoque mais oblíquo afeta dois gumes adjacentes, caracterizam raspadeiras. Lascas de grandes dimensões (até mais de 15 cm) apresentam desgaste nas bordas laterais. Mencionam-se também plainas em lascas muito espessas e alguns *choppers* sobre seixo, com gume comprido. O outro conjunto de sítios (grupo “A”) corresponde a concentrações medindo entre 650 e 9.000 metros quadrados. Comportam uma só ou duas concentrações (neste caso, distantes entre si cerca de 200 m), não se sabendo se estariam associadas ou se corresponderiam a ocupações distantes no tempo. Um dos sítios apresentou restos de fogueira, um pouco isolados da maioria dos vestígios líticos. Nesse grupo não se registra retoque das peças, embora as maiores (entre 5 e 10 cm) apresentem macrovestígios de utilização (ou de pisoteio?). Esses sítios evidenciariam também uma utilização significativa da debitage bipolar.

Na falta de datações para os sítios pesquisados durante as obras de UHE de Nova Ponte, pode-se observar que, tipologicamente, os sítios do grupo “B” – assim como os sítios pré-cerâmicos escavados por Junqueira e Malta, descritos por M. Alonso – evocam uma ocupação de tipo *Itaparica*, enquanto aqueles do grupo “A” lembrariam as ocupações posteriores conhecidas em abrigos do sul do Goiás (fase *Serranópolis*). Não se pode, no entanto, descartar a possibilidade de que essas últimas ocorrências correspondam apenas a locais de debitage, enquanto o grupo “B” reuniria locais de uso de instrumentos de pedra. Para resolver essa dúvida, seria preciso um estudo tecnológico comparativo da forma de extração das lascas em ambos os tipos de sítio. Finalmente, M. Alonso frisa que essas mesmas indústrias perduram durante o período ceramista. O único sítio da região que forneceu uma série de datações, o sítio Rezende, encontra-se perto do rio Quebra Anzol. Apresenta restos de fogueiras circulares associadas a indústrias de arenito silicificado, quartzito, sílex e quartzo, com peças retocadas. Nele, M. Alves datou vários níveis de ocupação pré-cerâmicos em 4.250, 4.950, 5.260, 6.950 e 7.300 BP. Infelizmente, as informações atualmente disponíveis não permitem comparar o material desse sítio com os vestígios encontrados pelos pesquisadores da UHE de Nova Ponte.

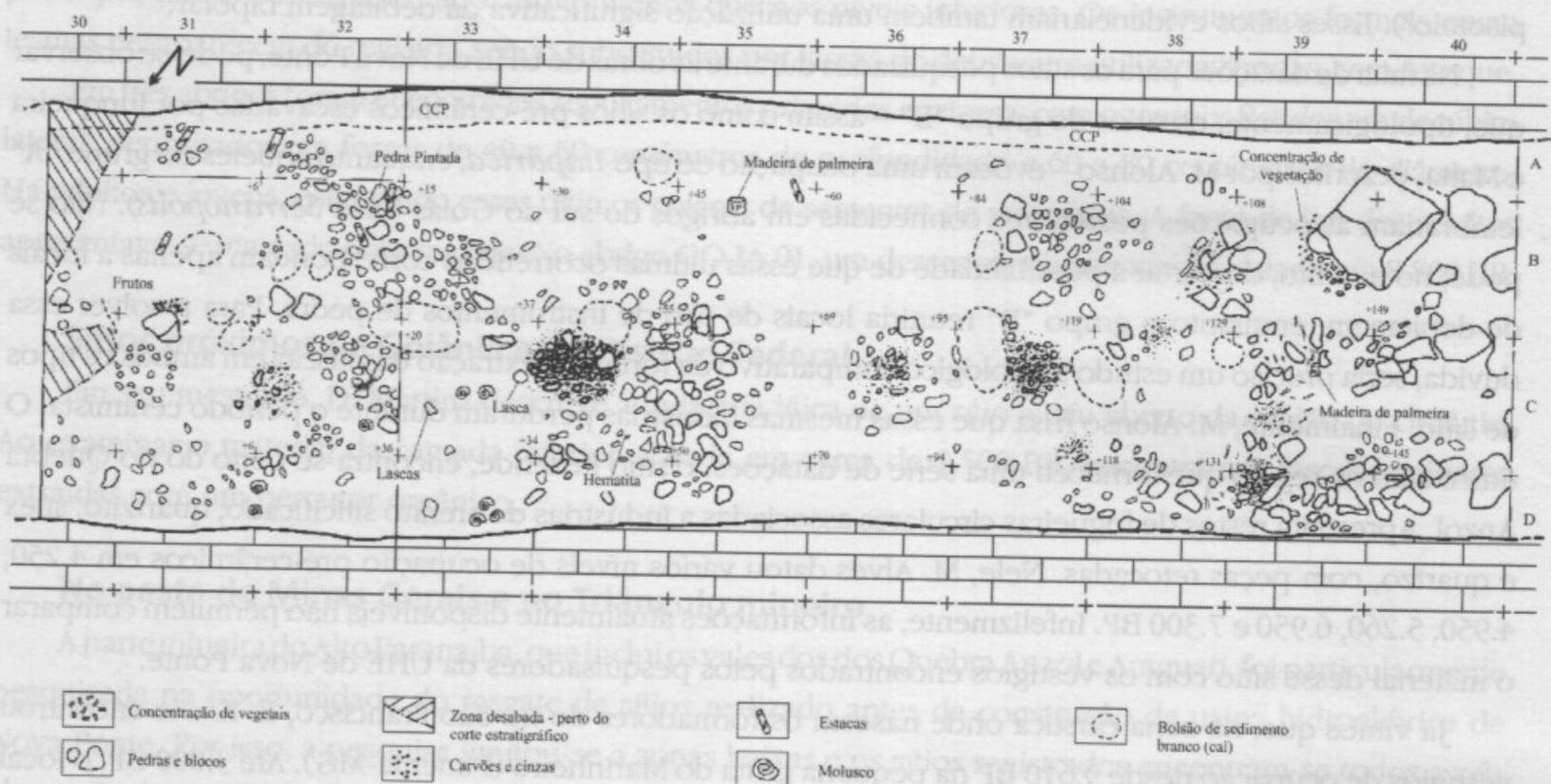
Já vimos que, na zona cárstica onde nascem os formadores do rio São Francisco, E. Koole encontrou vestígios de ocupação desde 9.610 BP na pequena gruta do Marinheiro (Pimenta-MG). Até 3.000 BP, o local serviu de abrigo para lascadores que fabricavam pequenas pontas bifaciais de projétil de forma losangular (sem aletas marcadas) de sílex e quartzito – matérias-primas “importadas” das regiões vizinhas desde até 70 quilômetros. Sessenta pontas inteiras e muitas quebradas durante a fabricação, além do refugio de produção de artefatos, foram encontradas pelo arqueólogo numa sondagem de apenas 4 metros quadrados. O chert local, de qualidade medíocre, fornecia lascas utilizadas como faca sem retoque, raspadores, raspadeiras e alguns artefatos plano-convexos robustos. Algumas das cavidades encontradas na mesma região foram utilizadas como cemitério, pois E. Koole encontrou na Loca do Suim sepultamentos primários e pacotes de ossos carbonizados. Esses restos, pertencentes a crianças e adultos, foram datados todos em cerca de 7.400 BP.

O abrigo de Santa Elina (MT)

Uma grande superfície foi escavada ao longo do paredão do abrigo de Santa Elina. A indústria lítica, bastante pobre, é formada, sobretudo, por lascas de calcário local, pouco adequada para um trabalho preciso, mas foram também lascados pequenos nódulos de sílex. Os poucos artefatos retocados (lesmas robustas, plainas com retiradas lamelares, raspadores) são encontrados essencialmente nos níveis do Holoceno antigo,

enquanto as indústrias posteriores a 9.000 BP, sobretudo encontradas a partir de 6.000 BP, apresentam essencialmente lascas corticais, com retoques limitados à fabricação de uma reentrância ou à regularização de um gume natural. Alguns fragmentos de hematita ocorrem também nesse período antigo do Holoceno. O abrigo não parece ter sido frequentado intensamente, pois, além dos vestígios líticos serem pouco numerosos, os restos faunísticos também são raríssimos – são, sobretudo, pequenos roedores e caramujos, moradores dos abrigos. Parece provável que o abrigo tenha sido um local de atividades ritualísticas, pois numerosas pinturas, realizadas em vários momentos com temáticas e tintas diferenciadas, decoram as paredes. Um piso datado entre 6.700 e 7.000 BP apresenta dezenas de plaquetas decimétricas de calcários pintadas de vermelho. Muitos fragmentos de hematita raspada, trazidos da Serra das Araras, ocorrem nesse mesmo período, entre 5.500 e 7.000 BP. Teriam havido, nessa época, intensas atividades pictóricas – incluindo, provavelmente, a decoração do paredão. Várias estacas de madeira foram também datadas entre 6.500 e 7.000 BP. Esse tipo de frequência parece ter continuado até cerca de 3.000 anos atrás (fig. 43).

Figura 43 - Abrigo de Santa Elina - MT



Plano de organização espacial de dois níveis recentes: 2000 e 3500 anos atrás. Zona Oeste, Quadras A-D/30-40. Quadras A-D/30-32, 3ª camada, 10ª decapagem. Quadras A-D/33-40, 1ª camada, 5ª decapagem - reproduzido de A. Vialou 2005

Os sítios sob abrigo do norte do estado de Minas Gerais

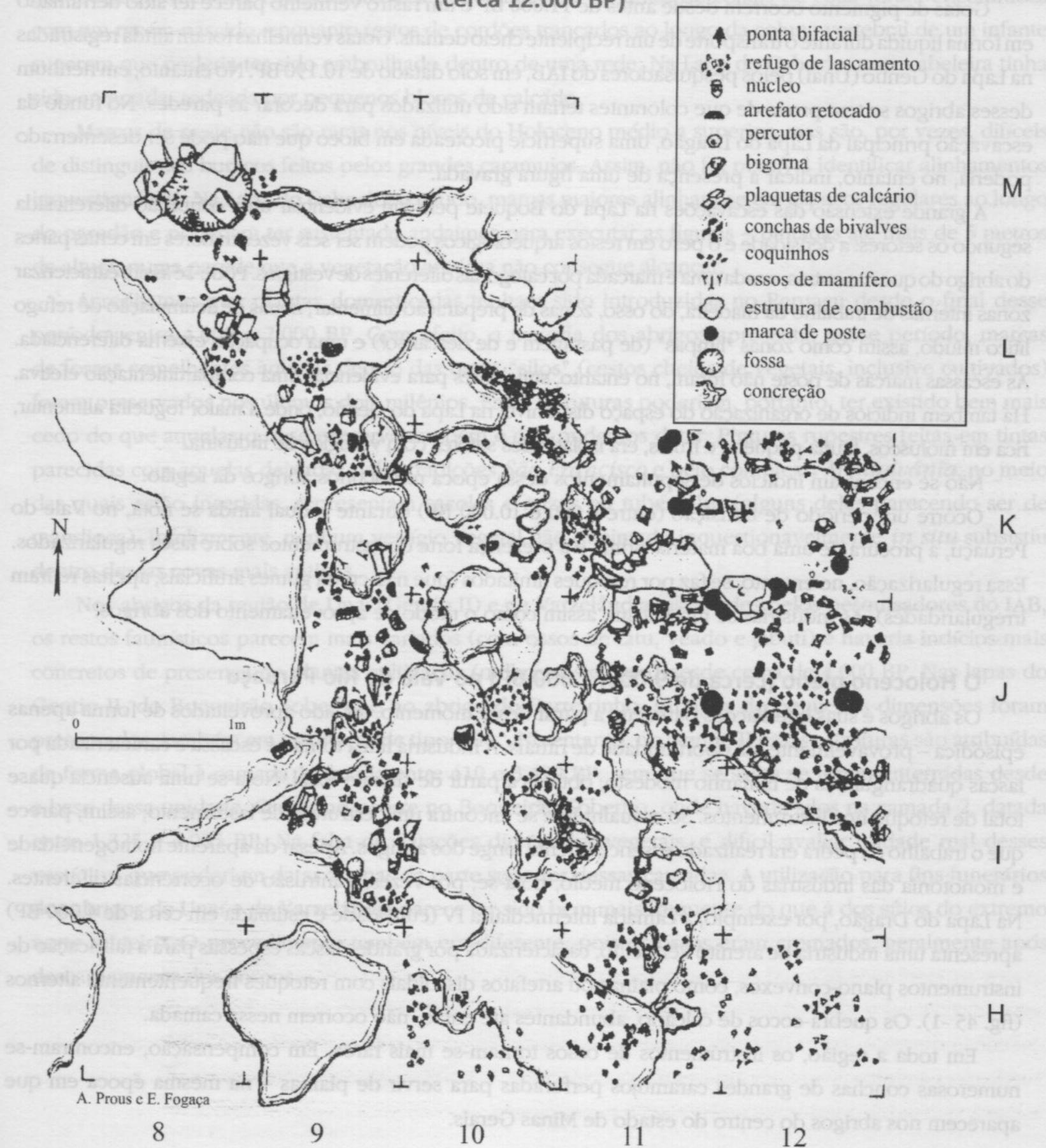
Uma sequência semelhante àquela do sul de Goiás foi encontrada nos abrigos dos vales dos rios Peruaçu (entre Januária e Itacarambi) e Cochá (perto de Montalvânia).

O período de povoamento inicial (12.000 / cerca de 9.000 BP)

Na Lapa do Boquete, os vestígios mais antigos (um pouco mais de 12.000 BP) encontram-se dentro de uma argila calcitada em fase de transformação em brecha, que parece indicar uma drástica modificação do microambiente da gruta no final do Pleistoceno. As indústrias líticas são, sobretudo, feitas de silexito, aparecendo muito raramente instrumentos de arenito silicificado. Nota-se uma preocupação em se obter matérias-primas de boa qualidade para lascamento. As primeiras ocupações – datadas entre 12.020 até 10.000 BP – apresentam

uma indústria que lembra muito a da fase *Paranaíba* de Goiás; no entanto, as peças plano-convexas são muito menos bem regularizadas. Em compensação, nota-se a presença de raspadores retocados espessos. Também foram encontrados locais de fabricação de pontas de projétil bifaciais. A debitage pode ser bastante cuidada, particularmente na Lapa do Dragão, onde lascas laminares retiradas com percussão orgânica não são raras. Na Lapa do Boquete encontramos também vários locais de trabalho em madeira, onde se agrupavam espessos instrumentos plano-convexos (cujo gume apresenta o típico micropolido), tanto no interior do grande salão de entrada quanto no exterior da zona abrigada. Fragmentos de estalactites eram quebrados e trazidos para serem transformados em elementos de colar (lapas do Boquete e, sobretudo, dos Bichos) (fig. 44).

Figura 44 - Base da ocupação em partes da escavação nº 1 da Lapa do Boquete (cerca 12.000 BP)



Ossos de patas de veado eram trazidos aos abrigos para serem transformados em espátulas. Os restos alimentares incluem, nesse período, uma quantidade significativa de bivalves de água doce, que se encontram misturados com coquinhos queimados em amplas fogueiras. Alguns grandes quebra-cocos de calcário foram encontrados à proximidade dessas estruturas de combustão. Os restos de mamíferos de pequeno porte são numerosos, mas os ossos de mamíferos de porte maior estão quase ausentes – a não ser os ossos metapodiais de cervídeos e os restos de um porco-do-mato, na Lapa do Boquete. Provavelmente esses animais não eram normalmente consumidos nos abrigos, ou seus ossos eram jogados fora para não atrair carniceiros. A presença dos ossos metapodiais se explica pelo fato de tratar-se de matéria-prima para fabricação de espátulas e comprova que se caçavam cervídeos. Esses deviam ser esquartejados fora das zonas abrigadas, já que os demais ossos não foram registrados nas escavações.

Gotas de pigmento ocorrem desde antes de 11.000 BP e um rastro vermelho parece ter sido derramado em forma líquida durante o transporte de um recipiente cheio demais. Gotas vermelhas foram ainda registradas na Lapa do Gentio (Unai) pelos pesquisadores do IAB, em solo datado de 10.190 BP. No entanto, em nenhum desses abrigos se tem prova de que colorantes teriam sido utilizados para decorar as paredes. No fundo da escavação principal da Lapa do Dragão, uma superfície picoteada em bloco que não pode ser desenterrado poderia, no entanto, indicar a presença de uma figura gravada.

A grande extensão das escavações na Lapa do Boquete permitiu evidenciar uma ocupação diferenciada segundo os setores: a densidade e o peso em restos arqueológicos podem ser seis vezes maiores em certas partes do abrigo do que nas outras, e cada uma é marcada por categorias diferentes de vestígios. Pode-se assim caracterizar zonas internas de trabalho da madeira, do osso, zonas de preparação alimentar, zonas de acumulação de refugo lítico miúdo, assim como zonas “limpas” (de passagem e de descanso?) e uma ocupação externa diferenciada. As escassas marcas de poste não foram, no entanto, suficientes para evidenciar uma compartimentação efetiva. Há também indícios de organização do espaço disponível na Lapa do Gentio, onde a maior fogueira alimentar, rica em moluscos, fauna pequena e frutas, era isolada dos setores com vestígios de indústria.

Não se encontram indícios de sepultamentos dessa época remota nos abrigos da região.

Ocorre um período de transição (entre 9.000 e 10.000 BP) durante o qual ainda se nota, no Vale do Peruaçu, a procura de uma boa matéria-prima e a presença forte de instrumentos sobre lasca regularizados. Essa regularização, no entanto, se faz por retoques limitados (que não criam gumes artificiais, apenas retiram irregularidades). As indústrias se modificam, assim como o modo de aproveitamento dos abrigos.

O Holoceno pleno (cerca de 9.000/2.000 BP) no Vale do Rio Peruaçu

Os abrigos e suas imediações parecem, a partir desse momento, ter sido aproveitados de forma apenas episódica – provavelmente, na oportunidade de rituais. A indústria lítica torna-se escassa e caracterizada por lascas quadrangulares de tamanho modesto, obtidas a partir de silex local. Nota-se uma ausência quase total de retoque nos instrumentos. Só casualmente se encontra uma estrutura de lascamento; assim, parece que o trabalho da pedra era realizado essencialmente longe dos abrigos. Apesar da aparente homogeneidade e monotonia das indústrias do Holoceno médio, nota-se, por vezes, a intrusão de ocorrências diferentes. Na Lapa do Dragão, por exemplo, a camada intermediária IV (cuja idade é estimada em cerca de 4.000 BP) apresenta uma indústria de arenito vermelho, caracterizada por grandes lascas espessas para a fabricação de instrumentos plano-convexos, como plainas ou artefatos discoidais com retoques frequentemente alternos (fig. 45 -1). Os quebra-cocos de calcário, abundantes até então, não ocorrem nessa camada.

Em toda a região, os instrumentos de ossos tornam-se mais raros. Em compensação, encontram-se numerosas conchas de grandes caramujos perfuradas para servir de plainas – na mesma época em que aparecem nos abrigos do centro do estado de Minas Gerais.

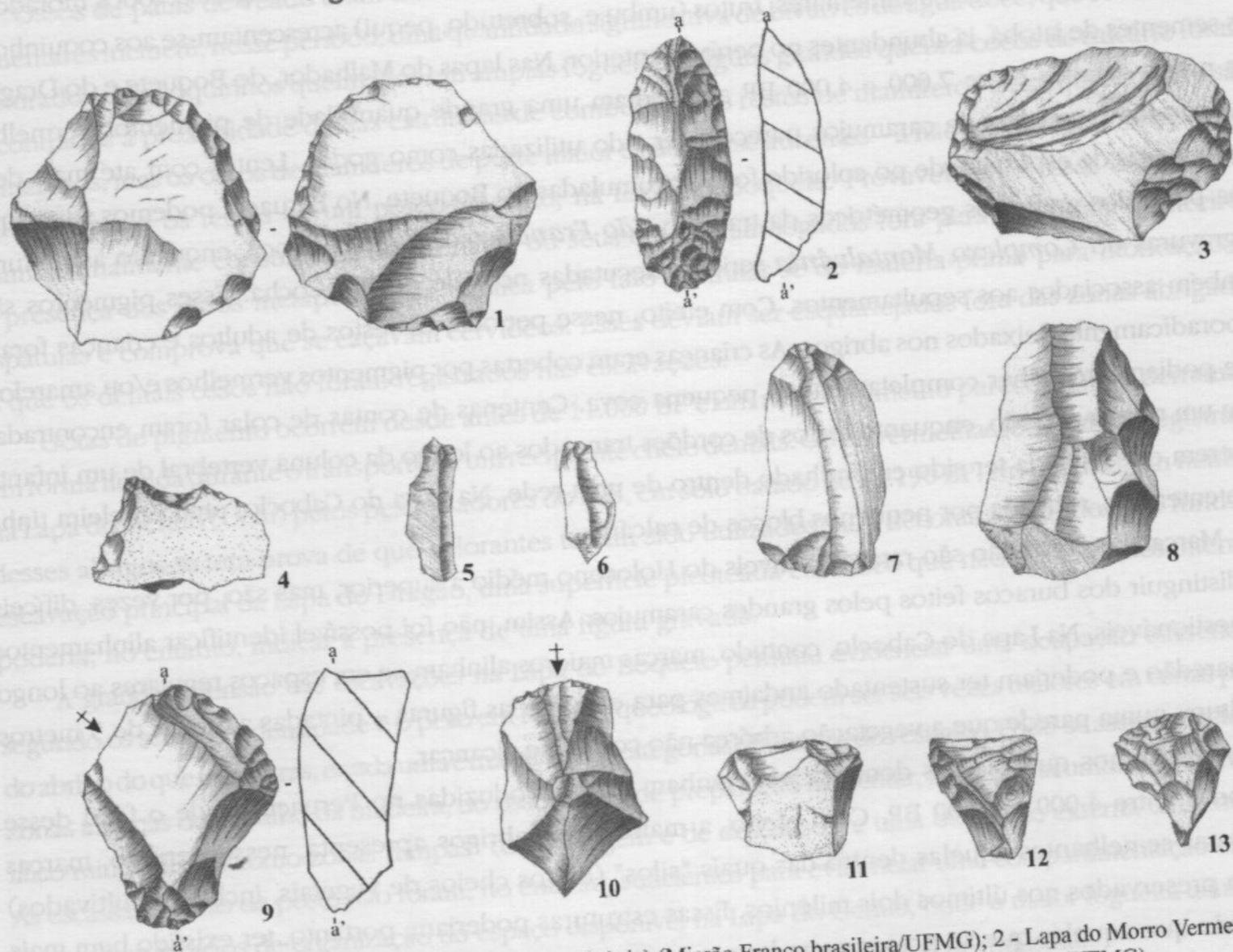
Os restos de fauna escasseiam, quase se limitando a pequenos mamíferos e lagartos, todos moradores dos abrigos. Entre os restos alimentares, frutos (umbu e, sobretudo, pequi) acrescentam-se aos coquinhos e às sementes de jatobá, já abundantes no período anterior. Nas lapas do Malhador, do Boquete e do Dragão, os níveis datados entre 7.000 e 4.000 BP apresentam uma grande quantidade de pigmentos vermelhos e amarelos e conchas de caramujos parecem ter sido utilizadas como godês. Lentes com até mais de 5 centímetros de espessura de pó colorido foram acumuladas no Boquete. No Peruaçu, podemos supor que boa parte dos grafismos geométricos da tradição *São Francisco* date dessa época, enquanto as pinturas e gravuras do *Complexo Montalvânia* seriam executadas no Vale do Rio Cochá. Esses pigmentos são também associados aos sepultamentos. Com efeito, nesse período, os restos de adultos e crianças foram esporadicamente deixados nos abrigos. As crianças eram cobertas por pigmentos vermelhos e/ou amarelos, que podiam preencher completamente a pequena cova. Centenas de contas de colar foram encontradas com um recém-nascido, enquanto restos de cordões trançados ao longo da coluna vertebral de um infante sugerem que poderia ter sido embrulhado dentro de uma rede. Na Lapa do Caboclo, uma cabeleira tinha sido enterrada, rodeada por pequenos blocos de calcário.

Marcas de poste não são raras nos níveis do Holoceno médio a superior, mas são, por vezes, difíceis de distinguir dos buracos feitos pelos grandes caramujos. Assim, não foi possível identificar alinhamentos inquestionáveis. Na Lapa do Caboclo, contudo, marcas maiores alinham-se em espaços regulares ao longo do paredão e poderiam ter sustentado andaimes para executar as figuras – pintadas até mais de 5 metros de altura, numa parede que a vegetação arbórea não consegue alcançar.

Acreditamos que plantas domesticadas tenham sido introduzidas no Peruaçu desde o final desse período, entre 4.000 e 2.000 BP. Com efeito, a maioria dos abrigos apresenta, nesse período, marcas de fossas semelhantes às aquelas dentro das quais “silos” (cestos cheios de vegetais, inclusive cultivados) foram preservados nos últimos dois milênios. Essas estruturas poderiam, portanto, ter existido bem mais cedo do que aquelas que se preservaram bem e que pudemos datar. Pinturas rupestres feitas em tintas parecidas com aquelas deixadas pelas tradições *São Francisco* e pelo complexo *Montalvânia*, no meio das quais estão inseridas, representam sacolas e raízes ou tubérculos (alguns deles parecendo ser de mandioca). Infelizmente, nenhum vestígio vegetal não queimado inquestionavelmente *in situ* subsistiu dentro dessas covas mais antigas.

Nos abrigos da região de Unai (Gentio II) e de Varzelândia, escavados pelos pesquisadores do IAB, os restos faunísticos parecem mais variados (com ossos de tatu, veado e jabuti) e haveria indícios mais concretos de presença de plantas cultivadas (milho, neste caso) desde cerca de 4.000 BP. Nas lapas do Gentio II, do Boqueirão Soberbo e no abrigo do Barreirinho, sabugos de pequenas dimensões foram preservados, também em estruturas de tipo “silo”. No entanto, no Gentio II essas estruturas são atribuídas de forma global à camada 1, datada entre 410 e 3.490 BP, sem que se saiba se foram enterradas desde a base dessa unidade. O mesmo ocorre no Boqueirão Soberbo, onde haveria silos na camada 2, datada entre 1.325 e 4.905 BP. Na falta de datações diretas dos vegetais, é difícil avaliar a idade real desses vestígios, que poderiam datar apenas da parte superior dessas camadas. A utilização para fins funerários dos abrigos de Unai e de Varzelândia parece ter sido bem mais frequente do que a dos sítios do extremo norte mineiro. O procedimento também era diferente, pois os ossos eram cremados, geralmente após descarnamento dos corpos.

Figura 45 - Pré-cerâmico do norte mineiro I



1 - Lapa do Dragão camada IV arenito silicificado (Montalvânia) (Missão Franco brasileira/UFMG); 2 - Lapa do Morro Vermelho sílex (Januária) (coleta P. Junqueira); 3 a 13 Lapa do Boquete, níveis inferiores. Sílex (Januária) (UFMG).

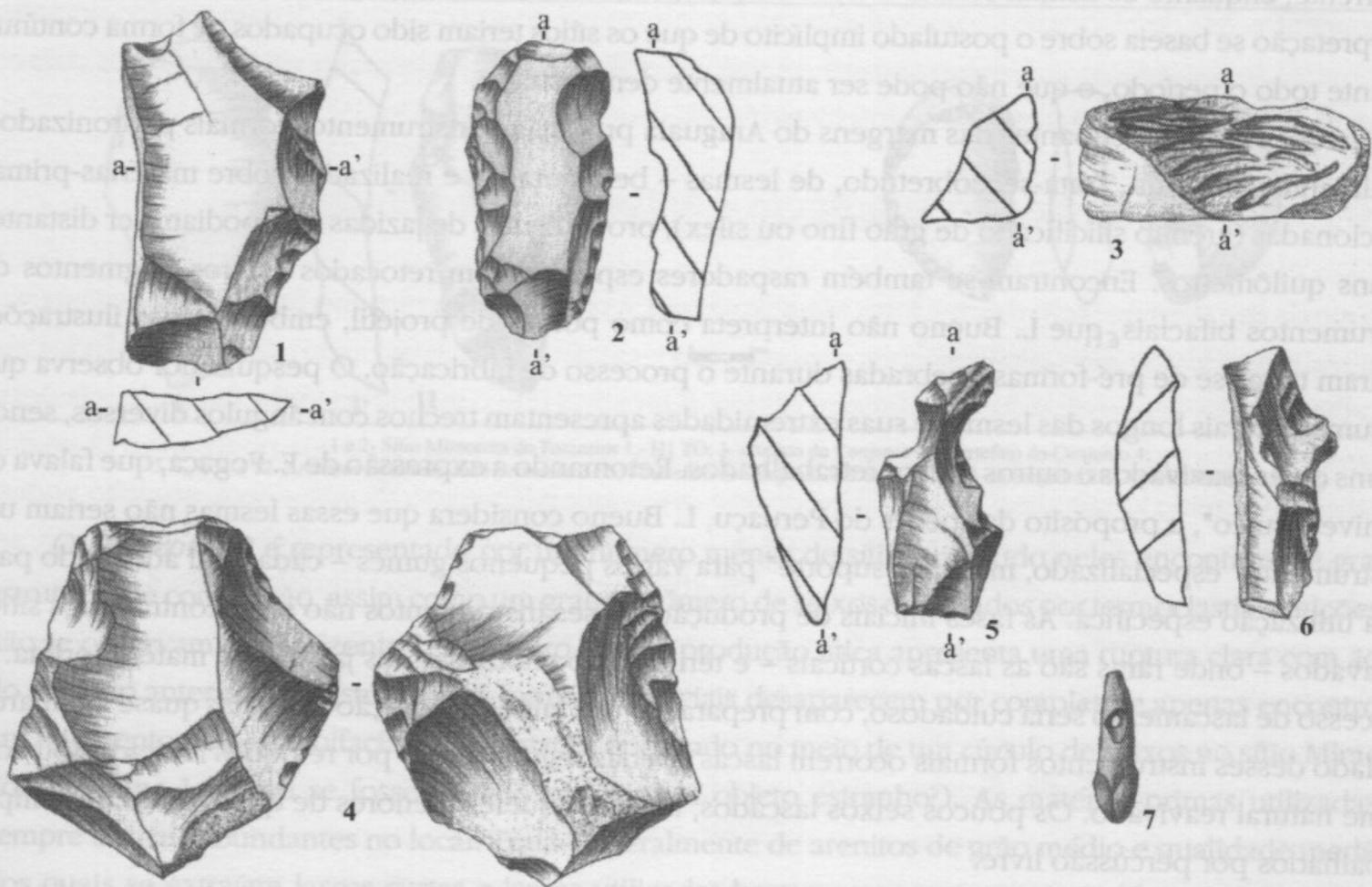
Os sítios a céu aberto

Embora a grande maioria dos sítios estudados seja sob abrigo, é óbvio que os habitantes do norte de Minas Gerais – assim como aqueles de Goiás, da Bahia, de Tocantins e de Mato Grosso – moravam a céu aberto. No Vale do Rio Peruaçu, encontramos alguns deles, dos quais apenas um (Terra Brava) teve uma superfície significativa escavada, apresentando dois pisos de ocupação pré-cerâmicos (o mais antigo datado em 2.950 BP). Trata-se de uma ocupação na beira do rio, caracterizada por estruturas de combustão e uma indústria de lascas simples, utilizadas sem retoque – a não ser de regularização ou para criar um gume denticulado. Verificou-se microscopicamente que as lascas de debitage, geralmente utilizadas brutas, tinham servido para raspar e partir madeira e cortar vegetais não lenhosos ainda frescos. Vários núcleos, com cerca de 10 centímetros de comprimento, evidenciam uma percussão direta dura a partir de uma ou duas plataformas (uma delas, preferencial). Um controle deficiente da direção e da força dos golpes provocava frequentes acidentes – geralmente a saída das lascas em charneira. De fato, a maioria das lascas apresenta restos de córtex na extremidade distal da face externa (confirmando a existência de um plano preferencial) e sem gume distal – por serem refletidas. Outros núcleos, bem menores (4 a 6 cm), apresentam uma forma globular. Acreditamos que, a partir de certo momento, os *nuclei* – inicialmente explorados de forma organizada – perdiam os ângulos favoráveis em seu plano principal e, faltando habilidade técnica para sua gestão, eram a seguir debitados oportunisticamente até o esgotamento.

Os locais de extração de matéria-prima lítica: Além dos abrigos utilizados de forma específica e das ocupações a céu aberto, conhecem-se extensos ateliês de extração de material lítico. No Vale do Rio Peruaçu, destacaremos, entre outros, aquele do Judas. Trata-se da região mais alta que domina o Vale do Peruaçu. Acima da espessa massa de calcário, na base da qual se abrem os abrigos, encontram-se restos de depósitos areníticos cretáceos da Formação Urucuia. Suas areias foram silicificadas, proporcionando um arenito apreciado pelos mais antigos moradores do vale para fabricar instrumentos plano-convexos. Sobretudo, na base do arenito, formou-se uma camada de material silicificado microcristalino ou fibroso. A erosão do arenito deixa aparecer ftalitas escuras, sílex claro e calcedônia, que foram intensivamente explorados ao longo do Holoceno. Grandes lascas de teste e descorticação encontram-se espalhadas na superfície numa extensão de um quilômetro, verificando-se a presença de alguns locais onde se fabricaram algum instrumento mais elaborado, como uma ponta de projétil. Em outro sítio de extração, o Olhaqui, foram encontrados verdadeiros picões lascados de sílex. Perto de Varzelândia, os pesquisadores do IAB observaram também extensas jazidas de sílex.

No sudoeste da Bahia, perto de Minas Gerais e de Goiás, P. I. Schmitz e A. S. Barbosa prospectaram uma região quase desértica (Mato Grosso do Português). Lá, onde a erosão deixou aflorar o arenito silicificado branco, encontram-se extensas oficinas de extração da matéria-prima, às vezes numa extensão de mais de 200 metros. Grandes blocos foram projetados nas quinas de arenito em afloramento para que se destacassem fragmentos aproveitáveis como núcleos. Esses núcleos, originalmente com diâmetro aproximado de 40 centímetros, eram a seguir debitados para se obter grandes lascas compridas (até 20 centímetros), sendo abandonados quando reduzidos à dimensão de 20 x 5 cm. As grandes lascas eram utilizadas para fabricar instrumentos plano-convexos, sobretudo lesmas. Atribui-se, portanto, esses sítios à tradição *Itaparica*. Em cada local de debitage, com dois a quatro metros de diâmetro, encontram-se um ou dois núcleos, numerosas lascas e até mais de vinte instrumentos quebrados ou inacabados (sobretudo raspadores e lesmas), além de raros batedores de arenito.

Figura 46 - Pré-cerâmico do norte mineiro II



1 a 7 - Lapa Pequena de Montes Claros (Pesquisas de A. Bryan e UFMG). 1, 2, 4 e 5: sílex (5: zinken). 3: hematita (pigmento raspado).

Os sítios em dunas e terraços ao longo do rio Tocantins

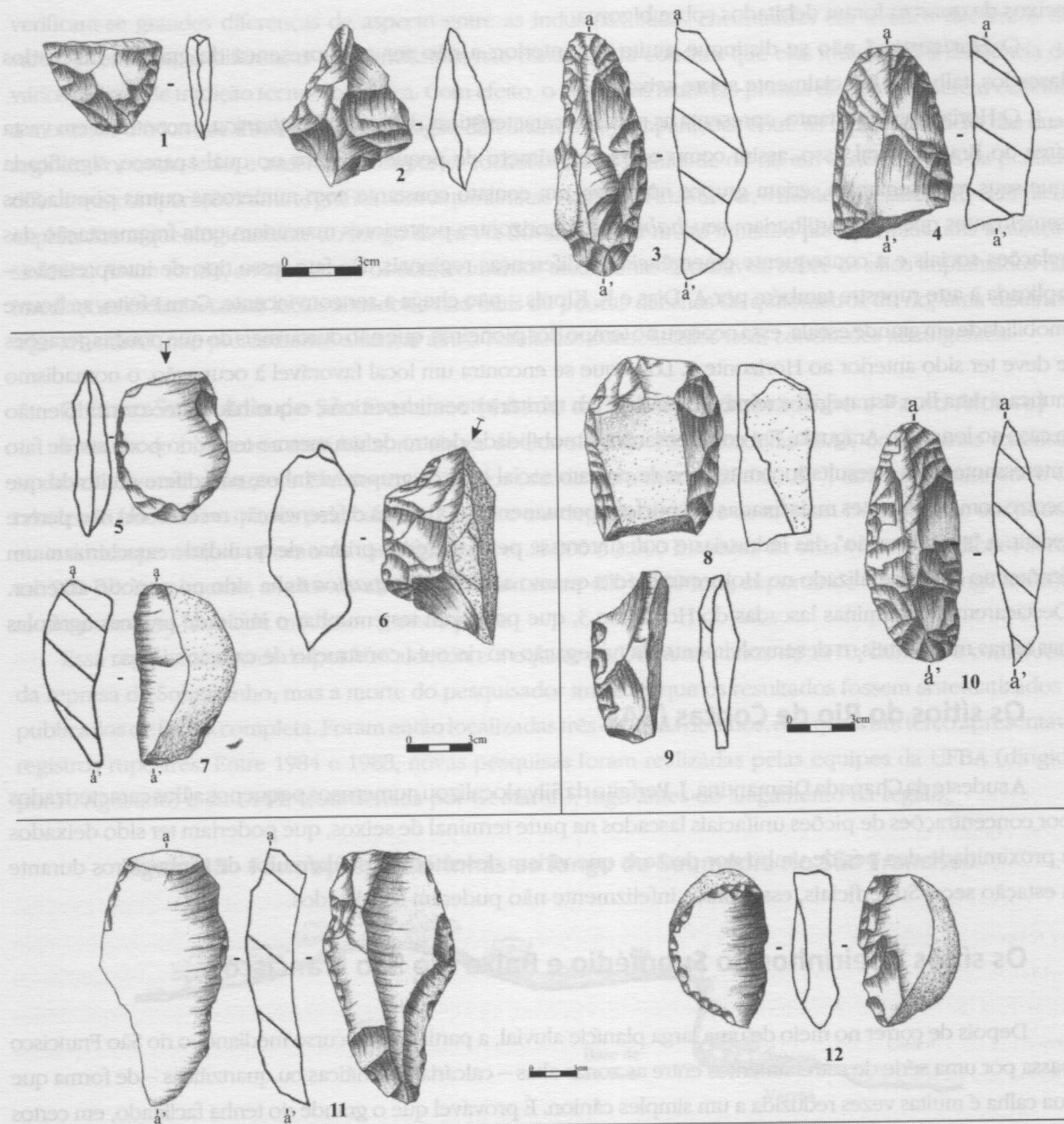
A pesquisa de salvamento realizada entre 1999 e 2005 por P. DeBlasis e E. Robrahn Gonzalez no Médio Tocantins – pouco ao norte da cidade de Palmas – interessou uma área de 120 quilômetros quadrados. Sendo destinada a explorar uma região que ia ser inundada, dirigiu a pesquisa para regiões de fundo de vale. Isso proporcionou o descobrimento de uma centena de sítios a céu aberto sem cerâmica, instalados em dunas e terraços do rio Tocantins. Embora a maioria desses sítios seja de superfície e unicomponenciais, alguns apresentam ocupações diversificadas, estratificadas em 2 e até 3,5 metros de espessura. As datações indicam três “momentos” principais de ocupações pré-cerâmicas: os chamados Horizonte 1 (entre 10.500 e 8.980 BP), Horizonte 2 (de 5.980 a 5.010 BP) e Horizonte 3 (2.450 a 1.440 BP) – esse imediatamente anterior ao surgimento da cerâmica. Alguns dos frequentadores desses sítios a céu aberto devem ter sido também autores das gravuras picoteadas em rochedos e afloramentos encontradas perto de corredeiras em ilhas e terraços do rio Tocantins e das pinturas executadas nos abrigos da Serra do Lajeado, que dominam em várias centenas de metros o curso do rio Tocantins. Os abrigos apresentam poucos vestígios de ocupação enterrados. Sondagens em dois deles, no entanto, proporcionaram datações e vestígios compatíveis com os horizontes 2 e 3. Os territórios pré-históricos forneceriam, portanto, recursos variados (de planície, de vertente e de serra) em um raio de poucos quilômetros de distância. Segundo o estudo realizado por L. Bueno, cada horizonte seria caracterizado por uma estratégia de ocupação do espaço específica e por algumas especificidades na indústria lítica (a única preservada nos sítios), embora algumas características se mantenham através do tempo para a debitagem corriqueira.

O Horizonte 1 seria caracterizado por sítios hierarquizados: um sítio extenso (até 90.000 m²) e rico em material ocorreria a cada 20 quilômetros, havendo entre eles sítios menores (a partir de 50 m²) e pobres em restos líticos. Cada sítio maior poderia ser a base principal de um grupo territorial, ocupada de forma recorrente, enquanto os demais seriam locais de ocupação menos intensiva e mais casual. No entanto, essa interpretação se baseia sobre o postulado implícito de que os sítios teriam sido ocupados de forma contínua durante todo o período, o que não pode ser atualmente demonstrado.

Esses primeiros ocupantes das margens do Araguaia produziam instrumentos formais padronizados, geralmente unifaciais. Trata-se, sobretudo, de lesmas – bem curadas e realizadas sobre matérias-primas selecionadas (arenito silicificado de grão fino ou sílex), provenientes de jazidas que podiam ser distantes alguns quilômetros. Encontram-se também raspadores espessos bem retocados e raros fragmentos de instrumentos bifaciais, que L. Bueno não interpreta como pontas de projétil, embora várias ilustrações sugiram tratar-se de pré-formas quebradas durante o processo de fabricação. O pesquisador observa que os gumes laterais longos das lesmas e suas extremidades apresentam trechos com ângulos diversos, sendo alguns deles reavivados e outros menos retrabalhados. Retomando a expressão de E. Fogaça, que falava de “canivete suíço”, a propósito das peças do Peruaçu, L. Bueno considera que essas lesmas não seriam um “instrumento” especializado, mas um “suporte” para vários pequenos gumes – cada qual adequado para uma utilização específica. As fases iniciais de produção desses instrumentos não se encontram nos sítios escavados – onde raras são as lascas corticais – e teriam sido realizadas nas jazidas de matéria-prima. O processo de lascamento seria cuidadoso, com preparação dos talões e extração de lascas quase laminares. Ao lado desses instrumentos formais ocorrem lascas apenas regularizadas por retoques limitados ou com gume natural reavivado. Os poucos seixos lascados, mesmo aqueles menores de quartzo, foram sempre trabalhados por percussão livre.

Vemos que todas essas características evocam a fase *Paranaíba* de Goiás e as indústrias antigas do norte de Minas Gerais.

Figura 47 - Pré-cerâmico do Médio Tocantins



1 e 2- Sítio Miracema do Tocantins 1 - H1 TO; 3- artefato do Conjunto 3; 4- artefato do Conjunto 4;
5, 6, 7, 11 e 12- Artefatos informais dos Horizontes 2 e 3; 8- artefato do Conjunto 1; 9 e 10- artefatos do conjunto 2B. A partir de Bueno (2007)

O Horizonte 2 é representado por um número menor de sítios, contudo neles encontram-se grandes estruturas de combustão, assim como um grande número de seixos estourados por termoclastia – feições que não se observam no Horizonte 1. Por outro lado, a produção lítica apresenta uma ruptura clara com aquela do período anterior. Os instrumentos formais unifaciais desaparecem por completo e apenas encontrou-se um fragmento de ponta bifacial em quartzo, depositado no meio de um círculo de seixos no sítio Miracema do Tocantins 1 (como se fosse isolado por ser um objeto estranho?). As matérias-primas utilizadas são sempre as mais abundantes no local. Trata-se geralmente de arenitos de grão médio e qualidade medíocre, dos quais se extraíam lascas curtas e largas utilizadas brutas e por pouco tempo, já que não apresentam reavivamento do gume. Os restos de córtex são comuns, sobretudo no talão, indicando uma exploração dos

núcleos realizada no local desde a fase inicial. Exploravam-se bastante os seixos – nota-se que os pequenos seixos de quartzo foram debitados sobre bigorna.

O *Horizonte 3* não se distingue muito do anterior, a não ser pela presença de grandes machados lascados, talhados bifacialmente sobre seixo.

O *Horizonte 1*, portanto, apresenta as mesmas características da tradição *Itaparica*, encontrada em vasta área do Brasil central. Isso, assim como o grande número de pequenos sítios no qual aparece, significaria que seus representantes seriam grupos nômades, em contato constante com numerosas outras populações semelhantes que compartilhariam seu *habitus*. Os horizontes posteriores marcariam uma fragmentação das relações sociais e a conseqüente emergência de diferenças regionais. De fato, esse tipo de interpretação – aplicada à arte rupestre também por A. Dias e R. Kipnis – não chega a ser convincente. Com efeito, se houve mobilidade em grande escala, essa ocorreu no tempo dos pioneiros, que não durou mais do que poucas gerações e deve ter sido anterior ao *Horizonte 1*. Logo que se encontra um local favorável à ocupação, o nomadismo nunca é uma boa estratégia; é rentável somente em territórios semidesérticos, o que não parece ter sido então o caso ao longo do Araguaia. Em compensação, a mobilidade dentro de um mesmo território pode ser de fato interessante, mas o resultado, em termos de contato social com os grupos vizinhos, não difere muito do que ocorre com populações mais fixadas em núcleos permanentes. Quanto à diferenciação recente, ela não parece existir: a “simplificação” das indústrias e o desinteresse pelas matérias-primas de qualidade caracterizam um fenômeno tão generalizado no Holoceno médio quanto a tradição *Itaparica* tinha sido no período anterior. Destacaremos as lâminas lascadas do *Horizonte 3*, que poderiam testemunhar o início de práticas agrícolas nas terras mais férteis, o desenvolvimento da navegação no rio ou a construção de casas maiores.

Os sítios do Rio de Contas (BA)

A sudeste da Chapada Diamantina, J. Perfeito da Silva localizou numerosos pequenos sítios caracterizados por concentrações de picões unifaciais lascados na parte terminal de seixos, que poderiam ter sido deixados à proximidade dos pés de umbu por pessoas que viriam desenterrar os tubérculos de umbuzeiros durante a estação seca. Superficiais, esses sítios infelizmente não puderam ser datados.

Os sítios ribeirinhos do Submédio e Baixo Rio São Francisco

Depois de correr no meio de uma larga planície aluvial, a partir do seu curso mediano, o rio São Francisco passa por uma série de estreitamentos entre as zonas altas – calcárias, areníticas ou quartzíticas – de forma que sua calha é muitas vezes reduzida a um simples cânion. É provável que o grande rio tenha facilitado, em certos momentos e aspectos, relações entre as populações de montante e as de jusante – o que poderíamos chamar de “relações em sentido longitudinal”. Há indícios de que, em outros momentos, de maior seca, seu leito poderia ter se fracionado, quando lagoas residuais teriam subsistido entre campos de dunas. Naqueles momentos, seu vale deve ter sido um atrativo maior para todas as populações da região – seja porque houvesse sociedades distintas explorando de forma especializada os ambientes da planície e os ambientes dos platôs e das serras vizinhas (neste caso, tendo que desenvolver trocas intensas entre si), seja porque o território de uma mesma população abrangesse tanto terras altas quanto baixas, num sistema de exploração “transversal” em relação ao talvegue. No primeiro caso, o rio já teria sido um fator de integração, sendo de se esperar a existência de manifestações parecidas nas indústrias e nas expressões gráficas encontradas pelos arqueólogos em toda a extensão do vale. Pelo contrário, caso predominassem as relações transversais, haveria desenvolvimento de manifestações regionais distintas ao longo do curso. Os atuais conhecimentos podem sugerir ambos os tipos de

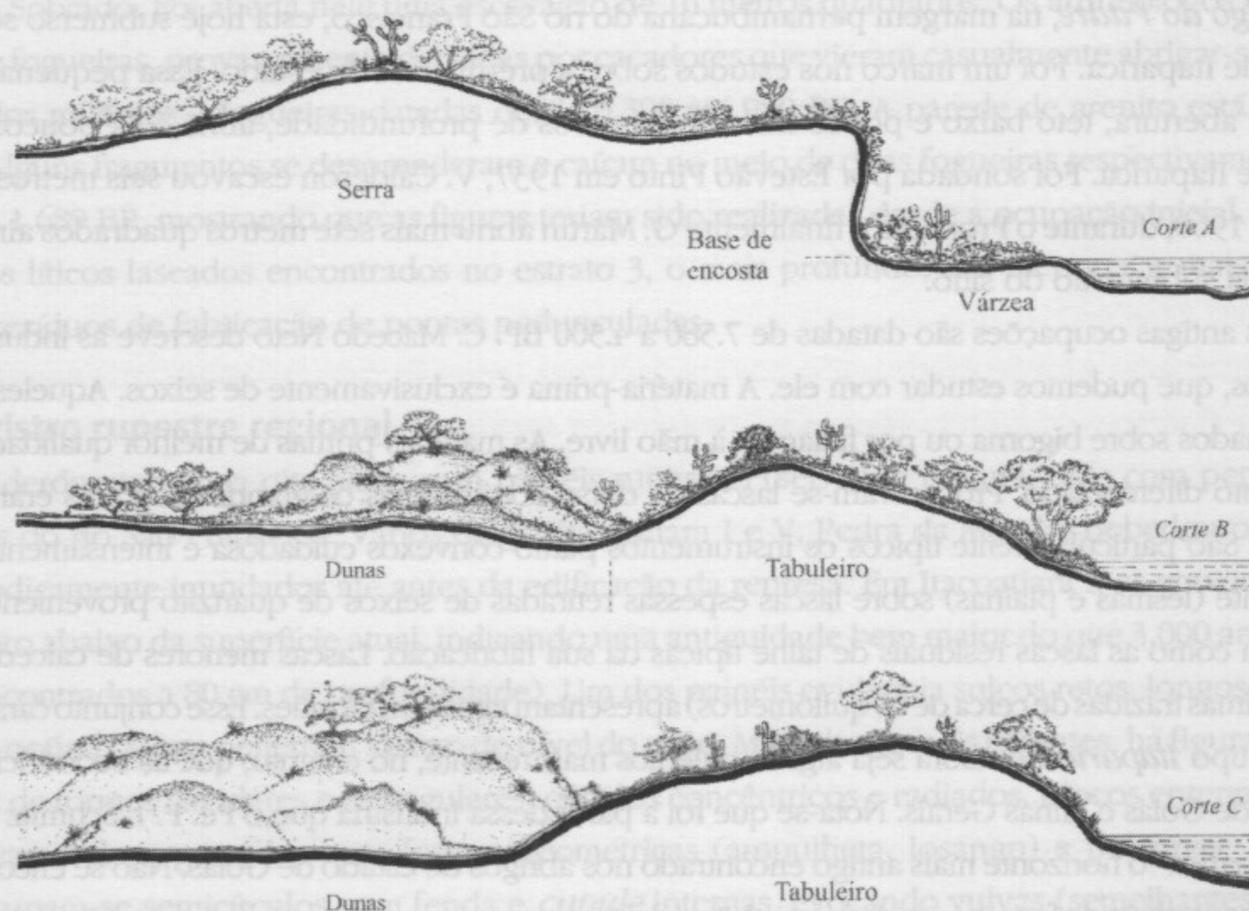
fenômenos. Com efeito, nota-se efetivamente a difusão de certas tradições rupestres ao longo do rio, enquanto verificam-se grandes diferenças de aspecto entre as indústrias líticas encontradas em trechos diferentes do vale. No entanto, as diferenças entre indústrias não bastam para concluir que elas indicariam a existência de vários grupos de tradição tecno-tipológica. Com efeito, o fato de as matérias-primas disponíveis serem distintas a montante e a jusante interfere na tecnologia, dificultando as comparações entre as indústrias líticas das duas regiões. Por outro lado, a ausência de suportes rochosos na proximidade do rio em certos trechos da planície dificulta as comparações da arte gráfica com as terras altas vizinhas. Finalmente, o número de sítios pré-cerâmicos explorados arqueologicamente ao longo dessa via fluvial é ainda muito limitado para permitir uma avaliação sintética. Assim sendo, ao apresentar os conhecimentos atualmente disponíveis sobre os sítios implantados nas imediações (selecionamos locais situados a não mais de poucas dezenas de quilômetros do rio, uma distância algo arbitrária), não pretendemos alcançar ainda resultados consolidados nem conclusões abrangentes.

O curso Submédio do São Francisco (estado da Bahia, de Sobradinho a Paulo Afonso)

Trata-se de uma zona semiárida, na altura de Petrolândia (PE) e Rodelas (BA), onde dunas extensas se desenvolveram durante o Pleistoceno superior (desde pelo menos 28.000 BP), tanto no limite entre os tabuleiros (morros ocupados pela caatinga) quanto em depressões entre os morros. Um episódio um pouco mais úmido permitiu o retorno da caatinga entre ca. 4.000 e 3.000 BP antes de uma volta a condições secas até 900 BP. Atualmente, as chuvas anuais totalizam entre 400 e 600 mm, suportando uma caatinga xerófila muito pobre em fauna de médio ou grande porte.

Essa região foi abordada por V. Calderón e a equipe da UFBA nos anos de 1970, durante a construção da represa de Sobradinho, mas a morte do pesquisador impediu que os resultados fossem sistematizados e publicados de forma completa. Foram então localizadas três dezenas de sítios, dos quais um terço apresentava registros rupestres. Entre 1984 e 1988, novas pesquisas foram realizadas pelas equipes da UFBA (dirigida por P. Agostino) e da UFPE (coordenada por G. Martin), logo antes do alagamento da região.

Figura 48 - Formações ribeirinhas ao longo do Submédio rio São Francisco



Fonte: Equipe de Valentin Calderon

Sítios sob abrigo a pouca distância do rio São Francisco, única fonte perene de água na região, foram ocupados durante o Holoceno. Esses abrem-se na encosta, entre a várzea e o topo dos tabuleiros, em locais onde teria havido em certos momentos uma vegetação de cerrado. Na superfície das dunas que ocupam o compartimento inferior da topografia regional foram encontrados numerosos locais com vestígios líticos. No entanto, esses são sempre acompanhados por restos de cerâmica. Na ausência de estratigrafia confiável nesse ambiente, não se pode diferenciar as possíveis ocorrências pré-cerâmicas dos vestígios mais tardios, de forma que as informações mais seguras sobre cronologia vêm exclusivamente dos abrigos. É provável que esse compartimento inferior tenha sido ocupado desde o Holoceno inferior ou médio; no entanto, existe apenas uma datação relativamente antiga (3.840 BP), obtida a partir de carvões coletados em contexto duvidoso. Por destoar das demais conseguidas no sítio Jacó e nas dunas de Surubabel (cerca de 830 BP), essa datação é vista com suspeição pelos pesquisadores da UFBA. Tende-se, portanto, a atribuir todos esses sítios ao período ceramista. O interesse na região dunar pelo homem antigo é tanto por estar à proximidade do rio São Francisco (fonte de água e de alimentos através da pesca) quanto por oferecer matérias-primas para os instrumentos de pedra. As cascalheiras próximas ao grande rio proporcionavam uma grande quantidade de matérias-primas líticas na forma de seixos ou de nódulos: quartzito (a rocha mais utilizada na indústria), arenito silicificado, ágata, ônix, sílex (esse, reservado aos instrumentos mais elaborados) e quartzo. Embora filões de quartzo leitoso também fossem disponíveis nos tabuleiros, os seixos retirados do rio parecem ter formado a fonte essencial de matéria-prima. Os territórios percorridos para captação alimentar de cada grupo provavelmente estendiam-se perpendicularmente ao rio, para aproveitar os recursos da várzea (pesca, coleta de frutas silvestres e alguma agricultura), das dunas (coleta de sementes de leguminosas, frutos de cactáceas e tubérculos comestíveis, mel, tanajuras) e dos tabuleiros. Assim, os diversos tipos de sítio encontrados nesses compartimentos corresponderiam a atividades complementares desenvolvidas por uma mesma população.

Resta definir se as ocupações mais estáveis encontravam-se nas dunas (como acredita C. Etchevarne) ou se eram ocupadas de forma apenas periódica para atividades sazonais ou especializadas.

Deter-nos-emos agora sobre os abrigos.

O *Abrigo do Padre*, na margem pernambucana do rio São Francisco, está hoje submerso sob as águas da represa de Itaparica. Foi um marco nos estudos sobre a pré-história do estado. Essa pequena gruta, com 6 metros de abertura, teto baixo e pouco mais de 4 metros de profundidade, abria-se a poucos metros da cachoeira de Itaparica. Foi sondada por Estevão Pinto em 1937, V. Calderón escavou seis metros quadrados nos anos de 1960, durante o Pronapa, e finalmente G. Martin abriu mais sete metros quadrados ainda intactos logo antes da submersão do sítio.

As mais antigas ocupações são datadas de 7.580 a 4.500 BP. C. Macedo Neto descreve as indústrias desses níveis antigos, que pudemos estudar com ele. A matéria-prima é exclusivamente de seixos. Aqueles de quartzo eram trabalhados sobre bigorna ou por fiação à mão livre. As matérias-primas de melhor qualidade recebiam um tratamento diferenciado. Procuravam-se lascas de dorso cortical, mas os grandes suportes eram retocados ou talhados. São particularmente típicos os instrumentos plano-convexos cuidadosa e intensamente retocados unifacialmente (lesmas e plainas) sobre lascas espessas retiradas de seixos de quartzito provenientes da calha do rio, assim como as lascas residuais de talhe típicas da sua fabricação. Lascas menores de calcedônia e sílex (matérias-primas trazidas de cerca de 60 quilômetros) apresentam também retoques. Esse conjunto caracteriza uma indústria de tipo *Itaparica*, embora seja alguns milênios mais recente, no entanto, que as ocorrências similares nos estados de Goiás e Minas Gerais. Nota-se que foi a partir dessa indústria que o Pe. P. I. Schmitz denominou "tradição Itaparica" o horizonte mais antigo encontrado nos abrigos do estado de Goiás. Não se encontrou nesse abrigo nenhum indício de façonagem de pontas bifaciais, nem nessas camadas antigas, nem nas seguintes (fig. 51).

Entre 4.000 e 2.500 BP, na época do retorno da vegetação de caatinga, a indústria lítica da Gruta do Padre torna-se menos elaborada, com lascas simples de fatiagem retiradas dos seixos locais. Esses níveis foram perturbados por enterramentos provenientes das camadas superiores (que correspondem a ocupações ceramistas e de agricultores).

Os abrigos *Itacoatiara I a VI* da margem baiana foram estudados pela equipe de V. Calderón.

Havia muitas gravuras no pequeno abrigo *Itacoatiara I*, distante poucos metros do rio São Francisco e no qual foi escavada uma superfície de oito metros quadrados. Abaixo do nível superficial com cerâmica encontraram-se alguns vestígios líticos em piso datado em 2.300 BP. Abaixo desse havia um espesso nível estéril, na base do qual apareceu uma grande fogueira. Essa repousava sobre uma laje que ocupava a maior parte do espaço, juntamente com um grande bloco transformado em pilão. A ocupação inicial corresponde a mais um nível de fogueira acompanhada por artefatos líticos, entre 120 e 130 centímetros de profundidade. Um fragmento de cerâmica, encontrado entre blocos desabados a -1,4 m, é provavelmente intrusivo. Nesse abrigo, C. da Costa menciona a presença de lascas, sobretudo de quartzo; as mais espessas apresentariam retoque distal e lateral. Observou também a presença de numerosos seixos alongados (para serem usados ou transformados em mãos de pilão?). Segundo C. Macedo Neto, seixos de quartzo eram fraturados na bigorna. Haveria muitos instrumentos sobre massa central e poucas lascas regularizadas (nunca instrumentos “formais” retocados). Embora C. Macedo oponha a indústria “curada” da Gruta do Padre àquela “expedita” do *Itacoatiara 1*, simplesmente a segunda corresponde cronologicamente aos níveis superiores da gruta.

No abrigo vizinho, *Itacoatiara V*, encontrou-se uma grande variedade de matérias-primas, todas na forma de seixos, dos quais foram extraídas numerosas lascas, geralmente corticais e utilizadas brutas – muitas delas, queimadas.

Os pesquisadores consideram que o abrigo *Itacoatiara VI* seria um local de coleta e preparação de quartzo. À proximidade, o trabalho continuaria a céu aberto, no sítio *Itacoatiara IV*. Nesse foram encontrados círculos de seixos, assim como acumulações de lascas, raspadores e facas semicorticais, que formam verdadeiros montículos.

Na margem pernambucana e distante 700 metros do rio São Francisco abre-se o pequeno abrigo *Letreiro do Sobrado*. Foi aberta nele uma escavação de 16 metros quadrados. Os arqueólogos encontraram dezenas de fogueiras, provavelmente deixadas por caçadores que vieram casualmente abrigar-se nesse local ao longo dos milênios – fogueiras datadas desde 6.390 até 980 BP. A parede de arenito está coberta por gravuras. Alguns fragmentos se desprenderam e caíram no meio de duas fogueiras respectivamente datadas em 6.390 e 1.689 BP, mostrando que as figuras teriam sido realizadas desde a ocupação inicial. Nota-se que os vestígios líticos lascados encontrados no estrato 3, o mais profundo, são menores e mais elaborados, incluindo resíduos de fabricação de pontas pedunculadas.

O registro rupestre regional

V. Calderón menciona oito sítios com painéis rupestres (seis com pintura, dois com petróglifos) nas imediações do rio São Francisco. Vários deles (*Itacoatiara I e V*, *Pedra da Moeda*, *Bebedouro das Pedras*) eram periodicamente inundados até antes da edificação da represa. Em *Itacoatiara I*, as gravuras penetram até 1,3 metro abaixo da superfície atual, indicando uma antiguidade bem maior do que 3.000 anos (idade de carvões encontrados a 80 cm de profundidade). Um dos painéis evidencia sulcos retos, longos e profundos (até 1 cm), os únicos que penetram abaixo do nível do chão. Mais altos e mais recentes, há figuras picoteadas e raspadas de formas circulares e retangulares, círculos concêntricos e radiados. Blocos enterrados também apresentavam sulcos gravados com formas geométricas (ampulheta, losango) e pubianas. Na *Pedra da Moeda* agrupam-se semicírculos com fenda e *cupule* internas, evocando vulvas (semelhantes a figuras de

Itacoatiara V). Seus painéis apresentam as mesmas características que as gravuras de Itacoatiara I, enquanto o sítio de Bebedouro das Pedras apresenta grafismos serpentiformes e uma figura quadriculada – talvez uma armadilha para peixes. O abrigo vizinho Itacoatiara V, periodicamente inundado, apresenta gravuras erodidas, inclusive uma evocação de vulva.

A montante de Juazeiro, na região de Sobradinho, C. Kesting estudou 112 sítios rupestres escalonados entre a baixa vertente (ca. 360 m de altitude) e o platô (730 m). Cada um apresenta uma quantidade modesta de figuras (no total, Kesting levantou 2.900 grafismos), quase exclusivamente pinturas. Muitos painéis estão acompanhados por depressões (pilões?) com cerca de 12 centímetros de diâmetro cavados na rocha. Os temas mais recorrentes são zigue-zagues verticais formando losangos, bem como retângulos preenchidos por traços verticais (parecidos com “grades”), acompanhados por outras formas geométricas simples comuns na tradição *São Francisco*. Menos frequentes – porém muito mais espetaculares – são figuras retangulares bicrômicas preenchidas de forma complexa. Os pesquisadores nordestinos atribuem esses grafismos a um estilo “elaborado” da tradição *Agreste*, enquanto elas caracterizam o que denominamos “estilo *Caboclo*” em Minas Gerais. Figuras semelhantes são encontradas no Brasil central até a região de Serranópolis, em Goiás. Bastante raras são representações de sauros e de instrumentos, assim como desenhos biomorfos que também têm seu equivalente no Alto Médio Vale do Rio São Francisco. Segundo C. Kesting, os sítios de alta vertente teriam sido os primeiros a serem pintados (no Holoceno antigo?), recebendo figuras abertas (ou seja, não seriam circunscritas por uma linha de contorno). Os sítios de média vertente teriam sido pintados no Holoceno médio, recebendo os grafismos bicrômicos fechados (de tipo *Caboclo*). Finalmente, o rebaixamento recente das águas teria facilitado o acesso aos afloramentos inferiores, cujos abrigos apresentariam figuras monocrômicas fechadas ou semifechadas.

O Baixo Rio São Francisco (estados de Pernambuco, Sergipe e Alagoas, de Paulo Afonso a Xingó)

As pesquisas realizadas pela equipe da UFS e do Museu Arqueológico de Xingó levaram a descobrir cerca de 60 sítios pré-históricos nos 50 quilômetros do cânion que caracteriza o trecho do São Francisco situado entre Paulo Afonso e Canindé. A escavação de amplas superfícies (várias centenas de metros quadrados) em diversos sítios e os levantamentos sistemáticos do registro rupestre realizados pela equipe proporcionaram uma grande quantidade de informações, ainda incompletamente exploradas.

Situação geográfica

Das corredeiras de Paulo Afonso até a represa de Xingó, o rio São Francisco percorre um estreito cânion com 100 a 300 metros de largura apenas e cerca de 150 metros de profundidade, aberto nos granitos (a montante) e nos arenitos (a jusante). Várias corredeiras e cachoeiras interrompem seu curso, dificultando a navegação e o contato com os trechos a montante e a jusante. Do platô tabular descem pequenos riachos, cujos leitos formam as únicas vias de comunicação entre as zonas altas e baixas. Já que a região alta, ocupada por uma caatinga rala, apresenta poucos recursos alimentares, a não ser frutas sazonais, e oferece água apenas em cacimbas, o rio se apresenta como a melhor opção de captação alimentar, através da pesca. Não é de se estranhar que a maioria dos sítios de ocupação – sazonal ou estável – encontre-se nos estreitos terraços que interrompem o íngreme declive das encostas em alguns trechos do cânion. A grande maioria desses sítios ocupa terraços baixos, entre 6 e 15 metros acima do nível médio do rio, permitindo escapar da maioria das fortes enchentes anuais. Alguns poucos locais habitados, no entanto, encontram-se em terraços

superiores, até 25 metros acima do leito, o que permitia escapar das enchentes mais catastróficas (capazes de deixar atrás de si depósitos silto-argilosos de até meio metro de espessura, explicando a grande camada de depósito holocênico nos sítios de terraço). Os sítios considerados de ocupação – incluindo os três que foram utilizados também como cemitérios – agrupam-se em quatro conjuntos, que correspondem aos trechos do curso que apresentam terraços.

Sítios de arte rupestre também se agrupam em quatro conjuntos, aproveitando pequenos abrigos e paredões existentes no curso inferior dos riachos afluentes, a alguma distância da confluência com o São Francisco, ou no topo do platô, a pouca distância da escarpa. A jusante de Xingó, o rio sai do cânion e a paisagem abre-se para a planície do seu curso inferior.

Os sítios de referência

Os três sítios, Jerimum, São José II e, sobretudo, Justino, fornecem a maioria das informações, por apresentarem variado material arqueológico, inclusive centenas de estruturas funerárias. A quantidade de artefatos e estruturas, no entanto, não é grande, registrando-se nesses sítios densidades de 0,1 a 0,8 vestígios líticos por metro quadrado, dependendo dos níveis. Mesmo os sepultamentos parecem pouco numerosos, quando se consideram os vários milênios durante os quais foram frequentados. Dessa forma, e considerando que quase todos os locais passíveis de implantação humana no cânion foram explorados pelo Projeto Arqueológico de Xingó, pode-se pensar que a ravina era percorrida de modo apenas extensivo e episódico, mesmo durante os últimos milênios – para os quais se dispõe de datações para seis sítios.

De um modo geral, os níveis mais profundos são atribuídos a populações de “caçadores-coletores”, dos quais se pode se supor que, no contexto local, tenham sido, de fato, essencialmente pescadores. Há cerca de 4.500 BP apareceriam vestígios de uma cerâmica local – tratando-se do conjunto mais antigo no Brasil fora da Amazônia. Para os pesquisadores da UFS, essa tecnologia estaria associada a horticultores – o que, como frisamos em capítulos anteriores, não passa de uma hipótese. Nos níveis superficiais, alguns fragmentos de potes considerados intrusivos sugerem uma presença ou uma influência tupiguarani.

O sítio *Justino* foi o local das escavações mais extensas: um terço do terraço de 1.500 metros quadrados foi escavado, até uma profundidade máxima de 6,4 metros. No entanto, o espaço utilizado na pré-história pode ter sido maior, já que o rio São Francisco esteve erodindo seu barranco nos últimos séculos. Um dos mais antigos níveis de ocupação (nível arbitrário 40, a 4,1 metros de profundidade) foi datado pelo radiocarbono em 8.980 ± 70 BP. Um metro abaixo, ainda se encontram esqueletos e instrumentos líticos, que devem ter idade maior. Os vestígios superficiais, por sua vez, datam do período pré-histórico final, já que uma amostra do nível 3 foi datada em 1.280 BP.

- Nos níveis arbitrários inferiores (43 a 60) encontraram-se seis esqueletos – três deles femininos, dois masculinos; um jovem não pôde ter seu sexo determinado. Os demais vestígios são líticos, totalizando 47 peças (menos de três por nível). Essa faixa temporal corresponde ao que C. Vergne chamou de “cemitério D”.
- Logo acima, os níveis 34 a 42 não apresentam mais inumações, mas a quantidade de material lítico cresce, com 551 peças (61 por nível).
- Parece haver uma interrupção de ocupação, ou uma frequência muito discreta, entre os níveis 33 e 24, depositados entre cerca de 4.500 e cerca de 6.000 BP, quando se encontram apenas 49 peças líticas (cinco vestígios por nível). Alguns fragmentos de cerâmica de superfície alisada ou polida foram encontrados entre os níveis 24 e 30, havendo uma datação de 5.570 BP para o nível onde foram encontrados pela primeira vez. A raridade desses fragmentos, no entanto, faz supor que possam ser intrusivos.

O sítio *Jerimum*, no terraço de 19 metros acima do rio, apresenta uma sequência muito semelhante, infelizmente sem datações. Três níveis com presença apenas de poucos vestígios líticos ocorrem em torno de 2,5 m, 3 m e de 4 m de profundidade respectivamente. Naquele de -2,5 m foram encontrados os mais antigos sepultamentos, assim como maior quantidade de material lítico e alguns fragmentos de cerâmica, provavelmente percolados. Os níveis superiores são de período ceramista.

Dessa forma, pode-se sugerir a chegada episódica de visitantes no cânion de Xingó entre 10.000 e 9.000 BP, com eventual uso funerário do Justino no final desse período. Os vestígios poderiam expressar uma frequência um pouco maior até 6.000 BP nesse sítio, seguido por um abandono até 4.500 BP, quando mortos recomeçam a ser enterrados no lugar. Paralelamente, a quantidade e a variedade de vestígios líticos aumentam muito, o que poderia traduzir tanto um aumento demográfico quanto uma utilização mais sistemática do cânion – ou ambas as coisas. Na falta de datações para os sítios *Jerimum* e *São José*, é impossível dizer se esses teriam alternado com o Justino como centros residenciais e funerários regionais, ou se toda a região teria sido ocupada em certos momentos e abandonada em outros.

Onze sítios foram considerados como “de habitação” – aparentemente, o critério para essa identificação foi a presença neles de pelo menos uma centena de vestígios; estruturas de combustão foram observadas em quatro deles. Vinte e oito sítios, com poucas dezenas de restos, foram considerados “de acampamento”. Todos esses locais apresentaram vestígios em alguns níveis (entre 2 e 8, cada um de 10 cm de espessura), intercalados por depósitos sedimentares estéreis.

É difícil ter uma ideia da evolução do quadro geral da ocupação da região, já que se dispõe de datações apenas para um sítio. Por outro lado, as primeiras publicações descrevem estruturas, esqueletos, vestígios de subsistência e artefatos mais por categoria classificatória do que por período cronoestratigráfico, dificultando a separação – inclusive entre as indústrias pré-cerâmicas e do período ceramista. Dessa forma, parte das informações que apresentamos a seguir pode não se aplicar exclusivamente aos níveis pré-cerâmicos.

Dispõe-se de mais de 210 esqueletos para os cemitérios de Xingó – todos os períodos reunidos. São 177 esqueletos completos no Justino e vários incompletos; 30 completos no *São José II* e 11 no *Jerimum*, que foram estudados por O. de Carvalho. Segundo a pesquisadora, ambos os sexos foram sepultados nos sítios, apresentando um forte dimorfismo. No sítio do Justino, menos de 30% dos corpos são de jovens e crianças, enquanto a porcentagem dessas alcança 47% em *São José*. Em todos os casos, quase todas essas crianças morreram antes dos 10 anos de idade (a maioria entre 5 e 10 anos); no entanto, nenhum corpo aparenta menos de um ano de idade. Como a maior mortalidade infantil costuma ocorrer justamente no primeiro ano de vida, isso poderia significar que os infantes não eram enterrados no local (talvez não fossem considerados membros de pleno direito da sociedade). Obviamente, deve ser também levada em conta a fragilidade dos ossos ainda pouco mineralizados, que podem ter desaparecido. A maior mortalidade entre os adultos ocorria dos 30 aos 45 anos.

Cerca de um terço dos esqueletos apresentou alguma patologia óssea. Destacam-se casos de treponematose e possível sífilis. Encontraram-se apenas duas fraturas (da clavícula e do braço, com calo forte). Processos degenerativos sugerem fortes tensões na parte inferior das costas – provavelmente constantes transportes de carga. O exame dos dentes mostra que eram muito utilizados como instrumentos, sobretudo os dentes superiores, cuja face lingual sugere que tivessem servido para raspar ou descascar vegetais abrasivos. Em todos os períodos a abrasão dentária foi intensa e rápida, sobretudo nos dentes da frente e nos dentes de leite. Muitos casos de hipoplasia foram registrados. A grande presença de cáries sugere uma predominância dos vegetais na dieta, enquanto a abrasão aponta para uma forte influência de elementos fibrosos, provavelmente raízes e tubérculos em amido. Carvalho nota também indícios de carências vitamínicas.

Os corpos foram depositados em fossas rasas, geralmente em flexão forçada, mas não são raros os esqueletos estendidos em decúbito dorsal. Eram a seguir recobertos por terra, de forma que os ossos ficaram em conexão.

Os sepultamentos nem sempre se espalham ao acaso nos níveis arqueológicos. No Justino, os mais antigos ("cemitério D") concentram-se na parte norte do sítio, próximos a manchas escuras contendo vestígios alimentares. Mesmo assim, não caracterizam um local específico como um verdadeiro cemitério, pois os poucos corpos encontrados parecem ter sido depositados ao longo de vários séculos.

Manchas escuras, fogueiras e estruturas de pedras

As estruturas de combustão são raras nos níveis arqueológicos de Xingó. No sítio Justino, foram registradas apenas 27 fogueiras nos 1.265 metros quadrados escavados em vários metros de espessura. Como estão, sobretudo, concentradas nos níveis cerâmicos, serão descritas em outro capítulo.

Vestígios alimentares

Apenas uma parte dos restos faunísticos foi publicada, e sem discriminação entre os níveis. A. Palmeira fornece algumas indicações sobre os cerca de 22.000 vestígios, provenientes de 10 sítios, sobretudo Curitiba e Justino (nesse, com exclusão da fauna dos sepultamentos). Os ossos de peixes são os mais numerosos (pequenos e grandes siluriformes da família dos *Pimelodidae*), juntamente com os de mamíferos (entre os quais predominam os roedores, tatus e macacos). Os restos de aves são raros e os de anfíbios (sapos e rãs) e répteis não são considerados como restos alimentares pelo autor. Foram identificados fragmentos de concha de *Megalobulimus*, particularmente embaixo dos vasos emborcados nos sepultamentos e nas cinzas das fogueiras – onde poderiam ter-se enterrado espontaneamente, pois não apresentam sinais de queima. Ocorrem também valvas de *Unionideae*.

No sítio Jerimum, foram estudados quase 8.000 vestígios encontrados nos dois setores onde se concentram os sepultamentos. Comportam essencialmente animais de pequeno porte. Somente puderam ser identificados 986 vértebras de peixes (vértebras de Characiformes e Siluriformes), 332 ossos e fragmentos de mamíferos (preás, mocós, tatus, capivara), 27 de répteis (geralmente lagartos), 5 de aves e 1 de anfíbio. Alguns restos de caramujo (*Megalobulimus*), de bivalvas (*Hyriidae*) e de crustáceo completam o quadro, que tanto deve incluir restos alimentares quanto vestígios de animais que viviam no local.

A indústria lítica

Ela foi parcialmente estudada por vários autores, cujas descrições são por vezes contraditórias. De qualquer forma, elas convergem no sentido de identificar práticas expeditas.

A principal matéria-prima, o quartzo, é abundante no leito dos córregos intermitentes afluentes do São Francisco. Era trabalhado quase sempre na bigorna, assim como o arenito. Aproveitavam-se também seixos. O sílex, por sua vez, era trazido na forma de seixos pequenos, talvez desde a região de Paulo Afonso.

Encontram-se núcleos de arenito e quartzo, algumas lesmas, raros raspadores retocados e alguns seixos lascados. A maior parte do material é formada por lascas brutas. Uma única ponta bifacial foi encontrada – no limite entre o componente pré-cerâmico e o componente ceramista.

Assinalam-se algumas lâminas de machado de granito. Vimos, ao visitar os laboratórios do Museu Arqueológico de Xingó, uma lâmina de hematita compacta, que teria de ser importada de longe (do estado da Bahia ou até por via fluvial, do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais).

Valvas de *Unionideae* foram utilizadas como godês para pigmentos e algumas dezenas de fragmentos de hematita apresentam marcas de raspagem.

O registro rupestre regional

Embora não seja possível datar os painéis pintados e gravados da região, é provável que pelo menos parte deles seja anterior ao aparecimento da cerâmica; assim, apresentá-los-emos neste capítulo.

Duas dezenas de conjuntos rupestres foram localizadas na altura do cânion, seja no platô (levantados por C. Vergne), seja ao longo dos riachos afluentes do grande rio (esses analisados por S. Martinelli). A maioria dos painéis pintados encontra-se nas regiões mais altas e, particularmente, no platô, mas isso pode decorrer da destruição de pinturas pelo rio nas partes baixas inundáveis. Em compensação, é inegável que as gravuras concentram-se em zonas de altitude menor, particularmente ao longo do riacho do Talhado (na margem alagoana) e do Poço Verde (margem sergipana), enquanto não haveria motivo para elas serem destruídas em regiões mais altas. Essa oposição na localização das técnicas é, portanto, significativa. Não há sítio rupestre com sedimento que possa ser escavado ao pé dos painéis, e as superposições são raríssimas, insuficientes para que se possa propor sequer uma cronologia relativa consistente. Dessa forma, não se pode dizer se as marcantes diferenças temáticas e estilísticas entre os registros refletem uma distância cronológica, uma oposição sociológica ou até étnica entre seus autores.

De forma geral, nota-se a raridade das representações claramente figurativas e, particularmente, de cenas. Entre os poucos animais, foram registrados apenas um cervídeo, uma onça, possíveis lagartos, alguns pássaros de asas abertas e contornos que poderiam evocar a cara de uma onça. Figuras "tridátalas" poderiam ser representações de pisadas – uma interpretação reforçada pela existência de mãos carimbadas em outros sítios, evidenciando a prática da sinédoque pelas populações pré-históricas locais. As representações humanas são também minoritárias. Algumas são apenas alusivas: algumas mãos, agrupadas em quatro sítios, e possíveis representações de pisadas. No entanto, existem figuras realmente antropomorfas, geralmente agrupadas, embora sem compor cenas explícitas. Podem ser lineares ou compactas, sendo estilisticamente muito díspares. Destaca-se, no sítio Talhado III, o que parece ser uma cara gravada de personagem com adornos auriculares. A grande maioria do registro é, portanto, constituída por formas que podem ser qualificadas de "geométricas": alinhamentos de círculos ou de losangos, retângulos com barras internas, zigue-zagues e "bastonetes".

Seria interessante verificar se não haveria, em cada setor da região (curso de um riacho, ou agrupamento de matacões, no platô), um sítio principal, com um número de figuras maior, enquanto as demais paredes recebem uma quantidade limitada de grafismos, mesmo quando os croquis dos pesquisadores sugerem que haveria espaço para mais. No platô, a equipe da UFS encontrou um sítio maior (Letreiro) pintado e três agrupamentos compostos por dezenas de pequenos afloramentos rochosos. Nesses, a maioria das pequenas superfícies abrigadas apresenta grafismos geométricos vermelhos – geralmente menos de uma dezena. Parece provável que os grafismos de Xingó tenham sido produzidos em vários momentos, alguns dos quais poderiam ser caracterizados pela temática e pelas formas de representação.

Certos conjuntos de figuras geométricas comportam losangos alinhados, elementos pectiformes ou retângulos cheios de barras internas verticais – alguns dos quais parecem se transformar em figuras humanas interligadas (como ocorre na Cabeceira do Talhado). Evocam elementos característicos das unidades estilísticas que imperam durante o Holoceno médio na Bacia do Médio Rio São Francisco (tradição *São Francisco* e complexo *Montalvânia*), porém sem apresentar outros elementos das mesmas. É difícil saber se seriam estilos aparentados ou se se trata apenas de uma convergência.

Algumas grandes figuras antropomorfas, com pés e mãos detalhados, evocamos "bonecões" característicos da tradição *Agreste* (sítio Letreiro, no platô), à qual poderiam se atribuir também os grafismos relativamente elaborados e as mãos carimbadas do sítio 1 do Vale dos Mestres. A essa tradição atribui-se também uma idade do Holoceno médio. Poderia levantar-se a hipótese de que os grafismos descritos acima seriam os mais antigos da região e teriam sido produzidos por populações de caçadores-coletores, no momento em que o sítio do Justino apresenta poucos – ou nenhum – vestígios.

As figuras pintadas semilunares com apêndices superiores (barco, luas, cestas?), particularmente típicas dos sítios de Carnaúba dos Dantas (RN), onde estão aparentemente relacionadas à subtradição *Seridó*, são numerosas no sítio Marimbondo, mas sem associação à figura humana. No sítio da Malhada Grande (painel 319) aparece também um tema dessa subtradição, que poderia então estar associada aos primeiros ceramistas.

Finalmente, parece haver na região manifestações do que chamamos de “tradição *Geométrica meridional*”, caracterizada por grafismos gravados tridátulos (que sugerem ora pisadas de ave, ora triângulos pubianos femininos) e conjuntos de *cupules*, como nos sítios Marimbondo (painéis 1 e 2), Vale dos Mestres III e Riacho, ao longo dos pequenos cursos de água, e no conjunto 356 da Fazenda Novo Mundo, no platô. Sendo essa tradição geralmente considerada recente, os grafismos poderiam estar associados aos ceramistas responsáveis pelos “cemitérios A” e/ou “B” do terraço do Justino. De qualquer forma, na falta de datações, de análise das pátinas e das (raras) superposições, é impossível testar atualmente essa hipótese de sucessão temática. Mais evidente é a composição dos grafismos que parece articular certos painéis de forma a compor cenas, cujo sentido nos escapa. Por exemplo, na Curva do Talhado, uma grande figura central vertical estrutura o espaço, flanqueada por grafismos que poderiam representar o sol e a lua. De cada lado, no alto, opõem-se duas duplas de aves, enquanto, na parte inferior do registro, imperam os grafismos pectiformes cuja orientação varia de um lado para outro e enquadram dois pequenos seres antropomorfos. Fantasiando a partir de mitologias indígenas modernas, poder-se-ia interpretar esse quadro como uma evocação dos primeiros humanos, prestes a escalar o céu guardado por aves de rapina (fig. 168).

Da foz do rio São Francisco ao litoral do Rio Grande do Norte

Faltam infelizmente pesquisas na foz do rio São Francisco e no litoral de Sergipe e Alagoas, embora uma bela peça bifacial, divulgada por S. Amâncio e descrita por E. Fogaça, tenha sido encontrada perto de Laranjeiras, no estado de Sergipe (fig. 51).

Os sítios líticos em dunas do Rio Grande do Norte

No litoral do Rio Grande do Norte, perto de Natal, grandes dunas ainda não fixadas de 30 a 40 metros de altura alternadamente recobrem ou revelam grandes extensões de material lítico espalhado na superfície de dunas antigas fixadas (Formação Barreiras). Essas ocorrências erodidas cobrem quilômetros a fio. O material arqueológico pode ser avistado desde as imediações da praia até três quilômetros terra adentro. Infelizmente, as peças mais elaboradas são coletadas pelos turistas, existindo até um “turismo arqueológico” na região. Infelizmente, não houve trabalho sistemático por parte dos arqueólogos, embora levantamentos preliminares tenham sido feitos por P. T. Albuquerque e W. Spencer.

Os vestígios líticos lascados são de sílex, calcedônia e arenito silicificado. Essas matérias-primas tiveram de ser trazidas de fora das dunas, pois não existem afloramentos rochosos a menos de 20 quilômetros da praia. Não se pode, no entanto, excluir a possibilidade de que afloramentos hoje submersos fossem disponíveis há mais de 7.000 anos. Esses sítios de dunas observados, todos erodidos, não puderam ser datados, mas correspondem obviamente a um longo período de frequência. Não ocorrendo cerâmica, é possível que todos sejam anteriores à adoção dessa técnica – embora possam haver também vestígios deixados por grupos de caçadores em expedições de curta duração, que não levariam objetos pesados.

Os seixos de quartzo são geralmente intactos e poderiam não ser instrumentos, sendo, então, objetos de valor simbólico. Segundo as descrições de P. Albuquerque e as ilustrações feitas por M. Lopes Silva, a indústria lítica apresenta peças de alta qualidade. Além de núcleos, de percutores (mostrando a realização de lascamento nas dunas) e de lascas brutas, particularmente de retoque (inclusive por pressão, segundo os

autores), encontra-se uma grande quantidade de furadores, raspadores, raspadeiras, assim como instrumentos plano-convexos: plainas espessas e belas “lesmas” finas. As ilustrações mostram a existência também de verdadeiras lâminas de pedra (ocorrência excepcional na pré-história brasileira). Não foram achadas pontas bifaciais – seja que não fossem produzidas pelos autores dessa indústria; seja que fossem inúteis para as atividades realizadas perto do mar; seja que os amadores tenham, há tempo, coletado preferencialmente essas peças tão características e populares entre os colecionadores do mundo inteiro. Caso tenha havido produção de pontas nesse ambiente, um estudo detalhado dos resíduos de lascamento deveria permitir identificar as características lascas de adelgaçamento.

Foram identificadas algumas acumulações de blocos de pedra (os autores não mencionam as matérias-primas) que, *a priori*, poderiam ser tanto reservas de matéria-prima quanto bigornas ou trempes. Instrumentos polidos são lâminas de machado de gnaïsse ou sillimanita e mãos de pilão, assim como almofarizes (um deles, de quartzo). Foram ainda registrados pingentes e contas de colar de cor verde (quartzo verde e amazonita).

P. Albuquerque e W. Spencer informam ainda a presença de alguns instrumentos feitos de concha. Sua preservação destaca o fato de que não há nenhum indício de coleta de mariscos, nenhuma lente de valvas nessa região.

O mais antigo sítio do Espírito Santo

Pouco se sabe sobre as ocupações antigas do leste dos estados de Espírito Santo e Bahia. A datação mais antiga do estado do Espírito Santo (6.880 BP, no sítio Suruacá 20, município de Santa Leopoldina) corresponde a uma indústria de quartzo debitado essencialmente sobre bigorna, com algumas lascas transformadas em pontas bifaciais foliáceas alongadas ou com pedúnculo e aletas. Escavado por C. Perota, o sítio ocupa os contrafortes da serra, e não se conhecem ainda sítios de ocupação da planície litorânea atrás da orla ocupada pelos sambaquianos.

Os sítios do sudeste do Piauí

Os níveis holocênicos dos abrigos da Serra da Capivara não receberam tanta atenção quanto os depósitos pleistocênicos. Fornecem, no entanto, informações importantes, particularmente sobre a antiguidade da arte rupestre na região. Foram também descritas interessantes estruturas de pedra, além das indústrias líticas do início do Holoceno. Por outro lado, a acidez dos sedimentos depositados nos numerosos abrigos abertos no arenito destrói os vestígios ósseos, fazendo com que poucos restos esqueléticos tenham sido encontrados – quase todos nos afloramentos calcários residuais que margeiam a Serra da Capivara.

A Serra da Capivara

Na Toca da Janela da Barra do Antonião foi encontrado o esqueleto mais antigo do Nordeste: um adulto que parece ter sido esmagado pela queda de um bloco quando estava sentado perto de uma fogueira, cujos carvões foram datados em 9.670 BP. Nota-se que, no mesmo sítio, um osso de megafauna foi datado em 6.270 BP. Essa data, a mais recente atualmente disponível para um desses animais extintos, precisaria ser confirmada por outras formas para ser aceita definitivamente. Dois esqueletos foram encontrados na Toca do Paraguaio. Um deles era de uma mulher, enterrada em cova rodeada por pedras e recoberta por uma estrutura de combustão que proporcionou uma datação de 8.670 BP. O outro corpo foi datado em 7.000 BP.

Os níveis holocênicos não perturbados de outro abrigo, o sítio do Meio, são datados entre 9.286 (camada IV) e mais de 7.240 (camada VIII) BP. As camadas IV e V apresentam poucos vestígios lascados, entre os quais um núcleo e lascas diversas – algumas delas retocadas, inclusive uma peça plano-convexa de tipo “lesma”. A densidade de material aumenta com as camadas VI e VII, onde foram localizadas duas oficinas de lascamento. Numa delas, milhares de fragmentos de quartzo, alguns de quartzito e de sílex estavam acumulados no meio

de placas de siltito utilizadas como bigornas. Na outra, raspadores, peças denticuladas e lesmas misturavam-se com núcleos e percutores. Na camada VI foi encontrada uma lâmina de machado polida em diorito. Atribuiu-se a esse achado uma datação de 9.200 BP – idade comparável, portanto, aos achados de Lagoa Santa e da Serra do Cipó, em Minas Gerais. Encontraram-se também dois fragmentos de cerâmica em estrutura datada de 8.960 BP. Tratando-se de tão poucas peças e de uma data que seria a mais antiga possivelmente associada à olaria para toda a América, espera-se uma publicação detalhada do achado, que demonstre não se tratar de material infiltrado. Finalmente, várias plaquetas de arenito pintadas caíram provavelmente do paredão nas camadas VIII e VI (entre 7.000 e 9.000 BP). Apresentam vestígios de figuras antropomorfas e alinhamentos de bastonetes. Duas interessantes estruturas são relatadas por P. de Melo. Uma delas, datada de 8.920 BP, é delimitada por vários seixos recobertos por blocos de arenito. Em seu centro estava um bloco de pigmento mineral com marcas de raspagem; ao redor foram encontradas cerca de mil sementes de *piboca* (uma gramínea) perfuradas, compondo um colar de quatro voltas, no meio do qual estavam espalhados dentes de leite humanos. Outra estrutura, pouco mais recente (8.805 BP), era formada por blocos de arenito dispostos verticalmente e delimitando uma elipse dividida em dois compartimentos por uma placa transversal, ela também em posição vertical. Um deles estava pavimentado por pequenos seixos, enquanto um único seixo grande ocupava o segundo. Mais de 160 coprólitos – entre animais e humanos – foram encontrados nos níveis do Pleistoceno final e do Holoceno. Seu conteúdo polínico sugere um ambiente arborizado entre 12.200 e 8.000 BP, enquanto os polens de árvores diminuem muito em frequência a seguir. Alguns coprólitos humanos, datados em cerca de 8.000 anos, apresentam sinais de infecção por ancilostomídeos.

O sítio do Baixão do Perna 1 foi provavelmente um local estratégico em períodos secos, pois oferecia um caldeirão de água em sua área (mais tarde recoberto pela sedimentação), além de se encontrar a pouca distância de outro caldeirão a céu aberto (atualmente, a única fonte de água permanente no entorno). Apresenta densos vestígios de ocupação datados entre 11.000 e 5.000 BP. Desde a base ocorrem pigmentos, que poderiam ser associados à prática de arte rupestre. De fato, um painel inteiro de pinturas foi encontrado soterrado abaixo de uma camada datada em 4.900 anos e acima de outra datada entre 7.000 e 10.000 BP. As figuras teriam sido pintadas, portanto, pelo menos 7.000 anos atrás. As figuras enterradas são todas biomorfas e incluem temas típicos da tradição *Nordeste*. As pinturas zoomorfas comportam um pequeno grupo de emas, três cervídeos e uma representação de onça. As figuras antropomorfas compõem cenas: várias formam uma corrente vertical (tema dos “equilibristas”); duas compõem a cena “dorso a dorso” com sinal tridátilo; algumas enfileiram-se de forma estática como se estivessem assistindo a um espetáculo, enquanto outras agitam-se individualmente. São figuras pequenas (entre 5 e 15 cm), mas entre as quais se destacam, por seu tamanho maior (entre 25 e 50 cm), *uma* das representações antropomorfas, *uma* das emas, *um* dos veados e a *única* onça.

Nesses níveis inferiores encontra-se uma indústria lítica típica da fase *Serra Talhada*, definida por N. Guidon para o Holoceno antigo da região. Citam-se lascas simples, facas, lesmas, furadores, lâminas e lamelas, de sílex, quartzo e quartzito. Os núcleos são poliédricos.

Descritos por F. Parenti, os níveis holocênicos do Boqueirão da Pedra Furada apresentam, sobretudo, registros da fase *Serra Talhada* (10.000/7.000 BP), ocorrendo também vestígios da fase *Agreste*, imediatamente posterior (7.000/5.000 BP). O abrigo parece ter sido abandonado a partir de 5.000 BP. Os níveis da fase *Serra Talhada* são caracterizados pela presença de grandes fogueiras. A mais antiga, datada em 9.800 BP, é reforçada por placas de arenito fincadas obliquamente na areia; outras, por volta de 8.000 BP, têm mais de dois metros de diâmetro e estão cercadas por seixos de 5 a 15 cm de diâmetro. Algumas, menores (cerca de 70 cm de diâmetro), apresentam uma cova central profunda de cerca de 40 centímetros de profundidade, cheia de seixos queimados, no meio dos quais se preservaram fragmentos de ossos humanos e faunísticos, sugerindo um fogão de tipo “polinésio”.

A indústria lítica da fase *Serra Talhada* comporta muitas lascas de quartzito e, secundariamente, de quartzo, além de peças menos numerosas de calcedônia e sílex. Quartzito e quartzito, como matérias locais, foram debitados *in situ*; dos núcleos extraíam-se poucas peças (80% deles apresentam menos de seis cicatrizes de lascamento). Os núcleos de sílex e de calcedônia, por sua vez, eram principalmente debitados fora do abrigo, onde chegavam já descorticados, sendo abandonados quando esgotados e de tamanho muito reduzido. As lascas de sílex desse período são relativamente pequenas (a média do comprimento mal atinge 3 cm e o peso varia entre 20 e 50 g), por vezes laminares. Muitas teriam sido extraídas por percussão orgânica, e apresentam talões finos e bem preparados. Os instrumentos formais são pouco numerosos, sendo a grande maioria feita de calcedônia e sílex. Os mais robustos foram feitos sobre seixos lascados de quartzito (*choppers*, plainas, peças com reentrância). Os instrumentos mais sofisticados (lesmas e raspadeiras simples ou duplas, peças com bico) eram feitos de calcedônia ou de quartzito (esse, neste caso, preparado termicamente). Segundo Parenti, seus suportes alongados e espessos eram extraídos sobre bigorna e suas pré-formas talhadas fora do abrigo, mas eram retocados na Pedra Furada. Os instrumentos mais delicados, todos de calcedônia, são raspadeiras, *raclettes*, peças com bicos ou ponta curta, e muitos deles foram achados quebrados. Apesar da relativa pobreza dos níveis em instrumentos formais, as características da indústria *Serra Talhada* são condizentes com a tradição *Itaparica*. Aos autores dessa indústria atribuem-se os grafismos pintados também do complexo *Serra Talhada*, caracterizada pela presença de pequenas figuras antropomorfas organizadas em cenas, frequentemente associadas a figuras de cervídeos.

Mais recentes, os níveis *Agreste*, por sua vez, apresentam lascas de sílex e calcedônia maiores (o tamanho médio é de 4 cm e o peso médio, de 140 g), porém não apresentam tendência laminar. Os talões não mostram sinal de preparação. As peças retocadas costumam ser feitas de quartzito ou quartzo. São geralmente atípicas (a maioria sendo denticulada; há também lascas corticais retocadas e *raclettes*). Nota-se, no entanto, a presença de uma lesma de quartzito – menos simétrica e cuidada que aquelas dos níveis *Serra Talhada*. Considera-se que, ao mesmo tempo em que se desenvolvia a indústria que acabamos de descrever, teriam sido pintadas as três figuras do sítio atribuídas à tradição *Agreste*: dois desenhos antropomorfos e uma pintura de ave, que apresentam uma baixa qualidade de execução.

Embora tenhamos aqui, por razões didáticas, tentado salientar as diferenças entre as indústrias *Serra Talhada* e *Agreste*, F. Parenti frisa que não haveria ruptura total entre elas, mas uma mudança qualitativa de alguns atributos.

Uma ponta bifacial de quartzo com aletas – a única conhecida para todos os sítios da região – foi encontrada em contexto estratigráfico duvidoso. Pode-se supor que seria um objeto de curiosidade adquirido de outro grupo, pois também não se encontram resíduos da fabricação de artefatos bifaciais.

Vários sítios líticos a céu aberto foram identificados no parque, contudo são todos superficiais e não oferecem elementos de datação.

O registro rupestre regional é essencialmente encontrado nos abrigos onde se podem ver as pinturas das tradições *Nordeste* e *Agreste*. Nesses últimos anos, no entanto, verificou-se a presença também, nas mesmas paredes, de numerosas gravuras – muito discretas por serem rasas – que tinham escapado às primeiras pesquisas. Teriam sido executadas entre dois momentos de pintura. Alguns pisos e paredes abrigados apresentam também gravuras geométricas profundas, que incluem sulcos e cupules. Formam figuras simples como tridátulos e asteriscos (Roça do sítio do Brás 1); por vezes triângulos vulvares muito evidentes e talvez um pênis (Toca do Buraco do Pajéu, Toca da Igrejinha). Esses painéis apresentam as mesmas características que aquelas manifestações espalhadas no sul e no oeste do Brasil, e que chamamos *tradição Geométrica*. Gravuras ocorrem também a céu aberto, em blocos de micaxisto e granito ao longo de alguns cursos d'água. Essas são atribuídas por pesquisadoras nordestinas a uma tradição *Itacoatiara*, da qual falta uma definição mais precisa.

A Serra das Confusões

A recente extensão das pesquisas da Fumdam para a Serra das Confusões, não muito longe da Serra da Capivara, levou à descoberta de um cemitério na Toca do Enoque. Esse abrigo apresenta uma arte rupestre muito diversificada, que inclui um painel de gravuras incisas (tridátilos), representações antropomorfas e figuras geométricas pintadas em vermelho (grades, losangos, círculos concêntricos) evocando os sítios do Médio São Francisco.

As escavações evidenciaram duas estruturas funerárias do Holoceno médio. O sepultamento 1 apresentava uma fossa de 1,5 metro, cavada profundamente na areia e forrada com uma espessa camada de folhas de capim e sementes. O corpo de um adulto foi deitado nessa espécie de cama, alongado em decúbito dorsal. Na altura do pescoço encontraram-se um fragmento de casca e sementes perfuradas que deviam compor um colar. Perto da mão esquerda foram depositadas uma concha, uma plaqueta de pigmento mineral e uma lasca de quartzo. Na pelve colorida de vermelho encontraram-se quatro conchas de *Strophocheilideae*, assim como contas perfuradas que deviam pertencer a uma pulseira. Os vegetais foram queimados, transformando-se em carvões e cinzas, datados em 5.930 BP. Outra estrutura corresponde a uma fossa coletiva de 3 x 2 metros, dentro da qual foram sepultadas dez pessoas (quatro adultos, dois adolescentes e quatro crianças) em três “momentos”. Essa cova também estava forrada de capim, posteriormente queimado. Restos de trançados e o que poderia ser um poste sugerem que os corpos, estendidos, poderiam estar embrulhados dentro de uma rede. Se a identificação das fibras como algodão for confirmada, isso comprovaria uma antiguidade muito grande da utilização – e, possivelmente, de cultivo – desse vegetal. Dez dos mortos estavam com colares ou pulseiras feitos com contas e pingentes feitos de osso e dentes perfurados de animais. Blocos de pigmento vermelho tinham sido colocados perto do crânio, sobre o tórax e por vezes nos membros. Três dos mortos estavam acompanhados por placas de barro enfeitadas por conchas de bivalves ou fragmentos de osso; as fotografias sugerem que esses elementos foram fixados por pressão. Duas datações, de 6.610 e 6.220 BP, colocam essa estrutura na mesma faixa temporal que o sepultamento 1. Muito bem preservados (alguns apresentam ainda restos de cabelos e pele), esses corpos, assim como aqueles de Buritizeiro, vêm em boa hora fornecer o conjunto esquelético que faltava para o Holoceno médio.

Segundo a nota prévia já publicada, a indústria lítica da Toca do Enoque seria formada essencialmente por lascas de quartzo e de sílex. Foram encontrados também percutores e batedores.

O interior dos estados do Rio Grande do Norte e de Pernambuco

Os sítios do Rio Grande do Norte

Perto de Parelhas, o abrigo do Mirador oferece uma superfície abrigada de 300 metros quadrados e 40 metros de parede pintada. Vários sepultamentos de crianças foram encontrados em nível datado de 9.410 BP. Os ossos, parcialmente cremados, estão associados a colares de osso e de conchas marinhas (o mar está distante uma centena de quilômetros). A indústria comporta lascas de quartzo brutas, assim como peças de sílex finamente retocadas, associadas a restos malacológicos (*Anostomum depressum*, *Oxistyla pulchella*, *Cyclodontina inflatus*, *Rectilabus sp.*). O abrigo foi ainda episodicamente utilizado como local de sepultamento entre 4.710 e 4.160 BP e, finalmente, entre 2.890 e 2.620 BP.

Outro sítio escavado da mesma região, o amplo abrigo da Pedra do Alexandre, aberto no micaxisto, foi utilizado entre 9.400 e 2.860 BP. Apresenta pinturas de estilo *Seridó*, talvez relacionadas à ocupação rica em pigmentos datada entre 5.000 e 4.000 BP. As escavações evidenciaram 19 sepultamentos correspondendo a três momentos: 8.200 BP (um único corpo), entre 4.200 e 5.800 BP e cerca de 2.500 BP. Adultos e crianças estavam deitados em decúbito lateral em fossas reforçadas por blocos de pedra; os ossos mostram sinais de aquecimento

moderado. Duas dessas fossas continham respectivamente dois e quatro esqueletos. Contas de colar cilíndricas e pingentes de osso de veado ornavam cinco dos mortos; um deles levava consigo um apito de osso.

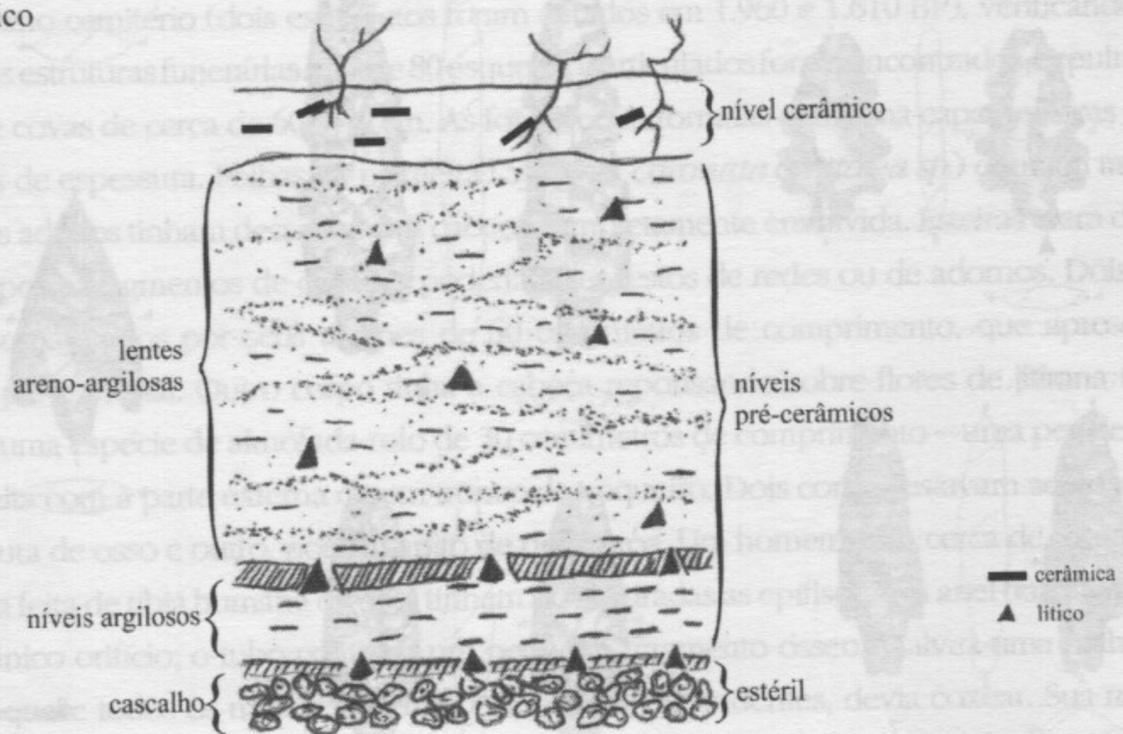
No município do Lajedo da Soledade, perto de Apodi, uma formação residual de calcário com altura de poucos metros cobre uma superfície de dois quilômetros quadrados. É entalhada por uma rede de galerias cársticas larga de poucos metros na base, que se alarga um pouco numa altura de 1,5 metro, criando pequenos abrigos laterais baixos, pouco profundos, cujo piso forma um estreito patamar aplainado. O teto de muitos desses espaços abrigados foi decorado com pinturas, enquanto seu piso polido foi gravado. Os painéis pintados apresentam estilos variados, e um deles mostra superposições de figuras vermelhas e pretas com temas distintos. Embora os pesquisadores do Nordeste as atribuam coletivamente à “tradição *Agreste*”, elas correspondem, provavelmente, a vários momentos de decoração com objetivos diferentes. Em certos locais (no microcânion “das Araras”), as pinturas são exclusivamente vermelhas, entre elas dominando, em certos locais, marcas de mãos carimbadas, com a palma cuidadosamente decorada (há dois padrões: linhas concêntricas e “espinha de peixe”), acompanhadas por “asteriscos” e linhas barradas. Em outros microabrigos dominam pinturas também vermelhas de araras em voo acompanhadas por sinais pectiformes (em forma de pente), retângulos gradeados e raros carimbos discretos. Abrigos do microcânion “do Urubu”, por sua vez, apresentam pinturas vermelhas e amarelas, associadas a linhas paralelas divagantes, cujo traçado evoca o contorno de seres vivos – um padrão também encontrado em certos sítios de Central (BA) –, ou figuras retangulares concêntricas vermelhas e pretas, que se completam ou se sobrepõem. Na ravina do Peninha, os temas e a utilização da bicromia evocam a tradição *São Francisco*. Na ravina da Dodora 1, as figuras geométricas também evocam figuras do Médio São Francisco. Na “Capelinha”, imperam desenhos geométricos angulosos. As gravuras também variam segundo os locais, embora sejam sempre feitas com a mesma técnica (incisão profunda de linhas retas) e não pareçam formar desenhos figurativos. No cânion das Araras, formam tridátulos, asteriscos e figuras em espinha de peixe – os mesmos motivos encontrados nas pinturas do teto. No microcânion do Olho d’Água, as linhas incisivas estão associadas com pequenas *cupules* polidas, recortadas por *cupules* maiores, picoteadas (possivelmente mais recentes). Um emaranhado de linhas incisivas cobre certas superfícies de forma aparentemente desordenada, enquanto linhas curtas formam um asterisco organizado na extremidade de um longo sulco axial e associado a *cupules* polidas. Como a base do afloramento é sazonalmente inundada por fortes correntes de água, não há sedimento *in situ* que permita uma escavação estratigráfica e não se dispõe de nenhum elemento para associar esses variados grafismos a níveis enterrados. L. Pacheco e P. T. de Albuquerque, no entanto, observaram que as mãos carimbadas sempre sobrepõem os demais tipos de grafismos, e assim caracterizariam a última fase de decoração. Frisam também que todos os espaços disponíveis não foram ocupados pelos grafismos, sendo necessário estudar as razões que levaram a privilegiar alguns em detrimento de outros.

Em várias partes do estado do Rio Grande do Norte não houve formação de abrigos naturais; é, portanto, difícil encontrar sítios de referência com ocupações estratificadas e bem caracterizadas. Por outro lado, existem grandes pavimentos detríticos com seixos de jaspe e calcedônia. Foram explorados como fonte de matéria-prima, sendo fácil encontrar extensas oficinas de extração e teste de material. A maior parte dos produtos dessa indústria de seixos, ainda não descrita, parece ser bastante tosca, sendo por vezes difícil discriminar os instrumentos de acidentes naturais. No entanto, existem artefatos bem característicos no meio dos pseudo *choppers* e *chopping tools*. Em 1981, V. Tassone, então arqueólogo responsável pelos projetos arqueológicos do Museu Câmara Cascudo, forneceu-nos as informações seguintes a respeito das pesquisas que estava realizando juntamente com T. O. Miller nesses pavimentos: “O projeto de salvamento no Vale do Rio Açu fez com que fosse encontrado dentro de uma matriz arenosa um grande número de seixos fraturados, trazidos das ravinas pelos homens pré-históricos. As peças retocadas são muito raras,

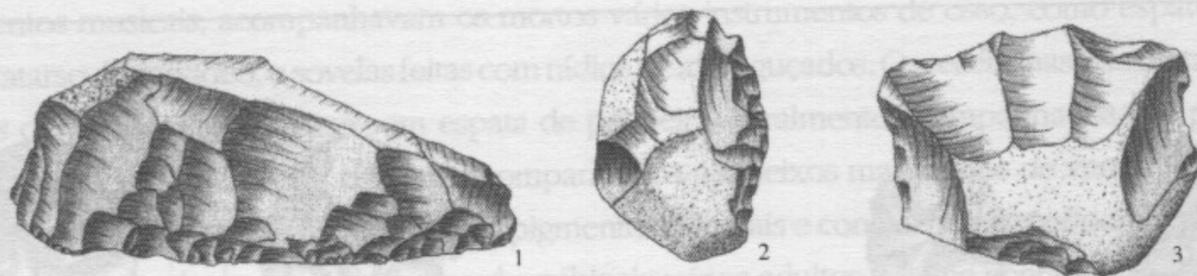
destacando-se algumas lascas de sílex e jaspe, cuja fonte se encontra a 50 quilômetros. As numerosas sondagens foram testes estratigráficos de pequenas dimensões; no entanto, em dois deles foram observadas marcas de postes espaçados regularmente". Nesse projeto, "o sítio Angico forneceu uma estratigrafia bem nítida (fig. 49); embaixo dos níveis com cerâmica que ocupam os 40 centímetros superiores, vários componentes pré-cerâmicos aparecem dentro de lentes argilo-arenosas depositadas pelo rio. Na base das mesmas, uma camada de argila contém os dois níveis líticos mais antigos, datados de 8.000 e 9.000 BP. A base do sítio é formada por um cascalho estéril. O nível arqueológico inferior caracteriza-se por uma indústria de lascas retocadas unifacialmente, às vezes plano-convexas, e poderia pertencer ao mesmo grupo das outras indústrias com lesmas do Holoceno inicial (tradição *Itaparica*) encontrado em vários estados do Brasil central e nordestino. Em uma das sondagens, esse nível inferior apresentou uma fogueira circular ao redor da qual estava espalhado o refugo de debitage; havia marcas de postes na região periférica. O sítio Angico poderia ser, portanto, um dos mais interessantes para a reconstrução cultural do Rio Grande do Norte". G. Martin, por sua vez, menciona – provavelmente a partir de informações fornecidas por T. Miller – a importância, nesses sítios de "cascalheira" do rio Açu, do lascamento bipolar para trabalhar os seixos de jaspe e quartzo.

Figura 49 - Pré-cerâmico do Rio Grande do Norte I

Sítio do Angico



a partir de V. Tassone e T. O. Miller



1 a 3- peças líticas em sílex do sítio Angico RN

O leitor terá notado a quase completa ausência de referência a pontas de projétil bifaciais nos sítios apresentados até agora. De fato, parece que a maioria dos caçadores-coletores holocênicos usava pontas de matérias orgânicas. Entre o Seridó e Apodi foram, no entanto, encontradas por amadores, em superfície,

magníficas pontas de 6 a 13 centímetros de comprimento, feitas de sílex ou de quartzo. Várias estão conservadas no Museu de Mossoró. Algumas delas apresentam bordas denticuladas e aletas bem formadas, enquanto outras são mais alongadas, com discreto ombro. Segundo M. J. Rodet, que está estudando essas peças, as pré-formas, depois de façoadas, teriam sido aquecidas e posteriormente retocadas, o que caracteriza uma das duas únicas ocorrências confirmadas de tratamento térmico conhecido no Brasil (fig. 50).

Figura 50 - Pontas e bifaces do Rio Grande do Norte II



1 a 5- pontas de projétil de sílex Mossoró - RN; 6 a 8- Pontas de projétil em quartzo, Mossoró - RN;
9 e 10- pré-formas ou bifaces? (quartzo), Mossoró - RN

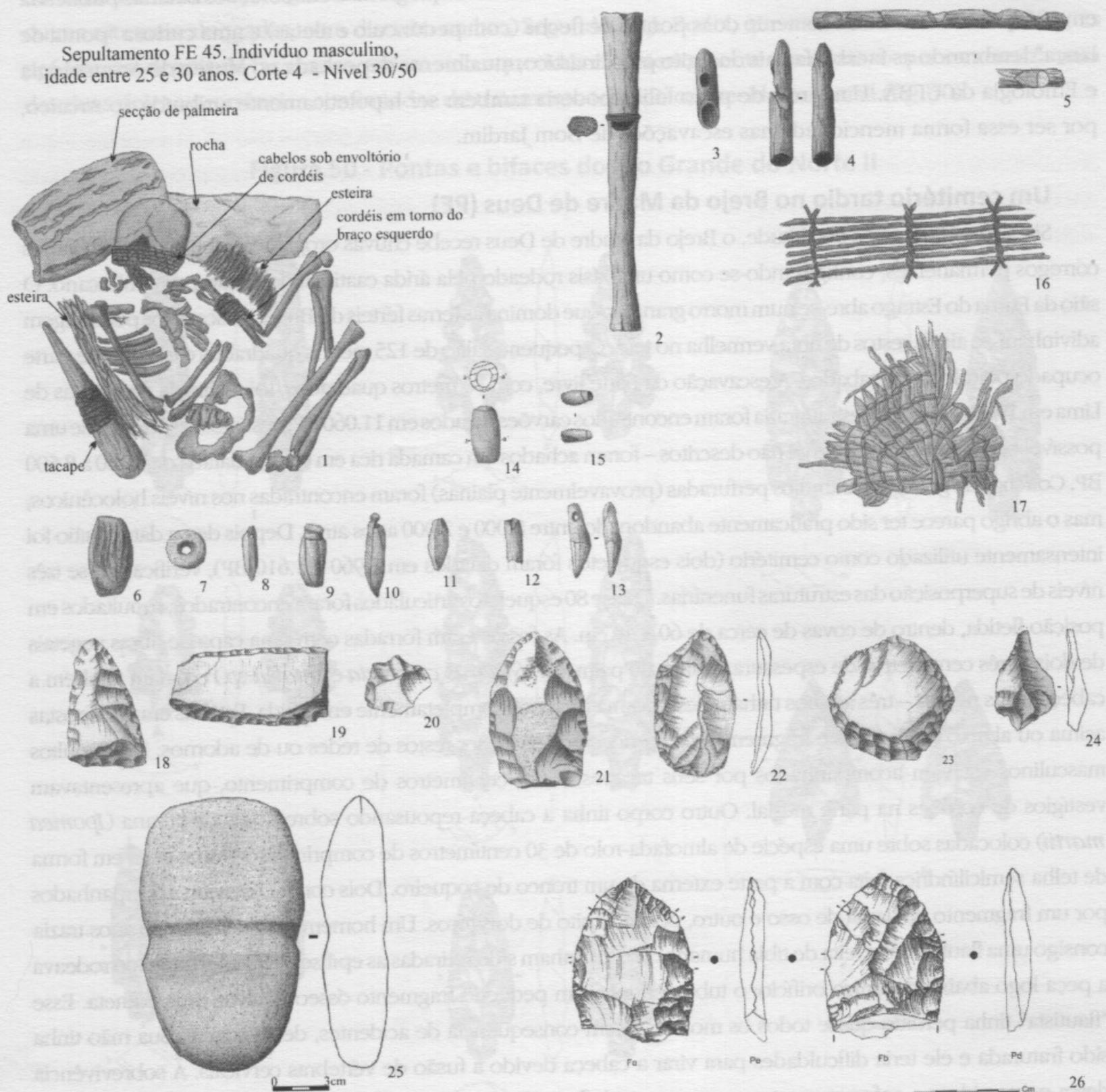
No norte do estado da Bahia, V. Calderón menciona também a presença de algumas pontas achadas fortuitamente – que ele não chegou a ilustrar. Na sua revisão da bibliografia e das coleções baianas publicada em 1958, C. Ott encontrou somente duas pontas de flecha (com pedúnculo e aletas) e uma curiosa “ponta de lança” lembrando as facas bifaciais do Egito pré-dinástico, atualmente depositada no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA. Uma mão de pilão fálca poderia também ser hipoteticamente atribuída ao Arcaico, por ser essa forma mencionada nas escavações de Bom Jardim.

Um cemitério tardio no Brejo da Madre de Deus (PE)

Situado a 600 metros de altitude, o Brejo da Madre de Deus recebe chuvas orográficas que alimentam vários córregos permanentes, configurando-se como um oásis rodeado pela árida caatinga do sertão pernambucano. O sítio da Furna do Estrago abre-se num morro granítico que domina as terras férteis do Brejo. Mascarados pela fuligem adivinham-se ainda restos de tinta vermelha no teto. O pequeno salão de 125 metros quadrados é em grande parte ocupado por blocos desabados. A escavação da parte livre, com 76 metros quadrados, foi realizada por J. Dias de Lima em 1983. Na base da estratigrafia foram encontrados carvões datados em 11.060 BP; vestígios associados de uma possível ocupação – infelizmente não descritos – foram achados em camada rica em cinzas, datada de 9.150 a 8.500 BP. Conchas de grandes caramujos perfuradas (provavelmente plainas) foram encontradas nos níveis holocênicos, mas o abrigo parece ter sido praticamente abandonado entre 8.000 e 2.000 anos atrás. Depois dessa data, o sítio foi intensamente utilizado como cemitério (dois esqueletos foram datados em 1.960 e 1.610 BP), verificando-se três níveis de superposição das estruturas funerárias. Quase 80 esqueletos articulados foram encontrados, sepultados em posição fletida, dentro de covas de cerca de 60 x 40 cm. As fossas eram forradas com uma capa de fibras vegetais de dois a três centímetros de espessura. Folhas de palmeira (*Syagrus coronata* e *Attalea* sp.) cobriam também a cabeça ou as pernas – três adultos tinham dessa forma a cabeça completamente envolvida. Esteiras eram dispostas acima ou abaixo dos corpos e fragmentos de cordões poderiam ser restos de redes ou de adornos. Dois adultos masculinos estavam acompanhados por seus tacapes de 60 centímetros de comprimento, que apresentavam vestígios de cordões na parte mesial. Outro corpo tinha a cabeça repousando sobre flores de jirirana (*Ipomea martii*) colocadas sobre uma espécie de almofada-rolô de 30 centímetros de comprimento – uma peça em forma de telha semicilíndrica feita com a parte externa de um tronco de coqueiro. Dois corpos estavam acompanhados por um fragmento de flauta de osso e outro, por um apito de dois furos. Um homem com cerca de 50 anos trazia consigo uma flauta inteira feita de tibia humana da qual tinham sido retiradas as epífises. Um anel trançado rodeava a peça logo abaixo do único orifício; o tubo continha um pequeno fragmento ósseo – talvez uma palheta. Esse “flautista” tinha perdido quase todos os molares e, em consequência de acidentes, devia coxear. Sua mão tinha sido fraturada e ele teria dificuldades para virar a cabeça devido à fusão de vértebras cervicais. A sobrevivência dessa pessoa idosa e enferma mostra que a comunidade tinha condições de manter membros defeituosos. Além dos instrumentos musicais, acompanhavam os mortos vários instrumentos de osso, como espátulas, feitas com costela e metatarso de cervídeo, e sovelas feitas com rádios de ave aguçados. Os recém-nascidos estavam colocados em cestinhas de fibras vegetais feitas com espata de palmeira, geralmente acompanhados por pigmentos – ou com o crânio colorido. Vários deles estavam acompanhados por seixos manchados de vermelho; dois neonatos traziam também contas de amazonita. Blocos de pigmentos minerais e conchas de *Strophocheilidae* cheias de pó colorido foram encontrados perto do crânio e do púbis de vários adultos. J. Lima contabilizou 667 elementos de adorno, sobretudo contas de osso, mas também de concha. Uma mulher jovem estava enterrada com nove contas de *Olivella* (um minúsculo gastrópodo marinho, cuja concha tinha de ser trazida desde pelo menos 200 km) e 62 dentes de felinos perfurados. Mais raramente os adornos eram sementes perfuradas, pingentes de argilito vermelho ou de amazonita. Segundo J. Lima, as contas acompanhavam os esqueletos do nível intermediário de enterramento, enquanto os cordões estariam associados aos corpos do nível superior.

Figura 51 - Pré-cerâmico do Nordeste

Sepultamento FE 45. Indivíduo masculino, idade entre 25 e 30 anos. Corte 4 - Nível 30/50



1, 6 ao 17- Sítio Furna do Estrago - Brejo Madre de Deus - PE (Jeanete D. Lima 1986). 6 e 7- contas de sillimanita. 8 a 11- pingentes em silito argiloso. 12- conta óssea. 13- conta em canino de felino. 14- conta em concha da família *Olividae* (marinha). 15- conta em concha *Olivella Nivea* (marinha). 16- fragmento de esteira. 17- fragmento de cestaria; 2 a 5- a partir de C. Bucco (1999) 2- flauta de tibia (Furna do Estrago / Brejo Madre de Deus PE). 3- apito de osso de ave (Pedra do Tubarão Venturosa PE). 4- apito de osso de ave (Pedra do Alexandre RN). 5- flauta de madeira (Toca da Extrema II PI); 18 a 21- Chã do Caboclo PE (pesquisas de F. Laroche). 18- sílex. 19 e 21- quartzo. 20- quartzito 22 A 24- Gruta do Padre - Petrolândia PE; 25- sítio do Meio São Raimundo PI (9.200 BP.); 26- Sítio Feijão SE (desenho E. Fogaça 2008)

A indústria lítica não foi estudada. Os restos faunísticos também carecem de estudo – apenas menciona-se a existência de marcas de corte em ossos de lagartos. Uma amostra de restos vegetais foi analisada por A. V. Menezes, que identificou, entre as contas de colar, sementes de gindiroba (*Fevilla trilobata*, uma cucurbitácea) e de pequi (*Caryocar*). Os cordões eram feitos de caroá (uma bromélia, *Neoglaziovia variegata*). A pesquisadora frisa que sementes de gindiroba, uma planta da qual se extrai um chá analgésico, foram encontradas com uma pessoa que apresentava sinais de artrose: teria viajado para o Além com seu remédio. Outra planta medicinal presente no sítio é a ameixa de espinho (*Ximenia sp.*), cuja amêndoa tem virtudes purgativas.

No entanto, as sementes mais abundantes são de palmeiras (ouricuri, catolé). Ocorrem também vestígios de caju, jatobá e favela (*Cnidosolus sp.*), uma Euphorbiacea que fornece óleo e uma farinha nutritiva. Destacaremos a ausência, na amostra, de restos de macambira – uma planta regional muito consumida, que poderia ter desempenhado um papel importante na alimentação. Talvez isso se deva ao fato de que ela é utilizada na forma de farinha, a qual não se teria conservado.

O. Carvalho menciona o fato de que, ainda no período histórico, os índios Tapuia do litoral pernambucano costumavam ir sazonalmente ao Brejo de Madre de Deus para coletar grandes quantidades de caju, gastando uma semana nessa viagem. Talvez fosse esse um costume milenar que explique a presença de conchas marinhas.

Os restos ósseos humanos sugerem ter havido uma forte endogamia e 58% dos esqueletos apresentam alguma anomalia genética – entre essas, um número anormal de vértebras (verificado em 36% dos indivíduos). Os dentes apresentam forte abrasão e poucas cáries. Várias fraturas do pé poderiam resultar de quedas de árvores (pensa-se no caju e na busca de penas para adornos).

O magnífico sítio da Furna do Estrago preservou uma quantidade excepcional de artefatos em materiais perecíveis e mereceria uma publicação detalhada – que não foi realizada até agora em razão do falecimento da arqueóloga responsável. Apresenta um exemplo de como a classificação que opõe ceramistas e não ceramistas pode ser pouco operacional. Com efeito, o cemitério que acabamos de descrever foi utilizado entre 2.000 e 1.500 BP, num período em que a cerâmica era amplamente utilizada em várias áreas do Nordeste. No entanto, nenhum vestígio de vasilha de barro foi encontrado na gruta em associação com os pisos e estruturas dessa época. Significaria isso que os usuários da gruta não conheciam a existência da cerâmica? Ou que a desprezavam ao ponto de não adquiri-la? Ou, ainda, indicaria apenas que os mortos não precisavam dela e não se deixariam com eles artefatos usados nas aldeias dos vivos? Não tendo sido encontrados sítios habitacionais a céu aberto da mesma época na região do Brejo, não há como responder a essa indagação. Por outro lado, podemos lembrar que vários elementos encontrados no Brejo (inclusive o fato de embrulhar a cabeça em vegetais) se parecem com rituais praticados pelos ceramistas do Vale do Rio Peruaçu, poucos séculos mais tarde.

Os homens do planalto durante o período "arcaico": antropologia biológica

Excluindo a região de Lagoa Santa e da Serra do Cipó, onde mais de 200 esqueletos de adultos foram coletados dentro de quase 20 sítios, estudados principalmente por M. Alvim e S. Ferraz (hoje, Mendonça de Souza) e mais recentemente por W. Neves e sua equipe, os restos humanos ósseos interioranos do Holoceno inicial analisados por bioantropólogos são ainda pouco numerosos. Dessa forma, as coleções quantitativamente representativas são aquelas relativas à chamada “raça de Lagoa Santa”, cuja presença foi verificada, sobretudo, no estado de Minas Gerais. No entanto, vários esqueletos da mesma faixa de antiguidade, encontrados no Nordeste, parecem apresentar elementos morfológicos semelhantes: seja no estado da Bahia (pesquisas de C. Cartelle na Lapa da Onça, perto de Jacobina), seja no Piauí (esqueleto da Barra do Antonião). Os esqueletos dos dois cemitérios do Holoceno médio (Buritizeiro e Serra das Confusões) ainda não foram publicados, de forma que não se dispõe de uma amostra suficiente para caracterizar as populações desse período. O período pré-histórico tardio (4.000/1.500 BP), por sua vez, é bem representado no Nordeste, com as séries de quatro sítios: Justino, São José 1, Jerimum (Xingó), estudados por O. de Carvalho, e Furna do Estrago (Pernambuco), descritos por S. Mendonça de Souza.

A população mais antiga, dita “de Lagoa Santa”, é caracterizada por sua grande homogeneidade, tanto nas características morfométricas (dimensões dos ossos) quanto nas particularidades epigenéticas (caracteres encontrados episodicamente nos indivíduos, que não chegam normalmente a afetar uma porcentagem significativa da população, mas que se tornaram dominantes no centro de Minas Gerais).

Apresentando um dimorfismo sexual moderado e um aspecto geral muito grácil, os esqueletos da população de Lagoa Santa apresentam um crânio muito alongado no sentido ântero-posterior (hiper e ultradolicocéfalia), sendo essa característica mais acentuada nas mulheres do que nos homens, o que é raro nas populações indígenas modernas. A fronte é larga (eurimetopismo) e abaulada, enquanto as órbitas são grandes e de forma quadrada, havendo uma grande largura intraorbitária (olhos bem separados) e um nariz largo e curto. O forâmen magno é praticamente largo. A capacidade craniana é média: a maior parte dos crânios tem capacidade entre 1.200 e 1.400 cm³ (havendo uma diferença média de 135 cm³ entre os sexos, em benefício dos homens). No esqueleto pós-craniano destacam-se os ossos longos, muito achatados. Há uma torção incomum do ângulo colo-diáfise do fêmur, e a bacia é particularmente estreita. A mandíbula tem um comprimento mediano e demonstra uma certa fragilidade, aparentemente incompatível com as inserções da musculatura frontal, fato cuja interpretação será discutida mais adiante. Não se nota *torus* mandibular, enquanto a presença desse traço é frequente nas populações pré-históricas brasileiras mongolizadas.

Entre os caracteres epigenéticos, impressionam a presença de terceiro trocânter no fêmur (protuberância óssea, normalmente ausente no homem) e a presença marcante (mais de 56%) de uma perfuração da fossa óleo-craniana (no úmero, na região do cotovelo). A sacralização da sexta vértebra lombar é também frequente nos homens de Lagoa Santa. Em Santana do Riacho, a frequência de forame esternal e de variações vertebrais é excepcionalmente elevada.

Essa população pré-histórica, uma das mais bem definidas na América, faz parte do grupo dos Láguídos, definido por Eiksedt e Imbelloni, ou paleoíndio para os autores modernos, caracterizado pela dolicocefalia e a fraca mongolização. A estatura era um pouco abaixo da média. Para os homens, a altura média, calculada pelo comprimento dos ossos longos, é de 1,62 metro, sendo para as mulheres de 1,51 metro.

Vimos, no capítulo anterior, que W. Neves e H. Pucchiarelli mostraram nos anos de 1990 que a morfologia craniana dos lagoa-santenses era extremamente arcaica. Próxima daquela dos primeiros *H. sapiens*, difere muito da dos indígenas modernos e dos esqueletos disponíveis para o Holoceno tardio.

Algumas particularidades nos fornecem informações indiretas sobre os hábitos dessa população. Por exemplo, a robustez da musculatura frontal, apesar da fraqueza da mandíbula, somente pode ser explicada pelo transporte de peso em cestas seguradas por uma fita frontal.

A frequência de cárie dentária, presente em 40% dos indivíduos (afeta também dentes decíduos), é anormalmente elevada tratando-se de uma população não urbana. Mesmo admitindo uma influência de fatores genéticos, a probabilidade de uma alimentação rica em hidrocarbonatos é grande, indicando, portanto, uma importância da coleta de vegetais, provavelmente bem maior que a caça. O grande tamanho dos terceiros molares e seu desgaste confirmam a adaptação a uma alimentação predominantemente vegetal.

A abrasão dental não é muito grande, a não ser um gasto particular dos incisivos nas mulheres, indício de um uso artesanal (pode ser provocado pelo hábito de segurar fitas de couro ou de palha entre os dentes durante a fabricação de recipientes, por exemplo). A abrasão de origem alimentar afeta, sobretudo, os incisivos e primeiros molares, não indo além dos 3° e 2° graus de Brocca em geral. Sua orientação indica movimentos mastigatórios predominantemente ântero-posteriores. No entanto, as cáries, os granulomas e cistos provocaram uma porcentagem significativa de expulsões dentárias. Somente as populações de dois abrigos apresentaram maior higidez dentária, talvez por terem ocupado territórios ecologicamente mais diversos, que proporcionavam alimentação melhor, sendo periféricos em relação à região cárstica (abrigos de Santana do Riacho e de Eucalipto).

Os astrágalos (ossos do calcanhar) apresentam uma faceta articular suplementar, sinal de que os lagoa-santenses deviam andar na planta externa dos pés, como as mulheres de algumas tribos brasileiras atuais (Nambikwara). Enfim, a existência de um terceiro trocânter seria um fator adaptativo em grupos obrigados

a empreender longas marchas. Em todo caso, o alto grau de homogeneidade da população e a difusão dos caracteres epigenéticos apontam para uma forte endogamia, seja pela ausência de populações vizinhas, seja pela instituição de casamentos preferenciais, como entre primos cruzados. M. Alvim observa que a homogeneidade maior das mulheres em relação aos homens sugere uma residência uxorilocal dos casais (os homens indo morar com os parentes da esposa).

O estudo da patologia óssea evidenciou a presença de osteomielites em Santana do Riacho, onde S. Mendonça de Souza destaca um caso muito forte e de longa duração, atingindo vários ossos de um mesmo indivíduo. A presença de periostites em mais de 10% da população desse mesmo sítio sugere uma forte exposição a infecções. Em compensação, osteoartrites foram raras e benignas em Santana, mesmo entre indivíduos idosos (mais de 40 anos). Essa característica contrasta muito com a frequência elevada desses problemas entre as populações dos sambaquis (no litoral) ou da Furna do Estrago (no Nordeste). Tanto jovens quanto adultos, mulheres e homens evidenciam fraturas pequenas e compressivas, que podem tanto decorrer de quedas quando de pancadas; os ossos mostram sempre uma boa recuperação e uma boa remodelação óssea. Não se registram, nesse sítio, as fraturas mais graves notadas em diversos abrigos de Lagoa Santa. Em diversos sítios observaram-se uma fratura mandibular (Lapa Mortuária de Confins), três casos de deformação dos côndilos mandibulares e glenoides e ainda a infecção de um temporal, chegando a destruir o meato auditivo. Um dos esqueletos conservados em Copenhague apresenta vestígios de doenças articulares no joelho. As frequentes linhas de Harris, detectadas através de radiografia, evidenciam a existência de desequilíbrios cíclicos, seguidos por satisfatórias respostas orgânicas. Radichi apontou, entre os jovens de Santana do Riacho, um atraso na erupção dos molares, em relação à da bateria anterior e da formação dos ossos, dificultando a avaliação da idade.

A demografia merece também novos estudos. Se o abrigo de Santana do Riacho for representativo do conjunto da população, parece que o número das crianças de menos de oito anos é sensivelmente o mesmo dos adultos, enquanto não há quase mortalidade durante a adolescência. Os homens morrem um pouco mais idosos do que as mulheres (nenhuma dessas teria ultrapassado os 30 anos), mas não chegam à velhice. Um indivíduo "senil" foi, no entanto, identificado por S. Hansen, na coleção de Copenhague.

A frequência relativamente alta de crianças entre três e sete anos, em Santana do Riacho, é dificilmente explicável dentro dos padrões normais dos caçadores-coletores, entre os quais a mortalidade infantil concentra-se, sobretudo, nas crianças de menos de dois anos. Nota-se nos lagoa-santenses um certo atraso no fechamento das suturas ósseas, que poderia resultar de uma má nutrição crônica, hipótese reforçada pelas marcas de interrupção de crescimento encontradas frequentemente nos casos longos, por S. Ferraz ("linhas de Harris").

As peculiaridades morfológicas acima mencionadas, entre outras a dolicocefalia extrema que afeta até as crianças, mostram que a raça de Lagoa Santa era pouco mongolizada. Esse fato não tem nada de estranho, considerando a grande antiguidade de sua aparição no Brasil, pelo menos no limite Pleistoceno-Holoceno. Contudo é muito curioso verificar a ausência total de evolução para uma forma mais moderna, mesmo nos exemplares mais recentes (crânio n° 2 de Santana, cerca de 8.000 BP). Interpretando erroneamente os dados fornecidos por H. D. Walter em 1958, acreditamos, inicialmente, que o Homem de Lagoa Santa teria sobrevivido até o período cerâmico. De fato, não se tem mais testemunho arqueológico dessa população datado depois de 8.000 ou 7.000 BP. Mesmo assim, houve uma estabilidade morfológica impressionante durante um período da ordem de 7.000 anos.

Alguns casos particulares devem ser, no entanto, discutidos: já mencionamos, no capítulo anterior, os fragmentos de frontais que Hela Pösch atribuiu a uma raça distinta, mas que entrariam na margem de variação individual aceitável. H. Walter, A. Cathoud e A. Mattos atribuíram também seu famoso "Homem

de Confins” a outra raça, por causa do seu exagerado prognatismo. Verificou-se, posteriormente, que esse resultava de uma reconstituição imperfeita da face. Nessas condições, as únicas peças da região de Lagoa Santa ou do Cipó que não pertencem à população acima descrita são dois fragmentos de occipital apresentando protuberâncias iníacas externas e impressões musculares exageradas na região nugal. Foram encontrados na Lapa Mortuária, evidenciando que o isolamento dos homens de Lagoa Santa não foi total.

Feições que lembrem os antigos “lagoa-santenses” são por vezes ainda encontradas em sítios arqueológicos Itararé, do Paraná (atribuídos às populações proto-Jê), porém raramente entre os atuais indígenas brasileiros, a não ser nos Nambikwara, que apresentam uma série de similaridades na morfologia e, também, ao que parece, na postura e nos hábitos culturais.

Segundo W. Neves, os crânios de esqueletos retirados pela equipe da UFMG no Vale do Rio Peruaçu, embora pouco numerosos, sugerem que, desde 6.000 BP, populações de feições mais modernas já existiriam no interior durante o Arcaico recente. Apresentam uma morfologia mongolizada, relativamente próxima daquela dos esqueletos – um pouco mais recentes – dos sambaquis litorâneos. Espera-se que a análise, ainda em fase inicial, dos numerosos esqueletos de Buritizeiro e da Serra das Confusões mostre se essa mudança populacional já estava generalizada no Brasil central e nordestino.

Dentre os mais de 200 esqueletos procedentes dos sítios de Xingó, os poucos datados do início do Holoceno (cemitério “D” do sítio Justino) não eram bastante preservados para permitir um diagnóstico de proximidade genética. A grande maioria dos corpos pertence ao período situado entre 4.000 e 2.000 BP. Segundo O. de Carvalho, esses esqueletos apresentam uma grande homogeneidade, feições modernas, com braqui e mesocrânios. Todos mostram uma face larga, com o nariz largo e curto; apresentam um forte dimorfismo sexual. A altura dos homens variava entre 1,58 e 1,66 metro, enquanto a das mulheres oscilava pouco, entre 1,55 e 1,57 metro. A robustez era mediana. As medidas cranianas e faciais aproximam os antigos habitantes de Xingó dos sambaquieiros, afastando-os tanto da população dita de Lagoa Santa quanto dos Botocudos históricos.

Os esqueletos do Brejo da Madre de Deus, examinados inicialmente por M. Alvim e S. Ferraz Mendonça de Souza, revisitados por O. de Carvalho, apresentam crânios carenados, forte braquicefalia, uma face achatada, frente alta e um nariz largo. A estatura média dos homens oscila ao redor de 1,60 metro, enquanto a das mulheres era um pouco menor (cerca de 1,55 m).

As pesquisas dos últimos anos confortam, portanto, o reconhecimento de uma oposição morfológica entre as populações biologicamente arcaicas, dominantes no Holoceno antigo, e as populações indígenas modernas do Holoceno superior. Falta ainda definir as modalidades da passagem entre as duas – substituição maciça, absorção de uma pela outra ou evolução *in situ*.

Reflexões sobre as ocupações holocênicas pré-cerâmicas

No final do Pleistoceno, os focos populacionais devem ter sido poucos e dispersos durante a fase de instalação no território que corresponde ao Brasil atual, embora fosse necessário manter densidades locais suficientes para assegurar um estoque genético viável. Dessa forma, os sítios correspondentes aos pioneiros devem ser escassos, e são dificilmente encontrados. A partir do período de transição entre o Pleistoceno e o Holoceno (12.000/10.000 anos atrás), a densidade demográfica deve ter aumentado fortemente, permitindo preencher espaços vazios entre os núcleos de povoamento – o que explica a multiplicação dos sítios reconhecidos. A presença humana torna-se inquestionável nesse período, com o registro de indústrias líticas bem caracterizadas (a não ser quando matérias-primas de baixa qualidade interferem, tal como ocorre nos

conjuntos líticos obtidos a partir de cristais de quartzo pequenos, na região de Lagoa Santa). Esse fenômeno pode ser interpretado de várias maneiras. A primeira seria considerar que o continente estaria, de fato, vazio antes desse período. Isso parece improvável, pois as chances de se encontrar vestígios de populações pioneiras com fraca densidade e alta mobilidade são sempre escassas. Assim sendo, as ocupações datadas em 12.000 anos devem ter sido precedidas por outras, ainda não detectadas. Outra explicação seria considerar que aqueles cujos vestígios são encontrados pelos arqueólogos, por volta de 12.000/10.000 anos atrás, pertenceriam a uma população nova de imigrantes (aquela dita “de Lagoa Santa”), trazendo uma tecnologia diferente e mais elaborada de trabalho da pedra que seus antecessores chegados no Pleistoceno e, portanto, mais facilmente reconhecível. De fato, alguns achados parecem mostrar a existência de populações com uma tecnologia de lascamento muito simples entre mais de 20.000 e 12.000 anos atrás. A terceira seria que os descendentes dos pioneiros, ao aumentar a densidade de ocupação do espaço, teriam ficado presos dentro de “fronteiras” que delimitariam territórios cada vez mais estáveis para limitar a competição entre grupos agora vizinhos.

Com o término da alta mobilidade, teria tido início a era do aprofundamento do conhecimento do território próprio e dos seus recursos. Isso mudaria obviamente a percepção e a utilização dos recursos naturais, levando à implementação de novas formas de sobrevivência e inovações tecnológicas. De fato, os conhecimentos atuais não permitem escolher entre essas hipóteses – cada qual podendo ter uma parte de verdade, mesmo que seja apenas em nível regional. Salientaremos apenas que, no Brasil central, nordestino e Setentrional, a existência de um horizonte generalizado de sítios, na indústria batizada *Itaparica*, apesar de variações locais menores, vai no sentido das duas primeiras hipóteses. Todos os conjuntos *Itaparica* evidenciam um interesse pela obtenção de matérias de melhor qualidade e uma capacidade técnica para praticar um lascamento de qualidade razoável. Extração controlada de lascas, fabricação de instrumentos retocados formais cujo talhe e retoque envolvem preparação dos talões e percussão orgânica são características que mostram um gosto pelo trabalho da pedra. A amplitude de dispersão das ocorrências de tipo *Itaparica* não parece combinar muito com populações isoladas, fixadas localmente, em fase de diferenciação regional. Pelo contrário, implica em um intenso sistema de circulação de pessoas e/ou de conhecimentos tradicionais. Nota-se que às características generalizadas da indústria *Itaparica* não corresponde uma homogeneidade na arte rupestre. No estado atual dos conhecimentos, enquanto as manifestações antigas da tradição *Nordeste* se desenvolvem em algumas regiões nordestinas, outras partes do Brasil central ou nordestino não evidenciaram nenhum registro gráfico rupestre, enquanto algumas apresentam indícios muito diferentes daquela tradição. Por outro lado, a utilização – mesmo que episódica – dos abrigos naturais como cemitério é comum em certas regiões, mas não é generalizada.

A ruptura (mais ou menos abrupta, dependendo das regiões) entre as ocorrências “*Itaparica*” e as que lhe sucedem no Holoceno médio manifesta-se de diversas formas. Em primeiro, uma diminuição da intensidade de ocupação dos abrigos (ou, pelos menos, a diminuição de atividades geradoras de lixo arqueológico nos depósitos sedimentares); em segundo, um aumento das atividades pictóricas nas paredes. Em certos casos, essas expõem claramente a existência de grandes redes de comunicação de conteúdos ideológicos (que sustentam as unidades cronoestilísticas de grande extensão – por exemplo, a tradição *São Francisco*). No entanto, verifica-se também o desenvolvimento de estilos regionais (como certas manifestações do Lagedo da Soledade). Nesse período, o gosto por instrumentos formais e lascados de forma harmoniosa parece desaparecer, tornando-se provavelmente o lascamento da pedra apenas utilitário. Novas matérias tornam-se preferidas (a concha substituiria a pedra para raspar madeira). O investimento técnico-estético deve ter passado então a ser principalmente dirigido ao trabalho de outras matérias (madeira, fibras vegetais, osso, concha ou penas) ou às artes gráficas.

Ainda assim, não se pode opor totalmente um período marcado supostamente por uma total homogeneidade ao outro, caracterizando “desenvolvimentos regionais” com alta diversificação da cultura material e do mundo simbólico. Os achados do Holoceno médio apresentam também muitas características parecidas. Populações indígenas recentes, tais como os Guarani, nunca perderam sua mobilidade – mesmo quando espremidos no meio de uma densa sociedade envolvente.

Nota-se que, no sul do Brasil, não se verificou um processo semelhante que permita opor o Holoceno antigo ao Holoceno médio – talvez pelo fato de os sítios em estratigrafia estudados serem menos numerosos nessa região. Lá, o significado da variação entre indústrias (*Umbu, Humaitá*) e sua possível coexistência são pontos ainda em discussão. Quanto às manifestações rupestres, são muito esparsas nessa região meridional para sustentar hipóteses sobre contatos ou fronteiras. De qualquer forma, todos os modelos generalizantes para explicar as variações e as continuidades – seja no tempo, seja no espaço – parecem insatisfatórios, pelo menos no estágio atual dos conhecimentos.

A partir de 6.000/4.000 BP surgem vários indícios de atividades agrícolas: plantas alimentares em Buritizeiro e talvez Santana do Riacho, no Brasil central; algodão na Serra das Confusões, no Nordeste; representações de vegetais cultivados em vários sítios do estado de Minas Gerais. Podemos esperar que os achados documentando a presença de práticas agrícolas se multipliquem com as novas técnicas de análise de microrrestos vegetais em instrumentos e em dentes. Em toda parte, essa “neolitização” precede a utilização da cerâmica. Essa aparece desde pelo menos 4.000 BP em alguns locais do Nordeste; mesmo assim, sua utilização não parece generalizar-se antes de 2.000 ou 1.500 anos atrás – como sugere sua ausência do cemitério da Furna do Estrago. Assim sendo, fica amplamente demonstrada a independência entre a adoção da agricultura e a prática da cerâmica.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, P. T.; SPENCER, W. B. 1996 Ocupação pré-histórica do litoral norteriograndense. *Anais da 8ª Reunião Científica da SAB*, PUC-RS, Porto Alegre, Coleção Arqueologia, 1(2): 179-204.
- ARAÚJO, A.; NEVES, W. (org.). 2010 Lapa das Boleiras. Um sítio Paleoíndio do carste de Lagoa Santa, Brasil. São Paulo : FAPESP/Anablume, 221 p.
- ARAÚJO, A.; PILÓ, L.; NEVES, W.; ATUI, J. 2005/6 Human occupations and paleoenvironments in South America: expanding the notion of “Archaic Gap”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, USP, 15/16: 3-35.
- BARRETO, V A.M.F. 1996 *Interpretação paleoambiental do sistema de dunas fixadas do médio Rio São Francisco, Bahia*. São Paulo. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências, USP, 175 p.
- BETTINGER, R. 1993 *Hunter-Gatherers – Archaeological and Evolutionary Theory*. New York : Plenum Press, 3rd ed., 257 p.
- BIRD, R.; DIAS, O.; CARVALHO, E. 1991 Subsídios para a arqueobotânica no Brasil: o milho antigo em cavernas de Minas Gerais. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 6: 14-31.
- BITTAR, L. Homci 1992 A indústria lítica do sítio Pantera – BA. *Anais do 3º congresso ABEQUA*, Belo Horizonte, p. 363-380.
- BRYAN, A. 1978 Results of a test excavation at Lapa Pequena, Brazil. *Arquivos do Museu de História Natural*, UFMG, Belo Horizonte, 3: 251-325.
- BRYAN, A.; GRUHN, R. 1993 Archaeological Research at Six Caves or Rockshelters in Interior Bahia, Brazil. Corvallis, Center for the Study of the First Americans, Oregon State University.
- BUENO, L. de Melo Reis 2007 *Variabilidade tecnológica nos sítios líticos da região de Lajeado, médio Tocantins*. Suplemento 4 da *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, USP, 215 p.
- BUENO, L.; BARBOSA, Victor; GOMES, Wagner 2008 Resgatando Coleções: A Lapa Pequena de Montes Claros Revisitada. *Canindé* (MAX/UFS), 12: 47-80.
- CALDERÓN, V. (s.d.) *As tradições líticas de uma região do baixo médio São Francisco-BA*. Documento inédito II.3467 conservado no MAE-UFBA.

- CALDERÓN, V. 1969 Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudoeste do estado da Bahia. PRONAPA, resultados preliminares do segundo ano, p. 135-147.
- CALDERÓN, V.; JÁCOME, Y. D. B. A.; SOARES, I. Dorea 1989 *Projeto de Salvamento Arqueológico Itaparica do São Francisco - Relatório final*. v.1. Arqueologia, Salvador, 77 p.
- CARVALHO, O. de 2005 *Bioantropologie dès necrópoles de Justino et de São José II Xingó, Brésil*. Tese de Doutorado. Universidade de Genebra, 230 p. (uma versão em português foi publicada pelo Museu Arqueológico de Xingó em 2007).
- CHEUICHE, L. 1990 Sobre as práticas funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e nordeste de Minas Gerais. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, 17(20): 235- 247.
- ETCHEVARNE, C. A. *et al.* (doc: COL ITA 006) *Itaparica, - 10.000 anos de história*. CHESF-UFPE, livro de exposição.
- FOGAÇA, E. 2001 *Mãos para o pensamento*. Tese de Doutorado. PUC Porto Alegre, 440 p.
- GUIDON, N.; LUZ, M. da. 2009 Sepultamentos na Toca do Enoque (Serra das Confusões, PI). *FUMDHAMENTOS*, 8: 115-123.
- GUIDON, N.; PESSIS, A. M. 1996 Leviandade ou falsidade? Uma resposta a Meltzer, Adovasio e Dillehay. *FUMDHAMENTOS*, 1: 379-393.
- KIPNIS, R. 2009 Padrões de subsistência dos povos forrageiros do vale do Peruaçu. *Arquivos do Museu de História Natural UFG*, 19: 291-320.
- KOOLE, E. 2007 *Pré-história da Província cárstica do Alto São Francisco, Minas Gerais: a indústria lítica dos caçadores coletores arcaicos*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 139 p.
- LAHR, M. Mirazón; SOUZA, R. Guimarães 2006 Populações no tempo e no espaço: a origem da diversidade humana nas Américas. *In: SILVA, H.; CARVALHO, C. Rodrigues (org.). Nossa Origem: o povoamento das Américas – visões multidisciplinares*. Rio de Janeiro : Vieira & Lent, p. 135-159.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1979 Missions archéologiques franco-brésiliennes de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil: le grand abri de Lapa Vermelha. *Revista de Pré-História*, USP, 1: 54-89.
- LIMA, D. Dias 1985 *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus*. Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, 100 p.
- LINKE, V.; ISNARDIS, A. 2012 Arqueologia pré-histórica da região de Diamantina (Minas Gerais). *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, 21(1): 27-57.
- MACEDO NETTO, C. 1996 *A linguagem dos seixos: tecnologia e debitagem sobre seixos em dois sítios sob abrigo do sub-médio São Francisco*. Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, 151 p.
- MELO, P. Pinheiro de. 2007 *A transição do Pleistoceno ao Holoceno no Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. Tese de Doutorado. UFPE, Recife, 377 p.
- MENEZES, A. V. 2006 *Estudo dos macro-restos vegetais do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, 100 p.
- MIRANDA, R. 2013 *Lascadores da Serra do espinhaço. O sítio Garimpo do Turco em seu contexto regional, Diamantina, MG*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 126 p.
- MORALES, W. 2005 Doze mil anos de ocupação: um estudo de arqueologia regional na bacia do córrego Água Fria, médio curso do rio Tocantins. Tese de Doutorado. FFCL/MAE, USP, São Paulo, 312 p.
- NEVES, W.; ARAÚJO, A.; KIPNIS, R. 2012 Rock Art at the Pleistocene/Holocene Boundary in Eastern South America. *PLoS ONE*, 7(2): 281-287.
- NEVES, W.; BLUM, M. *et al.* 2009 Os remanescentes ósseos humanos do vale do rio Peruaçu, Minas Gerais: cura, caracterização geral e afinidades biológicas. *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, 19: 187-208.
- NEVES, W.; PILÓ, L. 2008 *O Povo de Luzia*. São Paulo : Ed. Globo, 334 p.
- NEVES, W.; POWELL, J.; PROUS, A.; OZOLINS, E. 1999 Lapa Vermelha IV Hominid 1: Morphological affinities of the Earliest Known American. *Genetics and Biomolecular Biology*, 22: 461-469.
- OLIVEIRA, D. Cisneros, 2003 *Práticas funerárias no nordeste do Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, 125 p.
- PACHECO, L.; ALBUQUERQUE, P. T. 2000 O Lajedo Soledade: um estudo interpretativo. *In: Tenório, M. C. (org.). Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, p. 115-133.
- PARENTI, F. 2001 *Le gisement quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil)*. Editions Recherches sur les Civilisations, 317 p. + il.
- PEROTA, C. 1995 *Pré-História do Espírito Santo. Os índios de Aracruz*. Vitória-ES.
- PESSENDA, L. C. R.; RIBEIRO, A. S.; GOUVEIA, S. E. M.; BENDASSOLI, J. A.; BOULET, R.; ARAVENA, R.; PELLEGRINOTTI, T. C. 2002. Isótopos do carbono de solos de Pernambuco e a reconstrução paleoambiental (vegetação e clima) de regiões de

- mata Atlântica, brejo do semi-árido e caatinga no Quaternário tardio. *In: Congresso Brasileiro de Geologia*, 16, João Pessoa, *Anais...* João Pessoa : SBG, p. 502.
- PROUS, A. 1992 Santana do Riacho – II. *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, 13, 420 p.
- PROUS, A. 1997 Archéologie du cours moyen du rio São Francisco (vallées des rios Peruaçu et Cochá). *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, 17: 19-67.
- PROUS, A. 2009 Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral. *In: PROUS, A.; RODET, M. J.* (ed.). *Arqueologia do Vale do rio Peruaçu e adjacências, Minas Gerais. Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico*, 19: 371-413.
- PROUS, A.; JESUS, S. ; MALTA, I. 1987 *Les peintures rupestres de la Toca do Índio, Andrelândia, Minas Gerais, Brésil.* Paris, Musée de l'Homme/Institut d'Ethnologie, Archives et Documents, microfiches R 87039479.
- PROUS, A.; MALTA, I. (coord.). 1991 Santana do Riacho – I. *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, 12, 384 p.
- PUGLIESE JR., F. 2007 *Os líticos de Lagoa Santa: um estudo sobre organização tecnológica de caçadores-coletores do Brasil central.* Dissertação de Mestrado. USP, 139 p.
- RODET, M. J.; PROUS, A.; BIARD, M.; XAVIER, L. 1996/97 Indústrias líticas recentes dos abrigos da região de Montalvânia. *Arquivos do Museu de História Natural-UFMG*, 17/18:211-242.
- SALLES, A. Dias; SOUZA, S. Mendonça; FERREIRA, L. F. 2006 Reconstituindo faces: revendo a História. *In: SILVA, H.; CARVALHO, C. Rodrigues* (org.). *Nossa Origem: o povoamento das Américas – visões multidisciplinares.* Rio de Janeiro : Vieira & Lent, p. 171-185.
- SCHMITZ, P. I. *et al.* 1989 Arqueologia nos cerrados do Brasil central: Serranópolis 1. *Pesquisas, Antrop.*, 44, 208 p.
- SCHMITZ, P. I. *et al.* 1996 Arqueologia nos cerrados do Brasil central: Sudoeste da Bahia e leste de Goiás – O Projeto Serra Geral. *Pesquisas, Antrop.*, 52, 198 p.
- SCHMITZ, P. I. *et al.* 2004 Arqueologia nos cerrados do Brasil central: Serranópolis 3. *Pesquisas, Antrop.*, 60, 287 p.
- SENE, G. A. Malerbe 1998 *Rituais funerários e processos culturais – os caçadores coletores e horticultores pré-históricos do noroeste de Minas Gerais.* Dissertação de Mestrado. USP, 254 p.
- SILVA, C. de Cerqueira 1992 Estudos de vestígios biológicos encontrados em três sítios arqueológicos de Itaparica. *Anais do 3º congresso ABEQUA*, Belo Horizonte, p. 381-388.
- SILVA, M. Lopes 2003 *Caracterização dos sítios arqueológicos em dunas do litoral oriental do Rio Grande do Norte, Brasil.* Dissertação de Mestrado. UFPE, Recife, 122 p.
- STRAUSS, A. 2010 *As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso depósito arqueológico 'Lapa do Santo'.* Tese de Doutorado. USP, 723 p.